

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

FILHOS DE MARIA: uma devoção masculina em torno à reza do terço

Elizabeth Raymunda de Carvalho Gontijo

Belo Horizonte

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

FILHOS DE MARIA: uma devoção masculina em torno à reza do terço

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Pedro Assis Ribeiro de Oliveira

Belo Horizonte

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

G641f Gontijo, Elizabeth Raymunda de Carvalho
Filhos de Maria: uma devoção masculina em torno à reza do terço / Elizabeth Raymunda de Carvalho Gontijo. Belo Horizonte, 2011.
110f. : Il.

Orientador: Pedro Assis Ribeiro de Oliveira
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Filhos de Maria de Itaúna (MG). 2. Devoção. 3. Rosário. 4. Maria, Virgem, Santa – Aparições. I. Oliveira, Pedro Assis Ribeiro de II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

CDU: 232.931.6

Elizabeth Raymunda de Carvalho Gontijo

FILHOS DE MARIA: uma devoção masculina em torno à reza do terço

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Prof. Dr. Pedro Assis Ribeiro de Oliveira (Orientador) – PUC Minas

Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira – PUC Minas

Prof. Dr. Afonso Tadeu Murad – FAJE/ISTA

Prof. Dr. Antonio Geraldo Cantarela – PUC Minas

Belo Horizonte, 30 de março de 2011.

À Geraldo e Dolores,
meus pais, devotos a Nossa Senhora.

AGRADECIMENTOS

Ao prof. Dr. Pedro Ribeiro por acolher e orientar a pesquisa. Através de urdidura ora visível, ora invisível, o experiente orientador foi capaz de me guiar na criação de conexões capazes de transformar fios brutos em trama apresentável.

Aos participantes da banca examinadora por aceitarem participar da defesa de minha dissertação.

Ao prof. Dr. Flávio Senra, pela generosidade e acolhimento.

Aos professores do programa de mestrado, particularmente Prof. Dr. Amauri Carlos Ferreira, pelas orientações na qualificação.

Aos familiares, impossível de listar, mas todos inesquecíveis e vitais.

Aos colegas de mestrado pela partilha de conhecimentos e angústias.

Aos amigos pelo entusiasmo e incentivo.

Ao Pe. Adilson Neres pelo acolhimento inicial ao meu projeto.

Aos Filhos de Maria, especialmente Maurício, Rinaldo, Xerife, Christian e Sandro pelo entusiasmo e boa vontade para fornecer as informações necessárias.

Aos devotos e freqüentadores da gruta pelo carinho e atenção que me dispensaram.

Ao Pe. Amarildo de Melo, Sr. Antonio, Sr. Eduardo, Sr. José Geraldo e família do Sr. Ovídio pela disponibilidade para relatar suas experiências.

Ao prof. Marco Elísio Coutinho, pela crença e entusiasmo constantes.

À Fundação Maria de Castro e ao historiador Guaracy Nogueira pelo acesso aos arquivos.

Ao Gerson, bibliotecário da Universidade de Itaúna, pelo profissionalismo.

À Juliana Salvadori pela revisão do texto.

Sem hierarquizar, meu muito obrigado a todos!

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao Nilson, meu marido pela compreensão e companheirismo presentes em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

Aos filhos Daniel e Letícia por me ensinarem o que é prioridade na vida.

RESUMO

Essa dissertação é um estudo sociográfico sobre o movimento Filhos de Maria, um grupo constituído apenas por homens, que se reúne em Itaúna (MG) para a reza do terço. Aborda-se a devoção mariana que vem demonstrando grande vigor no concorrido sistema de crenças da contemporaneidade. Apresenta-se o contexto religioso da cidade, com enfoque especial sobre o período das aparições marianas em Itaúna (1955-65) e as suas narrativas. A partir desta contextualização, descreve-se a emergência do movimento Filhos de Maria e outros grupos para o ritual da reza do terço, assim como a legitimação desses grupos pela Igreja Católica e pelos devotos. Esta pesquisa se torna importante diante do crescente número de grupos exclusivamente masculinos para a reza do terço, da relevância das aparições e da reza do terço na devoção mariana e das questões de gênero que o tema suscita.

Palavras- chave: Itaúna, Terço dos homens, aparição mariana, ritual.

ABSTRACT

This thesis is a sociographic study on the movement Sons of Mary, a group formed only by men, which meets in Itaúna (MG) for the Rosary praying. It discusses the Marian devotion, which has been showing great competitive force in the contemporary belief system. It also introduces the religious context of the city, special focus paid to the period of the in Itaúna (1955-65) and their narratives. From this context, it describes the emergence of the Sons of Mary movement and other groups to the ritual of praying the rosary, as well as the legitimacy of these groups by the Catholic Church and its devotees. This research is important because of the increasing number of exclusively male groups to pray the rosary, the relevance of the apparitions and the Rosary in the Marian devotion and similar issues to the subject.

Keywords: Itaúna, Terço dos Homens, Sons of Mary, Marian apparitions, ritual.

LISTA DE SIGLAS

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CEMIG – Centrais Elétricas de Minas Gerais

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

ECC – Encontro de casais com Cristo

FMF – Federação Mineira de Futebol

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

OSB – Ordem de São Bento

RCC – Renovação Carismática Católica

TBC – Teatro Brasileiro de Comédia

THMR – Terço dos homens Mãe Rainha

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. DEVOÇÃO MARIANA	15
2.1 Um lugar no cristianismo.....	17
2.2 Mito do catolicismo.....	19
2.3 Maria: da devoção popular à Renovação Carismática	22
2.4 Aparições Marianas.....	32
2.5 O Rosário.....	38
3. APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA EM ITAÚNA.....	42
3.1 Breve história do catolicismo em Itaúna	42
3.2 Contexto social, político e religioso da década de 1950.....	44
3.3 Nossa Senhora de Itaúna.....	46
3.4 Outras narrativas	52
3.5 Uma gruta para Maria	58
3.6 Itaúna: católicos mais fervorosos?	63
4. OS FILHOS DE MARIA	67
4.1 O ritual	70
4.2 Identidade dos Filhos de Maria.....	75
4.3 Gênese e estrutura	79
4.4 Considerações sobre a questão de gênero	88
5. CONCLUSÃO.....	92
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	106

INTRODUÇÃO

O encontro de grupos masculinos, que se reúne para rezar o terço, não é um fato novo, pois existem grupos como o Movimento Terço dos Homens de Itabi (SE) que pratica o ritual há mais de 50 anos. O que se destaca no grupo de Itaúna e o torna relevante como objeto de estudo é o grande número de homens participantes, que já chegou a três mil em datas especiais, como férias escolares e o aniversário do terço, até estabilizar-se em torno de 1500 participantes.

Esse grupo se destaca também pela localização do culto: uma gruta na qual, na década de 1950, Maria teria aparecido para três crianças, despertando, naquela época, grande devoção mariana no município. A devoção, que teve grande destaque no século passado, permaneceu estável, mas na atualidade vem sendo revitalizada com a construção de pequenas grutas domésticas e a intensificação do hábito de se rezar o terço em família ou em grupos, mistos ou exclusivamente masculinos.

O movimento Filhos de Maria de Itaúna, que se iniciou com um pequeno grupo e cresceu rapidamente, levou o ritual para além das fronteiras do município e deixou os limites pessoais da crença, passando a intervir na vida social da cidade ao se transformar em associação, fundada em 29 de abril de 2009, e presidida pelo cofundador do movimento, Padre Adilson Neres.

A Associação Filhos de Maria de Itaúna tem como objetivo maior a casa de recuperação feminina (atendimento a mulheres dependentes de substâncias químicas), mas estão elencadas várias equipes para cuidar da organização do ritual, das viagens do grupo e da assistência e consolo de famílias em sofrimento, como no caso de morte ou doenças. Tais atividades do grupo, entretanto, não foram enfocadas na pesquisa.

O ritual acontece todas as quartas-feiras, a partir das 20h00min, e dura cerca de uma hora. Levando-se em conta que esse é um dia de partidas de futebol transmitidas pela TV, programa assistido por muitos brasileiros, o movimento se torna ainda mais relevante. O culto chegou a provocar a transferência de jogos que acontecem esporadicamente na cidade: baseado em um relatório sobre a devoção dos homens da cidade e o esvaziamento do estádio local nos jogos realizados na quarta-feira, a Federação Mineira de Futebol transferiu os jogos do time local – que faz parte da segunda divisão do campeonato mineiro – para as quintas-feiras no caso das disputas se realizarem em Itaúna.

Tal devoção vem se difundindo no Brasil nos últimos anos e já é grande o número de municípios com grupos exclusivamente masculinos que se reúnem para a prática desse rito. Em março de 2009, quando se iniciou essa pesquisa, o grupo de Itaúna já havia implantado o movimento em 15 municípios mineiros. Existem outros movimentos mais organizados, como o Movimento Terço dos Homens Mãe Rainha, que possui na atualidade um cadastro nacional que chega a 2000 grupos exclusivamente masculinos para a reza do terço. Uma pesquisa virtual com o tema “terço dos homens” é um bom indicador da extensão ou da força de tal movimento: são vários os sites disponíveis. Cada grupo relata suas experiências e é possível encontrar informações sobre congressos e até cartilhas para formação de novos grupos, as quais, entre outras informações, oferecem, inclusive, modelos de camisas para identificar o grupo, ou seja, um signo visível de pertencimento.

Os inúmeros grupos espalhados pelo Brasil afora vem se transformando em uma grande força no interior da Igreja católica e, por isso, recebido o apoio das dioceses e de empreendimentos católicos, como a Comunidade Canção Nova. Encontros regionais e nacionais têm sido freqüentes: Aparecida do Norte em maio de 2009 e 2010 e em Salvador em novembro de 2010, por exemplo.

O interesse inicial por tal objeto surgiu a partir do momento em que fui levar meu pai ao local no qual ocorre o ritual. Apenas levar, pois o culto é exclusivo para homens e as mulheres não são bem-vindas. Como fui criada em Itaúna, sempre soube da devoção dos itaunenses pela *Nossa Senhora da Gruta*, mas, residindo fora da cidade há mais de trinta anos, não tinha informações de tal devoção na atualidade. Impressionou-me a quantidade de homens chegando ao mesmo tempo. Surgiam de todas as ruas, em pequenos grupos ou mesmo sozinhos, mas quase todos usando uma camisa branca, com a estampa de Maria e dizeres alusivos ao poder masculino para promover a união da família.

Outro detalhe que atraiu minha atenção foi que, dentre aqueles homens, muitos carregavam um terço. O objeto estava tanto em suas mãos, quanto pendurado no pescoço ou no braço. Descobri assim, por meio de testemunhos variados e também pela imprensa, a força daquele rito entre os homens de Itaúna. Acostumada com o comportamento mais contido e discreto da maioria dos homens no que se refere à religião – geralmente fazem suas orações de forma mais pessoal e privada – o acontecimento despertou minha vontade de compreender melhor qual seria o sentido daquele ritual naquele contexto.

Muitas questões se levantaram. Qual o sentido de tantos homens reunidos ali em torno do culto à Maria? O que os faziam usar camisas com mensagens tão explícitas? Como estava na atualidade – diante da pluralidade religiosa – a devoção mariana em Itaúna? Qual a

representatividade de Nossa Senhora de Itaúna no imaginário desses homens? Qual a relação entre tal ritual e as aparições ocorridas na cidade a partir de 1955? Quem eram esses homens? Por que apenas homens? Era este mais um grupo de oração ligado ao movimento carismático? Qual a posição da Igreja católica de Itaúna sobre tal ritual?

Tendo ingressado no Mestrado em Ciências da Religião, busquei o instrumental teórico-metodológico para fundamentar minhas questões. Seria o momento de, juntamente com o sentimento e a paixão que me guiaram até aí, fazer a opção do caminho a trilhar, pois o tema envolve emoções e crenças, podendo levar a vários caminhos e a grandes possibilidades de se perder. O enfoque poderia passar por várias disciplinas, como a psicologia, sociologia ou a teologia. Por se tratar de um movimento ainda recente – menos de três anos no início da pesquisa – procurar resultados não seria cientificamente válido. A pesquisa se concentrou em uma hipótese central: haveria alguma relação entre o rito atual e as aparições ocorridas no século passado em Itaúna? A partir dessa questão central outras questões foram suscitadas: seria o culto um grupo de oração nos moldes do movimento carismático? Qual seria a dimensão sócio-religiosa da mensagem desse grupo?

Assim, o caminho escolhido foi o da sociologia da religião, a compreensão de como esse grupo se havia estruturado e de como se processava tal devoção. Procurou-se focar apenas o ritual, o comportamento do grupo durante a reza do terço, isto é, sua dimensão sócio-religiosa. Com o objetivo de abordar tal recorte mais a fundo, essa pesquisa não se estendeu às indagações sobre a religiosidade do grupo fora desse contexto, às mudanças ocorridas no núcleo familiar desses homens, às atividades da fundação criada por eles ou aos milagres ou graças mencionados nas primeiras entrevistas. Em outras palavras, o objetivo do trabalho foi realizar uma pesquisa sociográfica, isto é, uma descrição do ritual e de seus elementos constitutivos para responder às questões propostas.

Para responder à hipótese central – a relação entre os acontecimentos que deram origem à imagem de Nossa Senhora de Itaúna e o fenômeno atual – foi preciso uma investigação sobre acontecimentos ocorridos há meio século, pois o material sobre tal assunto – aparições marianas no local – é escasso e nunca havia sido trabalhado de forma acadêmica. Logo, foi necessário percorrer as malhas da devoção mariana, de modo geral, e em Itaúna, em específico, bem como as aparições através dos tempos e, principalmente, a partir disto tecer de forma mais metódica a narrativa sobre as aparições marianas no local onde se dá o ritual. Foi preciso entrevistar videntes, familiares de videntes falecidos, representantes da igreja local e outras pessoas envolvidas com a Gruta de Itaúna – local onde os Filhos de Maria de Itaúna rezam o terço – para relacionar os acontecimentos do passado aos do presente.

Quanto à outra hipótese – a relação entre o rito e o movimento carismático – foi preciso entrevistar membros e participar de grupos de oração do movimento carismático, participar de missas e consultar bibliografia sobre o assunto. Seria preciso observar se havia alguma afinidade, se o ritual estudado se “encaixava” nos moldes da Renovação Carismática Católica.

Já para responder à última hipótese – a verdadeira mensagem desses homens que estão rezando o terço semanalmente – foi necessário horas de entrevistas e participações no ritual da reza do terço pelos Filhos de Maria

Com autorização para minha visita ao ritual – desde que me portasse com discrição para não inibir os participantes do grupo – e entrevistas com dirigentes e participantes do movimento, foi possível trazer para a dissertação relatos detalhados.

Deste modo, a pesquisa se constituiu principalmente com base em trabalho de campo, compondo-se de visitas ao local do rito e em vários domicílios para conhecer grutas privadas construídas pelas famílias, comemorações litúrgicas na cidade, pesquisas em bibliotecas e na imprensa de Itaúna, entrevistas gravadas, escritas, questionários respondidos via internet e até na elaboração de um pequeno artigo para a comemoração do centenário de nascimento do pároco que acompanhou os acontecimentos ocorridos no local a partir de 1955.

A partir das pesquisas empíricas realizadas em Itaúna, levantamento de artigos jornalísticos e da bibliografia consultada, o resultado está exposto em três capítulos, da seguinte forma: o primeiro trata o tema devoção mariana. Nele, destaca-se a formação do mito, seu crescimento através dos tempos e a devoção à Maria na atualidade, assim como sua importância para os devotos. Traçou-se também um histórico das aparições desde os primeiros tempos do catolicismo até os dias atuais. Outro destaque desta parte é o ritual do rosário, ou, melhor dizendo, o conjunto de rituais praticados por católicos em muitas ocasiões, prática que faz parte do catolicismo na forma popular e romanizada.

O segundo capítulo traz uma reconstrução sociográfica das aparições marianas em Itaúna. O fenômeno – a aparição de Nossa Senhora – permaneceu restrito à cidade e principalmente a um pequeno grupo que esteve mais à frente dos acontecimentos. Tal capítulo é obrigatório para se trabalhar o movimento Filhos de Maria, visto que, na cidade, os dois temas se entrelaçam. O capítulo compõe-se de relatos sobre as aparições e a construção de uma gruta no local e também do contexto sócio-político-religioso em que o país se encontrava na época das aparições.

O terceiro e último capítulo trata da gênese e do desenvolvimento do movimento Filhos de Maria de Itaúna. Traz relatos dos cultos, depoimentos e os desdobramentos, como a

formação de novos grupos para a reza do terço e a construção de grutas domésticas. Nesta também se aborda os Filhos de Maria como uma manifestação de identidade católica.

O estudo desse tema, Maria, ganha relevo se levarmos em conta que: (i) ela corresponde ao arquétipo da mãe geradora, da grande mãe, presente em diversas culturas; (ii) apesar e talvez mesmo por causa dos tempos incertos em que vivemos sua figura oferece consolo e aconchego; (iii) a devoção a ela é difundida de diversas formas como TV, rádio, músicas, livros, adesivos para carros, imagens e estampas nas residências, visitas domiciliares, terços comunitários, medalhas, peregrinações; (iiii) ela constitui um caráter identitário diferenciador da religião católica contra novas denominações evangélicas, em especial as pentecostais e neopentecostais.

Como dito anteriormente, o objeto desse estudo enquadra uma dessas formas de cultivar Maria, um fenômeno iniciado em Itaúna (MG) em 2006: um grupo formado por mais de mil homens que se reúnem semanalmente para a reza do terço – o movimento Filhos de Maria de Itaúna.

A relevância de tal pesquisa está na (i) visibilidade da devoção mariana e na importância do movimento Filhos de Maria no contexto atual da igreja católica de Itaúna; (ii) sua capacidade de influenciar novos grupos; (iii) na possível articulação que o movimento – via associação – pode promover entre esse grupo e a sociedade ao cuidar de mulheres em situação de risco; e (iv) no poder de comunhão do grupo em favor do fortalecimento da igreja católica local.

Por fim, essa dissertação abre a perspectiva para questões de gênero, tema pertinente visto que a tentativa de valorização da identidade feminina na sociedade vem demandando uma nova forma de masculinidade. O modelo patriarcal, de supremacia absoluta do masculino e que prevalece na sociedade há muito tempo, teve grande apoio de instituições como família, escola e estado, mas, principalmente, do cristianismo. Ainda que na relação de poder entre gêneros o modelo dominação/subordinação ainda persista, percebe-se na atualidade um aumento do número de mulheres chefes de família, que, além disso, estão mais bem qualificadas e conseqüentemente, elevando-se profissionalmente, disputando e conquistando altos cargos. Quanto aos homens, o modelo viril – do macho – que domina pela força vem cedendo espaço para novas concepções identitárias e de papéis.

2. DEVOÇÃO MARIANA

O objetivo desse capítulo, dedicado à devoção mariana, é facilitar a compreensão do lugar de Maria no catolicismo e, especificamente, em uma devoção que vem ganhando relevo na igreja católica do Brasil – grupos exclusivamente masculinos que se reúnem para o ritual da reza do terço.

Os devotos estão sempre à busca de uma nova imagem de Maria e o que se nota atualmente é uma variedade de movimentos na tentativa de adaptá-la ao universo religioso que se apresenta. Seria difícil antever o crescente pluralismo institucional e a profusão de cultos e grupos religiosos, de todas as espécies, que vêm traçando um novo mapa da fé, “representando ao mesmo tempo a contundente afirmação e a radical negação de uma modernidade individualista, racional e dessacralizadora” (SANCHIS, 1997, p. 32). Assiste-se ao desaparecimento do antigo monopólio do catolicismo e ao surgimento de uma sociedade – envolvida pela nebulosa Nova Era¹ e convivendo com o desencantamento do mundo² – na qual há uma maior liberdade individual para erigir sistemas de fé.

O mal estar da sociedade, estudado por S. Freud no século passado, desvela-se em conflitos em todas as esferas, como a família com sua crescente fragmentação, na violência e no individualismo exacerbado. Conflitos emocionais típicos da infância atormentam o adulto que não se estabeleceu ainda no novo formato ou na falta de forma da sociedade atual. A busca de entidades sobrenaturais se impõe à sociedade secularizada³ sob novas formas de religiosidade, mais ligadas ao autoconhecimento e à autoajuda, mais individualizadas e menos institucionalizadas, mas capazes de assegurar o amparo, o cuidado e a direção aos seus praticantes. Isto porque a pertença a um determinado grupo religioso implica em coexistir

¹ Para Leila Amaral (2000), o movimento Nova Era seria a possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer desses elementos metáforas que expressem *performativamente* uma determinada visão, em destaque em um determinado momento, e segundo determinados objetivos: “(...) Mais do que substantivo que possa definir identidades religiosas bem demarcadas, Nova Era é um adjetivo para práticas espirituais e religiosas diferenciadas e em combinações variadas, independente das definições ou inserções religiosas de seus praticantes” (AMARAL, 2000, p. 32).

² Desencantamento do mundo é uma expressão weberiana que, nas palavras de Pierucci (2003), “significava, *ipsis literis*, retirar o encanto, a magia desse mundo. Significava também perda de sentido, erradicação das visões de mundo e de qualquer sentido inerente às coisas em si” (PIERUCCI, 2003, p. 24).

³ Segundo Berger (1985), secularização é “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (BERGER, 1985, p. 119). Segundo Herviéu-Leger (2008), a secularização combina, de maneira complexa, a perda da influencia dos grandes sistemas religiosos sobre uma sociedade que reivindica sua plena capacidade de orientar, ela mesma, seu destino, e a recomposição, sob uma forma nova, das representações religiosas que permitiriam a esta sociedade pensar a si mesma como autônoma. (HERVIÉU-LEGER, 2008, p. 37).

socialmente, estar inserido, uma vez que, é preciso sempre ter em mente que, a “mesma atividade humana que produz a sociedade também produz a religião” (BERGER, 1985, p. 61).

Em outras palavras, o esvaziamento das grandes tradições, bem como o surgimento de novas formas de mediação com o transcendente, acabaram por trazer para os estudiosos desta área uma nova visão. Em um mundo secularizado, com “uma grande diferença de conteúdos religiosos a serem legitimados” (BERGER, 1985, p. 166), fato ao qual se soma o crescente interesse das ciências sociais pelas religiões, as pesquisas neste campo contribuem com novos números e novas configurações do mapa das religiões no Brasil. Somado ao trânsito de pessoas que acabam levando suas convicções religiosas para todos os cantos, surgem, na perspectiva de Hervieu-Léger (2008), as *bricolagens* pelas quais o indivíduo cria seu próprio sistema de crenças. A figura do *peregrino*, que constrói sua religião “através de experiências pessoais” (p. 87) e também do *convertido*, “que passa voluntariamente ou por obrigação de uma religião para a outra”, são exemplos desse processo (HERVIÉU-LEGER, 2008, p. 108).

Na concepção de Harvey Cox (1971), desde a Reforma no século XVI, o pentecostalismo é o maior fenômeno religioso. No Brasil, segundo Sanchis (1997), há dois movimentos simultâneos no campo religioso: *homogeneização*, que facilita a aquisição de elementos de sínteses variadas para a composição de uma religião particular; e *diversidade*, com a distinção das religiões de origem africana e o espiritismo, mas, sobretudo, com a entrada maciça dos pentecostais, altamente visíveis (i) pela ruptura com as tradições religiosas brasileiras, (ii) pelo crescimento do número de templos e denominações e, ademais, (iii) pela densidade da participação semanal.

Mas, mesmo com o número de católicos em declínio⁴, o Brasil continua sendo um país de tradição católica e o clero continua se esforçando para manter sua visibilidade. A questão que se coloca, então, é: seria Maria, em sua representação materna – isto é, como aquela que cria, trata e protege – assim como em outros períodos, a mais indicada para agregar, acolher, consolar e indicar o caminho que conduzirá a instituição e os católicos de hoje a dias melhores?

⁴ De acordo com Pierucci (2004) no censo de 1991 83,3 % dos brasileiros se declaravam católicos e no censo de 2000 esse número caiu para 73,8%. Os dados do censo de 2010 relativos às religiões ainda não estão disponíveis.

2.1 Um lugar no cristianismo

No início do cristianismo Maria ficou mais resguardada, mas foi ganhando destaque conforme se estabelecia a religião cristã. Laurentin (1965) compara o desenvolvimento do culto mariano ao movimento das marés e ao crescimento de uma árvore, com as sucessivas mudanças durante as estações, uma doutrina que segue “uma curva característica: não de crescimento contínuo, mas de crescimento ritmado” (LAURETIN, 1965, p. 15). *Nossa Senhora, Virgem Maria, Maria Santíssima, Rainha do Céu e da Terra, Rainha do Universo, Rainha dos Céus, Trono de Sabedoria, Mãe de Deus e dos homens*: estes são alguns dos epítetos atribuídos à Maria de Nazaré, todos tão grandiosos, respeitosos, distantes, mas que no fundo remetem o devoto à judia jovem e simples, à mãe que cuida, sofre com e pelo filho, que é amada e ouvida pelo Filho-Deus. Os títulos, assim como as festas dedicadas a Maria, progressivamente foram sendo criados pelos católicos tanto no oriente quanto no ocidente “sem marcos ou acontecimentos que permitam datar-lhes precisamente as origens” (LAURETIN, 1965, p. 61).

Maria, a mãe de Jesus, é quase desconhecida na historiografia e o que se sabe sobre ela é-nos ensinado pelo catolicismo. A biografia de Maria de Nazaré coincide com a biografia das suas contemporâneas, mulheres de seu tempo que viveram em sua aldeia:

Falando de Maria, devemos ter, antes de mais nada, consciência de estar refletindo e falando sobre uma mulher. Mulher esta que viveu num tempo e num espaço, num contexto determinado, inserida em estruturas familiares, sociais, econômicas, políticas e religiosas. (GEBARA; BINGEMER, 1987, p. 59).

Atributos a ela mencionados como a virgindade, o recato, a submissão e a fé inabalável constituem alguns dos preceitos que a história e o cristianismo se encarregaram de inculcar como necessários para um modelo de mulher e de mãe. Entretanto, tais atributos, tão valorizados pelos católicos, traduzem-se em um estilo de vida que retrata a submissão das mulheres frente a uma ordem patriarcal como a da sociedade judaica. No tempo de Jesus

a mulher era social e religiosamente discriminada, primeiro, por não ser circuncidada e, por isso, não pertencer propriamente à aliança com Deus, depois pelos rigorosos preceitos de purificação a que estava obrigada devido à sua condição biológica de mulher e, porque personificava Eva com toda a carga pejorativa que se lhe agregava (BOFF, 1983, p. 77).

Mulheres eram tratadas como seres inferiores, propriedade dos pais ou maridos, eram bens. Ademais, eram julgadas judicialmente incapazes e não podiam herdar ou possuir bens.

Sua função era cuidar da casa, da família e procriar, de preferência crianças do sexo masculino e apenas os homens exerciam atividades públicas como, por exemplo, o comércio. Falar com elas em público era vergonhoso e ainda eram consideradas impuras no período menstrual. Todas as mazelas do grupo, inclusive a morte, eram geralmente atribuídas à mulher, tanto que nos enterros iam à frente do caixão, assumindo a culpa:

As mulheres são ainda, dispensadas de estudar a Torah e mesmo desaconselhadas, já que dela só poderão fazer mau uso. ... O ensino também lhes era vedado. A mulher não pode prestar testemunho, educar os filhos, recitar a oração à mesa. Na sinagoga tem um lugar especial, atrás das grades. Sua situação na legislação religiosa é equiparada à dos escravos pagãos e dos filhos menores (GEBARA; BINGEMER, 1987, p.65).

Esta desigualdade de direitos entre homens e mulheres, retratada na Bíblia pelos evangelistas, perpassou a história, e, apesar da luta das mulheres e da sua relevância na sociedade, ainda se repete hodiernamente. Maria, como suas contemporâneas, praticamente não podia optar por se comportar de forma diferente e no texto bíblico, é retratada principalmente como a mãe de Jesus. Contudo, ela também nos é apresentada como mulher forte, protagonista de momentos marcantes como o da estrebaria em Belém, da fuga para o Egito, do Calvário e de Pentecostes, imagem usada na atualidade associada à luta das mulheres por igualdade de direitos.

O destino de Maria na Igreja é afetado pelo tempo e pelo progresso, tomando grande impulso em determinados momentos e ficando estacionado em outros. De acordo com Laurentin (1965) o paradoxo entre Maria e a Igreja precisa ser bem examinado, pois enquanto na Anunciação e no Calvário a Igreja está contida em Maria, a partir de Pentecostes, Maria “fica oculta na Igreja e humildemente submissa à autoridade dos apóstolos” (p. 172). Para esse autor, atualmente, o que determina o lugar de Maria na Igreja está expresso na palavra *Theotókos*:

Mãe de Deus, este título manifesta, ao mesmo tempo, o laço de Maria e sua diferença, tanto com Cristo como com a Igreja. Mãe de Deus, Ela não é uma espécie de segundo Cristo reduzido, mas a mulher que introduziu Deus no mundo e foi, a este título, incorporada em Sua obra da salvação (LAURENTIN, 1965, p.176).

Em resumo, Maria de Nazaré permanece um enigma histórico de difícil compreensão, um enorme desafio para estudiosos de todos os saberes. Entretanto, aos olhos da fé, transformou-se em arquétipo feminino venerado por multidões, um verdadeiro mito. A

trajetória da jovem judia, responsável por gerar Jesus Cristo, passa pelos caminhos da teologia e também pela imaginação amorosa dos filhos da terra.

2.2 Mito do catolicismo

A história do Cristianismo se confunde com a história da civilização ocidental e por dois milênios vem influenciando sobremaneira o modo de vida dessa sociedade. Levado ao ocidente pelo apóstolo Paulo, o cristianismo, em seus primórdios, foi perseguido pelos imperadores romanos. No Império Romano se reverenciava os deuses romanos e se cultuava os imperadores, e devido à insistência dos cristãos em seguir os ensinamentos de Jesus e o culto aos mártires, os imperadores tentaram “interditar seu culto constringendo todos os fiéis à abjuração sob pena de morte. (...) com o fechamento das igrejas e queima de livros sagrados, prisão do clero, deportação aos trabalhos forçados e morte sob tortura” (PALANQUE, 1978, p. 138). Entretanto, essa grande perseguição acabou fracassando e, ainda segundo Palanque (1978), Galério, o instigador da perseguição junto a Diocleciano, promulgou em 311, o édito de tolerância concedendo aos cristãos “a liberdade de consciência e de culto” (PALANQUE, 1978, p. 139). A partir do momento em que o imperador Constantino (ainda no séc. IV), por motivos políticos, decidiu aceitar o cristianismo – apesar de ter sido batizado em seu leito de morte – a igreja cristã iniciou uma ascensão rápida. Em 313, Constantino, através do édito de Milão, “concedeu ao clero ocidental não só a restituição dos bens confiscados, como também subvenções importantes pra reconstruir as Igrejas e isenções fiscais” (PALANQUE, 1978, p. 142). A Igreja foi se estabelecendo e se organizando, gozando de favores especiais e seus fiéis alcançando cargos públicos. Decisões importantes eram tomadas pelo clero em assembleias, chamadas concílios. Dentre eles destacaram-se: Primeiro Concílio Ecumênico de Nicéia (325), o Concílio de Constantinopla (381), o Concílio de Éfeso (431) e o Concílio de Calcedônia (451).

Com a crescente adesão ao cristianismo, um Deus todo-poderoso, criador de todas as coisas, passou a fazer parte do imaginário das pessoas, substituindo, assim, no Império Romano, o paradigma politeísta predominante, proveniente da religião greco-romana. Mais

tarde, com seguidas invasões de civilizações consideradas pagãs ou bárbaras⁵, o império passou a conviver também com as práticas religiosas desses povos. Com o enfraquecimento do estado, a religião cristã, que já possuía uma estrutura bem organizada, adquiriu grande poder e passou a perseguir os pagãos para que se convertessem ao cristianismo. Marcava-se assim o esfacelamento do Império Romano e o início da Idade Média (ano 476).

Mostra-se, com isso, que houve uma espécie de sincretismo⁶ entre essas várias práticas religiosas: ao mesmo tempo em que o culto à Virgem Maria aos poucos substituía o culto às mães divinas, a liturgia cristã incorporava elementos do paganismo como datas festivas, velas e incensos nos cultos, e os trajes usados nas celebrações. Igrejas cristãs foram construídas em locais onde anteriormente encontravam-se templos destinados às deusas nórdicas e greco-romanas⁷. “A Deusa”, pontua Campbell (1990), “foi uma figura poderosa na cultura helenística do mediterrâneo, e retornou com a figura da Virgem, na tradição católica romana” (CAMPBELL, 1990, p. 181). Maria passou a ser retratada a partir das imagens de deusas já cultuadas e ganhava força. É o caso da deusa Ísis, muitas vezes citada como a inspiradora do culto a Maria. Ísis era uma deusa egípcia muito admirada: considerada mãe dedicada e compassiva, protetora das crianças, esposa fiel e sensível às tristezas humanas, era a deusa da natureza, que trazia as cheias e a fertilidade ao Rio Nilo, maior rio do continente africano; era retratada também com seu filho Horus nos braços, coincidindo com algumas iconografias de Maria. Para Campbell (1990), “o antigo modelo para a Madona, na verdade, é Ísis amamentando Hórus” (p. 185). Segundo Boff (1983), “aplicando todos os atributos numinosos do feminino a Maria, nos coloca muito perto da mitologia pagã, especialmente aquela por nós mais conhecida, a grega” (BOFF, 1983, p. 226).

Ora, o tema mítico que originou o relato do nascimento, vida e morte de Jesus Cristo é anterior à era cristã. Não apenas Maria, mas deusas como Demeter entre os gregos, Ísis entre os egípcios e Ashtar entre os sumérios, geraram um filho que morreu e ressuscitou para salvar

⁵ “Os romanos chamavam “bárbaros” todos os homens estabelecidos fora de suas fronteiras, Estados civilizados da Ásia ou populações menos organizadas da África e da Europa, contra as quais era preciso defender-se” (ENGEL, 1978, p. 182).

⁶ O sincretismo “não constitui um mal necessário nem representa uma patologia da religião pura. É sua normalidade como momento de encarnação, expressão e objetivação de uma fé ou experiência religiosa” (BOFF, 1981, p. 150).

⁷ Dentre essas deusas destaca-se Brighid, cultuada pelos celtas, ancestrais dos irlandeses. Seu culto posteriormente coincidirá com o culto à Santa Brígida, padroeira irlandesa. A veneração daquele povo por Brighid era tanta que ela era chamada simplesmente “a deusa”. Dona das palavras e da poesia, era também a padroeira da cura, do artesanato e do conhecimento.

a humanidade. Cada mito⁸, guardadas as suas peculiaridades, possuía a mesma finalidade, sendo esta uma das causas da imbricação do culto de outras deusas ao culto à Maria no início do cristianismo, quando os povos do império romano estavam se cristianizando e não havia ainda uma religião institucionalizada.

Segundo Campbell (1990), nas epopéias, em geral, o filho nasce após a morte ou desaparecimento do pai, e, por isso, ele sai à sua procura. Na história de Jesus, ao ser colocado na cruz, ele vai à procura do pai. A cruz, símbolo da terra, é também o símbolo da mãe. Assim, “Jesus deixa seu corpo sobre a mãe, de quem ele o havia adquirido, e vai para o pai, que é a suprema fonte transcendente do mistério” (p. 176).

Deixando o terreno mítico e entrando na área dos saberes acadêmicos, Maria e outras deusas contribuíram para, na linguagem da psicologia analítica de Carl Jung, a formação do arquétipo feminino. Arquétipos são “formas e imagens de natureza coletiva, que surgem por toda parte como elementos constitutivos dos mitos e ao mesmo tempo como produtos autóctones individuais de origem inconsciente” (JUNG, 2008, p. 56). Segundo este pensador, o inconsciente do homem, e da mulher, é formado pelo inconsciente pessoal e pelo inconsciente coletivo. Enquanto o primeiro é constituído de algo que já foi consciente e que está esquecido ou reprimido, o segundo se constitui de algo que nunca esteve na consciência do indivíduo, mas que foi herdado de outras gerações, desde os tempos iniciais da humanidade. O primeiro forma *os complexos* e o segundo são *os arquétipos*.

O mito, logo, nunca é uma construção individual, mas coletiva, elaborado por muitas gerações. Por mais que o mito mescle-se à religiosidade, seu objetivo não é apenas desta natureza, mas sim o de criar valores, senso de identidade e coesão entre os membros de um grupo social ou de uma nação. Segundo Mircea Eliade (1992), o mito “proclama a aparição de uma nova ‘situação’ cósmica ou de um acontecimento primordial. Portanto, é sempre a narração de uma ‘criação’: conta-se como qualquer coisa foi efetuada, começou a ser” (p.50). Em outras palavras, os pensadores citados concordam que o mito é um componente essencial para humanidade, pois é também uma realidade viva à qual se recorre incessantemente com intuito educativo de criar e transmitir valores e verdades transcendentais. O mito possui características fundamentais que o distinguem: é real – apresenta-se como uma revelação; é eterno – está no tempo sagrado; é sagrado – relata obras divinas; é exemplar – traz modelo de comportamentos humanos; e é transpessoal – não tem autor, é formado por várias gerações.

⁸ “Outras deusas gregas também geraram sem a ajuda dos deuses. (...) A tais concepções míticas correspondem a crença relativa à fecundidade espontânea da mulher e a seus poderes mágicos religiosos ocultos” (ELIADE, 1992, p. 72).

O poder sagrado de “gerar” da mulher, sua associação à fertilidade e à alimentação sempre foi ressaltada nas antigas religiões politeístas que cultuavam a Deusa Mãe, em especial no período em que o homem não sabia efetivamente de sua participação na geração de filhos. Obviamente, sabia-se que o sexo masculino tomava parte no ato da fecundação, mas o intercuro tomava um aspecto ritualístico pelo meio do qual se almejava que a deusa-mãe agisse e a fecundação ocorresse. Na conversão dos pagãos ao cristianismo, alguns rituais, bem como a figura da deusa, mantiveram-se, embora de modo transmutado, como culto à Maria. Entretanto, tal fato não desmerece Maria, pois os ritos almejavam venerar o sagrado feminino enquanto expressão de fertilidade, prosperidade, proteção, pureza e doação, tal como se dá hoje em relação ao culto mariano. Mais tarde, com o predomínio do cristianismo no ocidente, as outras deusas foram desfocadas e Maria se transformou no modelo de mãe, não só de Jesus, mas de toda a humanidade. Atualmente, com os movimentos a favor da preservação da Terra e com a luta das mulheres por mais respeito e dignidade, temas do gênero feminino, o mito ganha mais notoriedade. “Maria é a esperança, a mãe, a protetora, aquela que não abandona seus filhos” (GEBARA, 1987, p.37).

Em suma, o mito desempenha uma função indispensável: exprimir, exaltar e codificar a(s) crença(s) corrente(s); salvaguardar e impor os princípios morais acordados pelo grupo; garantir a eficácia do ritual e oferecer regras práticas para a orientação do comportamento do homem em seu grupo social. Na religião católica, os mitos sustentam o corpo doutrinal, reforçam o dogma e estão estreitamente relacionados aos rituais religiosos. Em Itaúna, segundo alguns devotos, o mito da aparição de Nossa Senhora explica o ritual da reza do terço pelos Filhos de Maria.

2.3 Maria: da devoção popular à Renovação Carismática

Assim, em um polo, Maria, a *de Nazaré*, permanece um enigma quase indecifrável, enquanto no outro, no imaginário dos devotos, o mito Maria, arquétipo de mãe e mulher – imagem tecida ao longo de dois séculos por meio de práticas como festas litúrgicas, instituição de dogmas, ladainhas, novenas, recitação do rosário, uso do escapulário, coroações, imagens visitadoras e as invocações nos locais das aparições – continua alimentando a fé dos católicos, pois “[a] ela se podem confiar segredos, ela é capaz de ouvi-los e guardá-los em seu coração” (GEBARA; BINGEMER, 1987, p. 141).

Enquanto o povo se encarrega das promessas, canções e orações, a Igreja se encarrega de instituir festas litúrgicas, dogmas e acompanhar, sem coibir, manifestações relativas às aparições, por exemplo, práticas que muito contribuíram, e ainda o fazem, para a criação e manutenção do mito. Algumas festas fazem parte do calendário católico oficial, e outras são locais, como a festa da padroeira de uma cidade. Outras ainda são particulares, como a visita à santa no seu dia, e há também os feriados nacionais, como o dia de *Nossa Senhora Aparecida*, padroeira do Brasil. Nas palavras de Larrañaga (1987), “Maria não é soberana, mas servidora. Não é meta mas caminho. Não é semideusa mas a **pobre de Deus**. Não é todo poderosa mas intercessora. Acima de tudo, é a Mãe que continua dando à luz Jesus Cristo em cada um de nós” (LARRAÑAGA, 1987, p. 186).

Os dogmas já instituídos em relação à Maria não mudam, mas podem ser interpretados à luz de cada época: *Theotokos* ou *Mãe de Deus*, foi proclamado em 431, no Concílio de Éfeso; a *Virgindade Perpétua*, no concílio de Latrão, em 649; *Imaculada* em 1854, por Pio IX; e *Assunção* em 1950, por Pio XII. Discute-se, atualmente, a proclamação de um quinto dogma, o de *Maria Medianeira* de todas as graças.

Contrapondo-se à sua discreta existência terrena e à sua pouca presença no texto bíblico, Maria, na atualidade, ocupa um lugar de grande destaque no pensamento e no comportamento do devoto. Segundo Clodovis Boff (2003), prevalecem hoje as imagens de Maria no sentido *pessoal* (mãe); *comunitário* (mediadora ou patrona); *nas invocações nacionais* (padroeira de uma nação); *na devoção popular* (festas e procissões); *nas aparições* (mensageira) e *nos grupos socialmente mais comprometidos* (CEBs e pastorais sociais).

Maria é a padroeira de diferentes países da América Latina. Cada padroeira tem um nome e sua história própria e misturada com a história do povo. E todas são o rosto de Maria, “projeção” do rosto sofrido do povo e ao mesmo tempo desejo de restauração da vida. (GEBARA; BINGEMER, 1987, p. 141).

A iconografia, logo, adapta-se ao período e aos acontecimentos. Nas catacumbas Maria foi representada como a mãe enlutada pela perda do filho; no séc. V aparecia com uma criança nos braços, representando a maternidade divina; no sec. XV foi imortalizada por Michelangelo como a *Pietá*, a mulher que segurava o filho morto nos braços. Livre de imposições canônicas ou normas rígidas para sua imagem ou narrativa, o devoto se sente livre para lhe prestar homenagens e parece que a tendência da Igreja é concordar com a iconografia popular. De *Nossa Senhora do Bom Parto* a *Nossa Senhora da Boa Morte* sua imagem vai recebendo feições, trajes e denominações de acordo com o país, a época ou a situação

vivenciada. A variedade de nomes é incontável e, em alguns lugares, “Nossa Senhora é denominada genericamente de “a santa”. Parece que o nome dá lugar à função. Em vez de “Maria”, chamam-na “santa”, aquela que habita do lado de lá, no céu, na plenitude da perfeição e na paz” (MURAD, 1996, p. 17).

Prova desta liberdade é a imaginação e a criatividade na invenção de novos nomes e atributos para Maria: *Nossa Senhora do Leite, do Bom Destino, Aparecida, de Nazaré, Desatadora de Nós, do Sorriso, dos Navegantes, do Cobre, do Ó, de Itaúna*. Enfim, “a santa”, como dito, recebe um nome, uma história e uma feição de acordo com a localidade ou a situação vivenciada pelo devoto ou grupo.

A grandeza da devoção mariana no Brasil se desvela principalmente nos meses de maio e outubro⁹, com as reportagens sobre os festejos em Belém – Círio de Nazaré – e em Aparecida do Norte (SP) – festa de Nossa Senhora Aparecida. O número de fiéis que participam das celebrações é impressionante até para aqueles que não professam a fé católica e essas não são as únicas manifestações de vulto. Outra grande demonstração de devoção se desvela nas peregrinações aos grandes santuários e também aos locais destacados devido a relatos de aparições. É preciso lembrar também da Hora do Ângelus ou Toque das Ave-Marias (6h00, 12h00 e 18h00). Nas palavras de Libânio, “as cidades modernas dificultam o tocar dos sinos para não interferir numa vida social, hoje regida por outros critérios. Mas ainda várias rádios tocam às 6 horas da tarde alguma das famosas melodias da Ave-maria para que o fiel reze o ângelus” (LIBÂNIO, 2009, s/n).

É proveitoso aqui esclarecer a diferença entre o catolicismo popular e o oficial, romanizado, pois para o católico brasileiro a figura de Maria se modifica de um para outro. De acordo com Oliveira (1976; 1985), o catolicismo trazido pelos portugueses não fora influenciado pelo Concílio de Trento. Era marcado pelas tradições medievais, um catolicismo mais festivo e piedoso, praticado por meio das romarias, novenas, trezenas, procissões e rezas fortes. A devoção se convergia para o santo e Maria tinha um lugar privilegiado¹⁰. Os devotos possuíam seu panteão nos oratórios domésticos ou quarto de santos e o que importava era a fé, a devoção, independente do aval institucional e da compreensão do sentido dos sacramentos. Cultuava-se a Maria terrena (Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Dores, do Bom

⁹ As celebrações dedicadas a Nossa Senhora de Nazaré se realizam no segundo domingo de outubro, e a Nossa Senhora Aparecida no dia 12, feriado nacional.

¹⁰ “Em 1640 D. João IV consagrou a Maria a nação portuguesa e suas posses, inclusive o Brasil, e no qual chega a amaldiçoar os reis sucessivos que (livre-nos Deus!) não mantiverem a promessa, agourando-lhes a perda do trono” (BOFF, 2003, p. 362).

Parto). Maria estava nos oratórios particulares, nas capelas, nos santuários e nas bandeiras dos desbravadores, que, muitas vezes a usavam para oprimir¹¹.

No final do século XIX, com a romanização do catolicismo – em uma tentativa de dar ao catolicismo brasileiro as feições do catolicismo romano – o culto foi transferido para a Maria glorificada, com as imagens e estampas vindas de Roma (Nossa Senhora das Graças e principalmente Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e da Imaculada Conceição) ocupou os oratórios enquanto as imagens da devoção popular foram levadas para as sacristias e guardadas pelo clero.

Enquanto evangélicos sustentam a primazia da Palavra de Deus sobre a Tradição negando, por exemplo, vários sacramentos e a devoção aos santos, os católicos, cada vez mais, veneram Maria com relatos de aparições e demonstrações de fé como os adesivos para carros e adereços como medalhas. De acordo com Laurentin (1965), “[a] Igreja continua a ver Maria em Cristo, mas de forma diferente: não mais como seu futuro, e sim apenas como o ponto mais alto de sua comunhão com Cristo” (1965, p.168). Os devotos não se intimidam ao serem acusados de idólatras e de alimentarem uma devoção sem fundamento na Bíblia, e seguem firme em seu propósito. Realmente, os textos que formam a Bíblia “não foram escritos diretamente para falar de Maria. A finalidade primeira dos evangelhos consiste em anunciar a pessoa de Jesus” (MURAD, 1996, p.40).

Tal devoção se contrapõe ao desdém com que os evangélicos tratam tal crença. Como exemplo, temos o fato ocorrido no dia 12 de outubro de 1995. Conforme noticiado pela imprensa¹², durante o programa *O Despertar da Fé*, transmitido pela TV Record, Sergio Von Held, pastor da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), chutou e proferiu várias palavras ofensivas a uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. No dia seguinte, a TV Globo noticiou o gesto do pastor, causando grande polêmica. Tal acontecimento magoou profundamente os católicos e ainda hoje a polêmica permanece. O pastor foi processado e a pena transformada em multa, mas o assunto voltou a circular na mídia com a provável conversão do pastor ao catolicismo, conforme notícia na revista católica **Pergunte e Responderemos** (edição 497, nov. 2003), de Dom Estevão Bittencourt – OSB¹³, e na emissora Católica Canção Nova. A

¹¹ “É o caso de inúmeras vitórias atribuídas à Virgem Santa e conseguidas com massacres, como foi o caso da capital do Espírito Santo, Vitória. Este lugar foi dedicado justamente a N. Sra. Da Vitória para agradecer à Virgem (pasmem!) a bem-sucedida destruição dos indígenas do lugar...” (BOFF, 2003, p. 365).

¹² Vídeo disponível em vários sites, acessado em <www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1396.html>, em 03 dez. 2010.

¹³ Dom Estevão Bittencourt, OSB (1919 - 2008) era monge beneditino, exegeta e teólogo brasileiro.

polêmica permanece e, enquanto os evangélicos centram seus cultos no texto bíblico, na relevância da Palavra de Deus retratada na Bíblia,

~
O católico vive em um mundo no qual o sagrado é mediado por uma série de canais – os sacramentos da Igreja, a intercessão dos santos, a erupção recorrente do “sobrenatural” em milagres – uma vasta continuidade de ser entre o que se vê e o que não se vê (BERGER, 1985, p.124).

O culto aos santos já existia nos rituais cristãos desde o primeiro século para, segundo o catecismo da igreja católica, valorizar e reconhecer aqueles que viveram de acordo com os valores de Cristo, devoções diferentes daquelas que os gregos e romanos dedicavam aos seus deuses. Muitos santos são históricos – como, por exemplo, Frei Galvão, que nasceu e viveu em São Paulo e se transformou no primeiro santo brasileiro – isto é, tiveram uma vida terrena, como os devotos, e conseguiram vivê-la se dedicando aos ensinamentos cristãos. Segundo Oliveira (1978),

O santo está ao alcance imediato do fiel: na imagem, na estampa, nos santuários, num cruzeiro à beira da estrada, numa gruta, ou nos arredores do cemitério. O fiel não precisa recorrer a um mediador especializado para contactar o santo; vai diretamente a ele, conversa com ele, expõe seus problemas, agradece as “graças”, ou simplesmente presta seu ato de culto. (p.79)

Tal devoção não se mostra estranha se for comparada, nos dias atuais, ao respeito e à admiração conferidas a pessoas como Papa João Paulo II, Pe. Cícero, Madre Tereza, Irmã Benigna ou Irmã Dulce. Como bem diz Oliveira (1975)

A concepção popular de santo é muito mais abrangente, pois inclui, além dos santos canonizados pela Igreja, todas as denominações locais e titulares de Maria Santíssima, de Jesus, bem como os santos locais e familiares. Uma criança assassinada com requintes de crueldade, uma pessoa morta tragicamente, ou um leproso que morre sem se queixar da vida, todos esses passam à categoria de santos... (OLIVEIRA, 1975, p. 4).

Ora, o culto a Maria é compreendido no mesmo enfoque do culto aos santos, mas, como mãe de Jesus e também sua principal seguidora, esta é considerada pelos católicos uma interlocutora privilegiada. De acordo com Laurentin (1965), a partir de um dos discursos pronunciados em Éfeso, Maria passou a ser invocada não como uma santa particular, mas como santa universal. Em relação aos mártires, cultuados desde o século IV como veículos de mediação, Maria se transforma em principal intercessora, a primeira nesta ordem. “Assim, do

mesmo modo que as festas de Maria haviam sido introduzidas após as dos santos, sua mediação foi descoberta ao prolongamento da dos santos” (LAURENTIN, p. 68, 1965).

Pode-se dizer com segurança que, em grande parte das residências dos católicos, há pelo menos uma imagem de Maria e que, nos momentos de dificuldades, é geralmente o seu nome aquele mais exclamado, inclusive por quem se diz descrente: “Nossa Senhora!”; “Virgem Maria!”. Uma análise no calendário de feriados no Brasil mostra que alguns deles são dedicados a Maria e que em qualquer igreja ou capela que se visite, por menor que seja, lá estará a imagem de pelo menos uma das incontáveis representações de Nossa Senhora. Fora as imagens, o devoto não prescinde dos adesivos nos carros, dos santinhos nas bolsas e carteiras, nas correntes contendo medalhas ou dos quadros pregados na parede. A devoção aos santos faz parte do catolicismo popular. De acordo com Oliveira (1972), “nesse tipo de catolicismo as relações homem-sagrado são diretas (no sentido de piedade e/ou da proteção), e não mediadas pelo corpo sacerdotal da Igreja e pelas Escrituras Sagradas” (OLIVEIRA, 1972, p.359).

O popular é um catolicismo no qual o cerne é o santo. O santo não é a imagem, mas ele *está* na imagem. O devoto estabelece com o santo uma espécie de aliança, um contrato. O devoto reza, pede, recebe “a graça” e retribui com uma oração, penitência, ou um ex-voto. Em outras palavras,

A missa e os sacramentos complementavam o catolicismo do povo, mas não eram seu núcleo. O núcleo desse catolicismo era, sem dúvida, a devoção aos santos. Um adágio popular bem descreve esse catolicismo: “muita reza, pouca missa, / muito santo, pouco padre”. (OLIVEIRA; VALLE; ANTONIAZZI, 1978, p.26).

De acordo com Murad (2010), o crescimento da devoção mariana no Brasil estaria associado a alguns fatores, dentre eles: o crescimento do Movimento de Renovação Carismática; a importância cultural da figura da mãe; o estilo de culto mais emocional do que racional – estilo característico da América Latina; e por este ser um dos elementos explicitamente católicos ou, segundo Clodovis Boff (2007), uma das três *devoções brancas* - a Virgem, o Papa e a Eucaristia – que contribuem para demarcar a identidade católica. Razões leigas ou teológicas, independente do que seja, a devoção a Maria vem ocupando a fé das mais diversas formas. Apesar dos padres, durante cultos oficiais, explicarem o lugar de Maria como mediadora das graças de Deus, os devotos não medem esforços para cada vez mais homenageá-la. Até a imprensa leiga se ocupa do tema. A fé e devoção dos brasileiros têm sido retratadas em publicações de circulação nacional, como a Revista **Veja**:

A Igreja Católica chegou bem depois dos protestantes nos cultos pentecostais, e só quando conheceu um enfraquecimento sem precedentes, com seus fiéis migrando para credos evangélicos. Padres como Marcelo Rossi e outros da Renovação Carismática, o novo alento do catolicismo, vêm conseguindo trazer de volta o rebanho desgarrado. Conta a seu favor, além das missas eletrizantes — mas nisso católicos e evangélicos estão muito parecidos —, o culto a Maria, virgem imaculada, tocada pelo Espírito Santo. Não é pouca coisa, afinal Maria é um dos ícones mais populares do cristianismo (VEJA, 23/12/98).

Atualmente, a maior força propulsora do culto mariano tem sido os adeptos do Movimento de Renovação Carismática Católica. Pouco após a realização do Concílio Vaticano II (1962 a 1965) surgiu, nos Estados Unidos, o chamado Pentecostalismo Católico¹⁴, que rapidamente se espalhou para muitos países. Nascido em 1967, a partir de um pequeno grupo, esse pentecostalismo é hoje algo tão significativo que não pode mais ser ignorado. Nasceu sem regras, sem estatuto, sem permissão, estruturando-se na oração. E se foi impondo à apreciação da hierarquia da Igreja pelo seu dinamismo transformante da vida eclesial e não por uma organização, um programa ou uma instituição. Cresceu com a proposta de atrair massas, empregando um apelo mais espiritual e mais alinhado com os princípios católicos tradicionais, na esteira do arrefecimento da Teologia da libertação, uma corrente com forte apelo social, cujo expoente máximo foi frei Leonardo Boff. Desde o início o Pentecostalismo Católico “manifestou algumas diferenças com o pentecostalismo protestante, tais como: a concepção de autoridade, de obediência e de pertença à Igreja Católica” (CARRANZA, 2000, p.25). É inquestionável que se trata de um fenômeno religioso que vem envolvendo diferentes esferas sociais. O movimento amalgamou dogmas católicos com práticas pentecostais resultando em cultos que envolvem uma grande valorização à devoção mariana, leituras da Bíblia, muita música acompanhada de movimentos do corpo, a recitação do rosário, diversas orações, recebimento do Espírito Santo, eventos grandiosos acompanhados de sermões carregados de emoções e, ainda, as curas divinas.

No Brasil, o movimento germinou a partir de Campinas, com dois jesuítas de origem americana (Padre Haroldo Rahm e Padre Eduardo Dougherty), tendo como sementes os grupos de *oração no Espírito* fundados pelo mencionado padre Haroldo. A legitimação, segundo Carranza (2000), veio com a publicação do livro *Sereis Batizados no Espírito*, de Pe. Haroldo J. Rahm, prefaciado por Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, bispo de Campinas à época. Outro subsídio que conferiu a este movimento maior visibilidade foi o tradicional

¹⁴ A Renovação Carismática Católica (RCC), ou o Pentecostalismo Católico, como foi inicialmente conhecida, teve origem com um retiro espiritual realizado entre os dias 17 e 19 de fevereiro de 1967, na Universidade de Duquesne (Pittsburgh, Pensylvania, EUA) . Site oficial da RCC no Brasil: www.rccbrasil.org.br.

gesto de imposição das mãos sobre a cabeça daquele que estava sendo iniciado, gesto que era praticado nas primeiras comunidades cristãs e que investe o iniciado da legitimidade para evangelizar.

O crescimento, apoiado na dedicação de leigos e religiosos, deu origem a dois movimentos diferentes em sua proposta: Pe. Haroldo, aos poucos, foi se dedicando à assistência a toxicômanos e Pe. Eduardo deu impulso à atual RCC. O trabalho de recuperação, realizado em várias localidades, como na Fazenda da Esperança¹⁵, tem grande alcance social e é modelo para outras instituições. Já o trabalho de Pe. Eduardo se transformou no maior movimento dentro da atual igreja católica, abrangendo uma extensa rede de grupos de oração e comunidades católicas assim como a organização de diversos eventos sociais de grande repercussão. Seu extraordinário crescimento é, talvez, o mais surpreendente fenômeno ocorrido na Igreja Católica nos últimos anos.

Quanto aos carismas que se manifestam entre os membros do movimento, tais como o dom das línguas, de profecia e de discernimento dos espíritos, Muhlen (1980) afirma que,

Aquilo em que se manifesta a graça de Deus ou o seu Espírito é, nos sacramentos, uma matéria (água, óleo, pão, vinho, etc.), determinada melhor pela palavra sacramental. Nos carismas, pelo contrário, isso é qualidade ou aptidão natural no homem. Os sinais sacramentais chegam, portanto, até nós de fora, enquanto os sinais carismáticos brotam de dentro de nós mesmos. (MUHLEN, 1980, p. 161)

De acordo com Carranza (2000), críticos apontam alguns comportamentos dos carismáticos católicos que trazem problemas para a instituição, como a *excessiva emoção*; as expressões “*batismo no espírito*” e “*carisma*”; a priorização da santificação pessoal; a falta de formação doutrinal dos líderes; a forma como se lê a Bíblia; a evasão frente às tarefas urgentes da comunidade; a impressão de que os membros dos grupos de oração contentam-se em se reunir em grupo para orar, alheando-se da realidade e fugindo a um maior engajamento. No entanto, segundo Carranza (2000), a natureza da RCC

é uma experiência pessoal e íntima de comunicação com Deus e seu objetivo de torná-la universal como experiência dentro da Igreja e a necessidade de enfatizar o caráter de movimento espiritual está acima de qualquer estrutura eclesial (CARRANZA, 2000, p. 38).

¹⁵ Segundo noticiado no próprio site da fazenda, “[n]o dia 05 de maio de 2007, o papa Bento XVI, que estava no Brasil para abertura da V Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho, carinhosamente visitou os jovens recuperantes e a Família da Esperança reunida na Fazenda das Pedrinhas na cidade de Guaratinguetá.”

Quanto à discussão de que (i) o movimento surgiu em ambiente universitário e, por isso, irradiou-se inicialmente entre pessoas de nível social mais elevado, e (ii) sua meta principal é a santificação pessoal, Dom Cipriano Chagas (1977) explica que

A religião não se baseia em obras, mas em fé. Fé é essa que se torna vivência pelo Espírito, vivência que irradia em obras do Espírito, como o calor e a luz irradiam de uma fornalha ardente. Todas as devoções, todas as práticas de piedade e de caridade são boas, desde que emanem dessa lareira de amor em nós, e se centralizem em Cristo (CHAGAS, 1977, p. 33).

Pelo que já foi explanado, depreende-se que o grupo de oração sustenta a estrutura da Renovação Carismática. Estes grupos são, geralmente, organizados nas paróquias e liderados por leigos, mas é possível também se realizarem em outros lugares, como residências. Os encontros são semanais e o número de participantes é variado. Alguns desses grupos crescem e se transformam em comunidades cristãs, denominadas *Comunidades de Aliança*¹⁶ e *de Vida*¹⁷, dentre elas, a *Comunidade Canção Nova*¹⁸, *Emanuel*, *Shalon*, *Jesus te ama*, *Rainha da Paz*.

Essas comunidades carismáticas são “novas expressões religiosas surgidas na alta modernidade” (CAMURÇA, 2010, p. 258), um fenômeno recente, mas muito importante para o desenvolvimento e propagação do movimento carismático católico. É o caso da *Canção Nova*, uma comunidade de vida, fundada em 1979 pelo Monsenhor Jonas Abib, cujo carisma é a evangelização, exercida por meio de recursos midiáticos, tais como revistas e outros produtos variados, mas principalmente por meio da rádio e da TV Canção Nova, ambas com grande audiência tanto no Brasil quanto no exterior. De fato, essa é a maior emissora de televisão católica do Brasil, com extensa programação, a maioria dela voltada para a evangelização.

¹⁶ *Comunidade de Aliança*: é constituída por pessoas que se sujeitam às regras e votos da comunidade. Seus membros continuam a viver em suas casas e a exercer suas profissões, mas participam de atividades sociais e espirituais da comunidade. As comunidades possuem fisionomia jurídica e tornam-se associações ou fundações em benefício público.

¹⁷ *Comunidade de Vida*: seus membros vivem em uma mesma casa, estando inteiramente à disposição de seu carisma, colocando a disposição da comunidade, inclusive, todos os seus bens materiais.

¹⁸ A *Comunidade Canção Nova* situa-se em Cachoeira Paulista (SP). Segundo informações veiculadas pelo seu site, “o local conta com cerca de 372 mil m², onde fica o Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes (para 70 mil pessoas); o Rincão do Meu Senhor (para 4 mil pessoas); e o Auditório São Paulo (para 700 pessoas). Além de capelas; posto médico; escola; restaurante; padaria; postos bancários; lojas de artigos religiosos; pousada; área de camping e, no entorno, prédios administrativos e obras sociais.”

Como dito anteriormente, o movimento carismático, que engloba todos os movimentos que dão ênfase aos dons carismáticos do Espírito, funda-se na experiência do Batismo no Espírito, na vivência dos dons e carismas¹⁹ e na renovação espiritual:

A esta revivescência, chamaremos antes uma força, e não um movimento porque é íntima e espontânea nas almas, propagando-se como que por um contágio benéfico, de umas para as outras, pela ação única e poderosa, magnética e dinâmica, do Espírito Santo (RAHM, 1972, p. 25).

A iniciação se dá por meio do rito de imposição de mãos chamado “Batismo no Espírito”, que não guarda relação com o sacramento do Batismo. O Batismo no Espírito não é, para os carismáticos, uma conversão, compreensão, devoção. O rito sinaliza uma mudança nas relações com Deus, e tal mudança faz com que os iniciados experimentem todas as coisas que Ele prometeu que o Espírito Santo faria a quem acreditasse. Quanto aos dons e carismas, os carismáticos acreditam que estes variam de acordo com a graça derramada e a recomendação é que sejam exercidos com dedicação e humildade, sem se vangloriar.

Segundo Carranza (2000), entre os adeptos da Renovação Carismática Católica (RCC), as iniciativas de devoção mariana tem sido as mais criativas, disseminam-se por todos os meios e são visíveis em três aspectos como (i) mercadológico: com a venda de produtos; no turismo de peregrinação aos locais de aparição e vários momentos de culto mariano no rádio e TV favorecendo a devoção; (ii) consequências: impacto nas relações de gênero e um dispositivo de controle, por parte da Igreja, do carisma no movimento; (iii) traço identitário: apesar de se assemelhar aos cultos evangélicos e, por isso, receber críticas de alguns segmentos mais conservadores da igreja, o movimento carismático vem demonstrando ter uma grande afinidade com o catolicismo tradicional e, à medida que a devoção mariana entre os membros da RCC se torna um marco que reforça sua identidade, serve também à Igreja Católica para demarcar a fronteira com os evangélicos e manter sua visibilidade na sociedade.

Dentre as formas de cultuar Maria, a pesquisa destacou as aparições e o rosário, cultos que são objeto de estudo dessa dissertação.

¹⁹ Os dons e carismas: dom da fé, da cura, da profecia, falar em línguas, repouso no espírito, etc.

2.4 Aparições Marianas

As aparições marianas, ou, segundo Laurentin (1991), *sobrenatural sensible* (p. 26)²⁰, consideradas pela Igreja revelações particulares – visto que a Revelação²¹ se encerrou com os apóstolos – fazem parte da construção do catolicismo. Na sociedade moderna, assim como nas tradicionais, as experiências de visões e aparições ficam-se sob o rótulo “assuntos polêmicos” (MURAD, 1996, p. 15). Em linhas gerais, as visões se referem a experiências interiores de indivíduos dotados de aptidões místicas. Há vários místicos²² reconhecidos pela tradição católica e cultuados como santos e modelos de espiritualidade, sendo Santa Tereza de Ávila um dos melhores exemplos.

As aparições, por sua vez, independem da aptidão mística do vidente. São percebidas externamente e em estado de vigília. Como ilustração, pode-se mencionar a manifestação de Cristo ressuscitado aos apóstolos e as diversas aparições marianas. Segundo Murad (1996) “existem pessoas que conjugam experiências místicas e capacidades psíquicas extraordinárias, resultando em locuções e visões” (p.17).

Na tradição católica, tanto visões como aparições são tratadas como milagres individuais, sinais que Deus utiliza para conceder ao devoto a “graça”. Tais manifestações têm uma função agregante e socializante e numerosos locais de culto e santuários se desenvolveram a partir de relatos de aparições e em certos casos, a economia da cidade gira em torno do evento. Há ainda casos, como em Piedade dos Gerais²³ (MG), em que a vila surgiu em função dos relatos de aparição.

De acordo com Laurentin (1991), o campo das aparições é complexo e delicado e, portanto, é preciso abordá-lo devidamente, pois sua função não é, em absoluto, completar o Evangelho. Em geral, a notícia incomoda o clero e a reação inicial é de dúvida, ceticismo e desvalorização. A certeza absoluta da Revelação se opõe à incerteza relativa das aparições, mesmo das reconhecidas, pois o reconhecimento não é uma garantia, mas uma possibilidade. Entretanto, as mensagens de Maria aos videntes demonstram urgência: Ela os avisa sobre os

²⁰ Sobrenatural sensível: denominação dada às aparições por René Laurentin, renomado teólogo francês que já pesquisou várias aparições.

²¹ Revelação com R maiúsculo, segundo Murad, é o processo no qual Deus se mostrou. Já revelação com r minúsculo refere-se a revelações particulares, incluindo aí as visões e aparições (MURAD, 1996, p.15).

²² “Há pessoas que, devido ao dom de Deus e ao seu esforço pessoal, vivem em maior intimidade com a comunidade trinitária. Nós os denominamos de “místicos”. Eles sentem de forma especial que a divindade irrompe em suas vidas e as transformam, envolvendo e movendo toda a sua afetividade e sua razão” (MURAD, 1996, p.17).

²³ Cf. FERREIRA, Amauri Carlos. **A vila: vozes antigas em tempos modernos** (1997).

perigos e ensina o caminho da proteção, geralmente por meio de orações, conversões e penitências. As explicações mais comumente formuladas para justificar tantas aparições são: o confronto entre o racional e o irracional; o clima apocalíptico de épocas turbulentas; a busca de amparo na fé diante da decepção com a ciência; a função maternal de Maria aos olhos do mundo; e, por último, a produção de bons frutos: muitas das aparições aceitas têm tido o efeito de despertar ou revitalizar o catolicismo no local. Peregrinações são organizadas, santuários são erguidos, surgem novas devoções e movimentos. Assim, uma aparição, mesmo para um vidente leigo, passa a fazer parte da igreja local a partir do momento que não ameaça seus dogmas e se torna um reforço para a fé. No entanto, contrapõe Laurentin (1991),

É preciso tomar cuidado. Trata-se da convicção de pessoas particulares, sem a autoridade oficial. Equivocariam se quisessem adotar um ensino do que não receberam a função nem o carisma, transformando sua garantia pessoal em autoridade que julga e impõe. Esta é a posição de um especialista como eu (LAURENTIN, 1991, p.59, *tradução minha*)²⁴.

Os primeiros registros mais detalhados sobre visões e aparições datam da Idade Média (sec. V – XV), após a proclamação do primeiro dogma, embora existam relatos antigos sobre aparições “no terceiro século da era cristã” (STEIL, 2003, p.24). De acordo com Laurentin (1991), o primeiro dado histórico de porte são cartas da nobreza sobre aparições, destacadas na Bíblia desde Abraão a Moisés e os profetas (LAURENTIN, 1991, p. 30, *tradução minha*)²⁵. A Igreja medieval obteve um triunfo importante durante este período: o desenvolvimento da filosofia e da teologia escolástica, principalmente por São Tomás de Aquino, baseado em Aristóteles. Os videntes do período medieval eram pessoas proeminentes da sociedade e do clero e “Maria geralmente se apresenta como advogada do povo junto a Deus e solicita que lhe seja construído um santuário, onde poderiam obter graças e favores divinos” (STEIL, 2003, p. 24).

Atendendo aos pedidos de Maria, já venerada como a Mãe de Deus, foram construídos vários templos, grandiosos como deveria ser tudo que fosse para Deus. Os locais escolhidos eram demarcados por sinais da natureza como nascentes, pedras e árvores, locais nos quais, muitas das vezes, já se cultuava alguma divindade celta²⁶. Foi um período da grande expansão

²⁴ No original: “Pero hay que tener cuidado. Se trata solo de La convicción de personas particulares, carentes de toda autoridad oficial. Se equivocarían si quisieran arrogarse un magisterio del que no han recibido la función ni el carisma, transformando su certeza personal en autoridad que juzga e impone” (LAURENTIN, 1991, p.59).

²⁵No original: “El primer dato histórico, y de talla, son las cartas de nobleza de las apariciones. Ellas ocupa un lugar importante en La Biblia, desde Abraham a Moisés e os profetas” (LAURENTIN, 1991, p. 30).

²⁶ No sec. V um santuário dedicado a Artemis de Éfeso (conhecida por Paulo: At 19,23-40) foi transformado em santuário dedicado a Maria; famosa catedral gótica dedicada à Virgem Mãe, foi construída sobre o templo da

do catolicismo, com a criação de várias ordens religiosas e da construção de grandes catedrais em estilo gótico, como a Notre Dame em Paris, iniciada em 1150, e Chartres, também na França, que tem entre suas relíquias o véu que, segundo se afirma, foi usado por Nossa Senhora no momento da Anunciação. Nesse período, é notória a tentativa da igreja de cristianizar os pagãos. Em várias cidades da Escandinávia houve uma mescla entre a religião pagã local e a cristã, e os templos pagãos foram cobertos de símbolos cristãos. Algumas cidades ainda possuem esses templos como Gamla Uppsala (Suécia) e Fantoft (Noruega).

Na Idade moderna (sec. XV – XVIII), as aparições são anunciadas por pessoas de comunidades mais afastadas dos grandes centros, ameaçadas por pestes e fome, ou em locais onde a religião estava se instalando. Era a época da expansão marítima, da descoberta e colonização de novos territórios, do renascimento e da Reforma Protestante que causou vários desdobramentos no cristianismo. Foi um período pródigo em aparições e a Igreja empreendeu um trabalho missionário sem precedentes. No México (1531), a aparição da Virgem de Guadalupe a um índio, como simples camponesa, funda o cristianismo no país recém-colonizado pelos espanhóis. No Brasil, em 1717, a imagem encontrada por dois pescadores no Rio Paraíba do Sul, na região de Guaratinguetá, estado de São Paulo, – Nossa Senhora Aparecida – transforma-se bem mais tarde em padroeira do país.

Segundo Steil (2003) acredita-se que é Maria quem escolhe a comunidade à qual quer se manifestar, estabelecendo um diálogo com toda a região, por meio de uma relação direta, isto é, sem intermediação das autoridades eclesiásticas. Estas são chamadas apenas para constatar a veracidade dos relatos dos videntes, geralmente pessoas mais simples ou jovens. Essas manifestações marcam o fim da era do culto centrado nas relíquias e o início do culto às imagens. As mensagens, como dito anteriormente, são, em geral, avisos sobre punições divinas, pedidos de orações para a conversão e a necessidade do estabelecimento de novos locais de cultos.

O século XIX e início do XX foram marcados pelo avanço das ciências, revolução industrial, consolidação da burguesia, grandes conflitos na Europa e a guerra fria. Coincidentemente, houve também um grande número de aparições neste período. Os videntes eram principalmente crianças camponesas, humildes e iletradas e, às vezes, com problemas de saúde. Maria aparece como a mãe que cuida, cura, confia segredos e pede penitência,

Virgo paritura dos celtas que, neste mesmo local, tinham seu lugar de peregrinação. No subsolo da catedral se conserva ainda a estátua. Em Roma, a Igreja de Santa Maria Antiqua foi construída sobre o templo de Vesta Mater; Santa Maria de Capitólio ocupa o lugar antes dedicado a Juno. Na Acrópole, a Igreja à Virgem Mãe de Deus substitui o templo de Palas Atenas. A Madona Del Granato de Paestum (Campanha italiana) substitui em tudo a antiga veneração da deusa Hera Argiva. (BOFF, 1983, p. 226-227)

oração e conversão. Na Europa, uma série de aparições teve como tema a luta contra o comunismo e o avanço da ciência. O clero, então, passa a ter uma importante função, a de guardião dos segredos:

A mensagem, geralmente relacionada ao contexto em que vivem os devotos, e os *segredos*, que apontam para o fim dos tempos e para a afirmação da autoridade da Igreja, se tornam o eixo em torno do qual o evento e o discurso das aparições modernas vão se organizar (STEIL, 2003, p. 29).

São desse período as aparições mais destacadas até hoje: Rue Du Bac, Paris (1830) originou o culto da Medalha Milagrosa; La Salette, França (1846); Lourdes, França (1858), como centro de curas, confrontando a evolução da medicina; Pontmain, França (1871); Fátima, Portugal (1917), como símbolo da luta contra o comunismo; Beauraing e Banneaux, Bélgica (1932, 1933). Lourdes e Fátima se tornaram modelos para muitas aparições e até os dias atuais se constituem em grandes centros de peregrinação.

Nos últimos 20 anos do século XX, até a atualidade, segundo Laurentin (1991, p.22)²⁷, multiplicaram-se o número de relatos de aparições e o resultado tem sido positivo. Os videntes, na maioria das vezes, são mulheres ou pessoas mais jovens que recebem mensagens principalmente através de locuções interiores. A ênfase das mensagens está nos problemas atuais, como as mudanças na sociedade e o avanço das ciências, questões de difícil diálogo para a Igreja. O modelo atual é Nossa Senhora Rainha da Paz, em Medjugorje²⁸ na Bósnia, local no qual o primeiro relato de visões foi registrado em 1981.

De acordo com Cesca²⁹ (1994) a Bósnia era um mosaico de nações e de religiões. A Iugoslávia, um país "inventado" pelo Marechal Tito (p. 11), era um estado ateu e todas as religiões sofriam perseguições, sendo a prática tolerada desde que realizada de modo privado. Com o advento das aparições, a paz passou a reinar na região que, atualmente, é um lugar tranquilo e atraente para se passar dias de férias ou de reflexão.

²⁷ “Aprovechando algunas invitaciones, he realizado sondeos en algunos lugares de apariciones, con el fin de denunciar esta proliferación, pero los resultados fueron positivos en mayor medida de lo que yo había pensado. Las apariciones que prosiguen en Argentina (San Nicolás), México (Terra Blanca), Ruanda (Kibého), Siria (Damasco), Italia (Schio), Corea (Naju). etc., no presentan ningún signo patológico. Producen buenos frutos” (LAURENTIN, 1991, p.22).

²⁸ Medjugorje está localizada na região sudoeste da Bósnia-Herzegovina, país na península Balcânica, sudeste da Europa, que surgiu com a divisão da ex-Iugoslávia.

²⁹ Vários relatos ou termos usados pelo autor remetem aos livros sobre a renovação carismática. Por exemplo, ele trata os fiéis convertidos de "renascidos", identifica seus carismas, valoriza o grande número de fiéis durante as celebrações, prega o modelo familiar mais conservador (todos os videntes se casam e têm família nos moldes tradicionais). Em Medjugorje, segundo o autor, há um incontável número de grupo de orações – inclusive grupos de jovens – que se reúnem para orar e partilhar uma profunda vivência e experiência espiritual.

As mensagens supostamente recebidas pelos videntes³⁰ da Bósnia geralmente pedem a conversão, a oração diária, a confissão mensal, o jejum, o ecumenismo e ainda alerta contra Satanás, a violência, as ameaças à família e o desamor. Incentiva a prática das *cinco pedrinhas*: a recitação do rosário, a participação na Eucaristia, a confissão mensal, o jejum semanal e a leitura diária da Bíblia. Outro ponto bastante valorizado talvez seja a revelação dos dez segredos e também a biografia de Nossa Senhora, que uma das supostas videntes diz ter recebido, e que aguarda a autorização Dela para publicar.

Incrementado pelo Movimento Carismático Católico, houve um crescimento das peregrinações aos locais das aparições e, com o desenvolvimento da tecnologia, já se pode ver pela internet vídeos feitos com os videntes de Medjugorje e, deste modo, receber suas mensagens. “A mensagem fundamental que Nossa Senhora de Medjugorje dirige a um mundo em perigo é a volta a Deus pela fé, a oração, a conversão, o jejum pela paz e a reconciliação” (LAURENTIN, 1987, p. 67).

Quando os primeiros romeiros apareceram por ali não havia restaurantes, o abastecimento de água era precário e não havia sanitários públicos. Tudo ali era ainda rudimentar e limitado. As peregrinações fizeram surgir no local um crescente comércio de souvenirs, hospedagens, reformas ou construções que dão mais conforto ao clero, sempre presente em grande número, e um serviço completo para atender ao turista/peregrino.

As aparições subsidiaram, e ainda subsidiam, significativamente, a consolidação da devoção a Maria no mundo todo. É uma espécie de culto versátil, adaptável às necessidades pessoais, locais ou da época. No entanto, julgar e analisar uma aparição, assim como o conteúdo de suas mensagens, não é uma tarefa simples, pois segundo Laurentin (1991),

É necessário um trabalho imenso para julgar corretamente uma aparição. Lourdes exigiu-me mais de vinte anos; Pontmain mais de cinco anos; a Medalha Milagrosa, nove anos; e tudo isso com a ajuda de grupos de estudos (...) até entre as manifestações aprovadas havia partes para discernir entre a autenticidade essencial e a parte da fragilidade humana, incluindo o pecado, do qual os videntes não estão imunes. Medjugorje custou-me já dezoito viagens e milhares de horas de trabalho (LAURENTIN, 1991, p. 66, *tradução minha*)³¹.

³⁰ Os videntes eram seis jovens de idades diferentes. Todos estão vivos e permanecem ligados ao fenômeno, cada um exercendo seu carisma.

³¹ No original: “[H]ay que realizar un trabajo inmenso para juzgar correctamente una aparición. Lourdes me ha exigido más de veinte años; Pontmain, más de cinco; nueve años la Medalla Milagrosa, y todo ello contando con equipos de trabajo. (. . .) hasta entre las manifestaciones aprobadas había partes para discernir entre la autenticidad esencial y la parte de debilidad humana, incluido el pecado, del cual los videntes no están exentos. Medjugorje me ha costado ya dieciocho viajes y miles de horas de trabajo” (LAURENTIN, 1991, p. 66).

De acordo com as recomendações contidas no Subsídio da CNBB, “para se compreender o fenômeno das aparições, é preciso analisar o fato, as mensagens e o contexto” (2005, p. 40). A julgar pelo número de aparições que já foram reconhecidas pela Igreja, pode-se compreender a cautela com que as autoridades analisam cada caso. Por vezes, as revelações são particulares, não podem ser divulgadas ao público em geral, e devem ficar sob a guarda do vidente ou da igreja para a divulgação apenas quando esta julgar pertinente, como aconteceu com uma vidente em Medjugorje, e em Fátima com os três pastorinhos. Outras vezes, as mensagens são apocalípticas, carregadas de previsões catastróficas.

De qualquer modo, existem grandes santuários, com enorme afluxo de peregrinos, que ainda não obtiveram a aprovação oficial da Igreja. Como dito acima, neste tipo de devoção parece que o papel dos representantes da Igreja resume-se a evitar os abusos e manter a situação sob certo controle, pois o mito das aparições tem dado muitos frutos para a Igreja, principalmente na Idade Contemporânea.

No entanto, essas revelações particulares, mesmo quando aprovadas pela igreja, não significam compromisso para o católico: ou seja, ninguém tem a obrigação de crer nas aparições. Essa crença pertence ao catolicismo popular e, como dito anteriormente, nele, o devoto não necessita da interferência do clero. Por outro lado, muitos locais fundados a partir de relatos de supostas aparições se tornaram grandes centros de peregrinação, mesmo sem o reconhecimento oficial. Os cultos oficiais ou leigos em locais onde há relatos de aparições se tornaram muito importantes na devoção do católico brasileiro. Hoje em dia, o turismo de peregrinação aos locais das supostas aparições se tornou um bom destino para excursões e um dos grandes negócios para agentes de viagens, inclusive católicos³².

O procedimento oficial da Igreja, além de exigir cautela, é o de promover entrevistas com os videntes e buscar o apoio da ciência para verificar o estado físico, mental e psicológico daqueles. “Provar a autenticidade material das aparições e a sanidade psíquica dos videntes é parte da estratégia pela qual a hierarquia católica busca garantir um lugar para a Igreja” (STEIL, 2003, p. 31). Entretanto, tal devoção deve ser tratada por todos de forma respeitosa, pois para o devoto que diz ter presenciado a aparição ou recebido uma mensagem, aquela é a sua verdade, mesmo que não seja necessariamente uma verdade universal. A doutrina da igreja não diz que todos os católicos devem crer que Nossa Senhora se manifestou, mas respeita a devoção daqueles que crêem em tal fenômeno e que isso torna melhor a sua existência.

³² **Turismo religioso:** ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Coletânea de seis artigos, de autores diferentes, sobre este fenômeno social emergente. Vide referências.

As aparições em Itaúna ocorreram na década de 1950 e não há registros de aparições recentes. Guardam algumas semelhanças com a aparição de Fátima: os primeiros videntes – apesar de nunca terem recebido mensagens – eram três crianças; o local era pouco habitado; e as mensagens, em geral, eram pedidos de orações contra o paganismo ou de cunho apocalíptico.

2.5 O Rosário

O rosário é uma prática que passou a ser incentivada pela igreja católica a partir do século XIII e teve destaque no pontificado de João Paulo II, grande divulgador e praticante. Como mencionado na introdução, o pontífice dedicou a Maria seu pontificado e a ela atribuiu sua sobrevivência após ter sido alvejado por tiros em 13 de maio de 1981: “[e]u mesmo não descurei ocasião para exortar à freqüente recitação do Rosário” (João Paulo II, 2002, p. 5).

O rosário é uma prática comum tanto do catolicismo romano quanto do popular. Ao lado das romarias aos locais das aparições, o rosário é um dos exercícios católicos para a devoção a Maria. Além de se constituir de orações bastante conhecidas, pode ser rezado a qualquer hora, em qualquer lugar. Segundo Lins de Oliveira (2009), as narrativas tradicionais contam que o rosário foi entregue a São Domingos de Gusmão pela Virgem Maria, para que ele rezasse e divulgasse a “oração do rosário” (p.83). De acordo com Lima Júnior (2008), o Cônego Domingos de Gusmão, enquanto rezava diante de uma imagem de Nossa Senhora, ouviu de seus lábios que fora a saudação “Ave Maria” do Anjo que anunciara a redenção do mundo e, portanto, tais palavras serviriam para a conversão dos heréticos. Assim, acatando a mensagem recebida “compôs o rosário, meio de oração que intercalando as Ave-Marias com as pequenas meditações dogmáticas da Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo, continha toda a doutrina cristã e encerrava uma prece muito cara ao coração da Santíssima Virgem” (LIMA JÚNIOR, 2008, p. 88). O rosário é uma forma simbólica de devoção a Maria e, nas palavras dos devotos, cada Ave Maria que se reza, é como se oferecesse uma rosa a ela. Segundo Jung,

Desde os albores da humanidade observa-se uma pronunciada propensão a limitar a irrefreável e arbitrária influência do “sobrenatural” mediante fórmulas e leis. E este processo continuou através da história, sob a forma de uma multiplicação de ritos, instituições e convicções (JUNG, 1984, p. 21).

Nas aparições de Maria, a partir do século XIX, os principais pedidos por ela feitos aos videntes são de oração e de conversão. Às vezes, o pedido é explicitado oralmente; outras, apenas por meio de visões: por exemplo, sua aparição portando um rosário é interpretada pelos videntes como um sinal especial para a recitação deste. Em Lourdes e Fátima, segundo os videntes, a aparição insistia para que se rezasse o terço. Em Itaúna, a imagem descrita pelo vidente traz na mão esquerda o pedido de orações para a conversão e na mão direita o rosário. Na opinião de muitos devotos e frequentadores do terço dos homens, maior clareza, impossível.

Mauss (2000) considera a prece ou oração, além de um fato social, um dos fenômenos centrais, o ponto de convergência da vida religiosa. É social pelo seu conteúdo e por sua forma: em algumas religiões, é recitada por uma autoridade sacerdotal; em outras, por grupos, não existindo fora do ritual. No próprio rito encontram-se os elementos míticos e rituais que nos permitem compreendê-lo e relacioná-lo as coisas sagradas. A oração “é plena de sentidos como um mito; freqüentemente é tão rica em idéias e em imagem como uma narração religiosa; é cheia de força e eficácia como um rito” (MAUSS, 2000, p. 231).

A prática de se rezar em lugares santos é usual no cristianismo desde os primeiros tempos e o terço, sistematizado no século XII, é um dos modos mais usuais dessa prática. A origem do ritual é contada em várias versões e, quanto ao nome, rosário, a versão mais citada é que a possível origem está no costume de se oferecer guirlandas de rosas à sua rainha. Entretanto, a evangelização por meio da oração do rosário, segundo Lins de Oliveira (2009), é contemporânea às batalhas dos cruzados cristãos, compartilhando o modelo de cristianização caracterizado pela divulgação da doutrina católica e pelo combate às práticas contrárias ou concorrentes ao catolicismo (p. 85).

Considerado às vezes como oração mecânica, para seus defensores o rosário é uma oração bíblica, cristocêntrica, pois, nos mistérios contemplados, são lembradas as alegrias, dores e glórias da história de Jesus Cristo e de Maria. Nas palavras do Papa João Paulo II (2002), “recitar o Rosário é contemplar com Maria o rosto de Cristo” (p. 6), enquanto para Mohana (1997), o rosário “é uma oração que nos transporta para dentro da Bíblia, para dentro do Evangelho (...). É uma oração não apenas cristológica, mas cristocêntrica” (p. 11). Lima Júnior (2008) diz que o Rosário de Nossa Senhora está presente em todos os recantos de Minas Gerais e que “é toda a liturgia dos humildes, dos que não sabem ler, dos que não podem comprar manuais litúrgicos nem podem enxergar na escuridão das missas da madrugada, mas que sabem elevar sua alma na contemplação dos mistérios” (LIMA JÚNIOR,

2008, p. 95). Em outras palavras, o rosário não apenas fala de Jesus Cristo; Ele está no centro da contemplação de todos os mistérios. Segundo a Enciclopédia Católica Popular,

o rosário é o exercício da piedade popular mais divulgado e recomendado pelos Papas, desde Urbano IV (séc. XIII) até aos nossos dias. Leão XIII dedicou-lhe 10 encíclicas e João Paulo II a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (16.10.2002), ao entrar no ano comemorativo das bodas de ouro pontificais. Surgiu nos meados do séc. XII como substituto do Ofício Divino para os monges iletrados, correspondendo as 150 ave-marias aos 150 salmos do Saltério. A sua divulgação popular deveu-se a S. Domingos (c. 1205) e aos Dominicanos. S. Pio V, em 1569, recomendou-o como hoje se reza e, depois da batalha de Lepanto, que libertou a Europa da invasão turca (7.10.1571), instituiu a festa de N.ª Sr.ª do Rosário.

Quanto à denominação, emprega-se, atualmente, como se fossem termos intercambiáveis, as denominações terço e rosário para o conjunto de orações. No entanto, “é importante ressaltar que a escolha por um dos termos habitualmente se pauta pelo tamanho do objeto, ou seja, o rosário sendo o objeto completo e o terço, sua parte” (LINS DE OLIVEIRA, 2009, p. 83). O Rosário, atualmente, compõe-se do conjunto de 200 Ave-Marias, ou seja, vinte mistérios, divididos em:

Cinco mistérios gozosos ou da alegria – a anunciação do arcanjo a Maria; sua visita a Isabel; o nascimento de Jesus; a apresentação deste no templo/a purificação de Maria; e o menino encontrado entre os doutores.

Cinco mistérios dolorosos ou da dor – agonia de Jesus no horto; sua prisão e os açoites; a coroa de espinhos; o caminho da cruz e a crucificação.

Cinco mistérios gloriosos ou da glória – ressurreição; ascensão do Senhor; Pentecostes; assunção de Maria; e coroação da Virgem como Rainha do Céu e da Terra.

Cinco mistérios luminosos ou da luz, instituídos pelo papa João Paulo II em 2002, por meio da Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, onde se contemplam o período da vida pública de Jesus – Jesus sendo batizado no Rio Jordão; Jesus nas bodas de Caná, quando transformou a água em vinho; Jesus anunciando o reino de Deus e convidando à conversão; sua transfiguração no monte Tabor; e a Santa Ceia, com a instituição da Eucaristia.

Já o terço³³, apesar do nome, corresponde na atualidade à quarta parte do Rosário, após a instituição da quarta série de mistérios, conforme parágrafo acima, e é o mais praticado pelos católicos. Dividindo-se em quatro, estabeleceu-se um dos mistérios para dias específicos da semana, de forma que quem o pratica diariamente acaba completando todo o ciclo: Mistérios

³³ Além dessa maneira tradicional de se rezar o terço, é possível encontrar no comércio de artigos católicos, nas emissoras católicas ou em páginas virtuais outras maneiras de rezar o terço, dentre elas o terço da misericórdia, terço do poder do sangue de Jesus, o terço bizantino, o terço do perdão, etc..

Gozosos às segundas; Mistérios Dolorosos as terças e sextas-feiras; Mistérios Luminosos às quintas-feiras e Mistérios Gloriosos às quartas-feiras, sábados e domingos. No caso do terço dos homens de Itaúna, como a devoção é semanal, reza-se um dos mistérios em cada semana. No entanto, de acordo com a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* de João Paulo II (2002),

Esta indicação, porém, não pretende limitar uma certa liberdade de opção na meditação pessoal e comunitária, segundo as exigências espirituais e pastorais e sobretudo as coincidências litúrgicas que possam sugerir oportunas adaptações. (p.51).

O conjunto de 50 ave-marias, dividido em cinco blocos, intercalados pelo Pai-Nosso e jaculatórias, e ainda a citação do texto a ser meditado, marca o tempo dedicado à reflexão sobre cada mistério. Enquanto se percorre com os dedos cada uma das dez contas, deve-se refletir também sobre a passagem da vida de Jesus que fora citada.

Mesmo já não sendo mais a terça parte do Rosário, após a adição dos mistérios luminosos, permaneceu a denominação Terço. O nome “Quarto” é sugerido pelo Pe. João Carlos Almeida – Pe. Joãozinho – em seu livro **Vinte e cinco maneiras de se rezar o terço**. Prova-se muito difícil, entretanto, modificar uma nomenclatura tão consolidada no imaginário do devoto. É o mesmo caso do *terno*, vestuário antigamente composto por três peças (calça, paletó e colete): mesmo com o pouco uso do colete a denominação permanece. Pe. Eduardo Dougherty (1996) sugere a recitação do rosário tanto na íntegra quanto em partes e ainda recomenda que se tenha sempre um terço “no bolso, na bolsa, no carro, ou no dedo como forma de anel, para nunca nos esquecermos de rezá-lo” (p.1).

3. APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA EM ITAÚNA

Este capítulo tem o duplo objetivo de (i) apresentar a formação do cenário onde semanalmente se realiza a reza do terço pelo grupo masculino denominado Filhos de Maria; (ii) contribuir para a construção da fenomenologia das aparições marianas no Brasil. Mais especificamente, o capítulo procura compreender a devoção mariana em Itaúna, a permuta de igrejas e de imagens e o contexto em que ocorreram as aparições. Também descreve as aparições e a origem da imagem que é usada como símbolo dos Filhos de Maria – iconografia criada quase meio século após as primeiras visões – e o local capaz de comportar um número tão considerável de homens durante a reza do terço.

É preciso salientar que as aparições em Itaúna sempre apresentaram um caráter local e nunca atraíram multidões de peregrinos ou mesmo algum interesse de pesquisadores locais. Entretanto, sua importância deve-se, na atualidade, principalmente à convicção de um grande número de devotos de que a reza do terço, objeto desta pesquisa, é a concretização de uma das mensagens, revelada por Nossa Senhora em uma de suas aparições. Chama a atenção o fato de esta *concretização* ter surgido após tantos anos, ou seja, após meio século.³⁴ Outro dado relevante é o crescimento do número de devotos ao local, fenômeno atribuído ao movimento Terço dos Homens. Para alguns devotos, contudo, esse crescimento se deve ao grande destaque que Maria vem recebendo no catolicismo atualmente.

3.1 Breve história do catolicismo em Itaúna

Levando-se em conta que, segundo os relatos obtidos, as aparições marianas em Itaúna iniciaram-se na segunda metade da década de 1950, época de grandes e relevantes mudanças no Brasil, serão lembrados alguns fatos que marcaram a história do catolicismo em Itaúna e também do contexto social, político e religioso de tal período. Tenha-se em mente que a intenção, neste primeiro momento, é apresentar um esboço geral do lugar, e não um minucioso estudo histórico.

³⁴ De acordo com as narrativas, a primeira aparição ocorreu em 27 de julho de 1955 e a última em 1965. A reza do terço pelos Filhos de Maria se iniciou em 02 de agosto de 2006.

A palavra Itaúna é de origem indígena e significa *pedra negra*. É um município do centro-oeste de Minas Gerais, fundado no século XVIII, durante o ciclo do ouro. Assim como outras cidades mineiras, Itaúna foi colonizada pelos portugueses, que trouxeram para a região a forte influência da religião católica, destacando-se a grande devoção a Nossa Senhora. O rio que banhava as terras, e hoje se encontra no centro da cidade, recebeu o nome de São João e o primeiro nome do lugarejo foi Paragem do São João Acima.

Segundo dados colhidos nas pesquisas feitas por Nogueira³⁵ (1997), logo nos primeiros anos construiu-se um oratório, devotado a Nossa Senhora Sant'Ana, onde também se enterravam os mortos batizados. Em 1750, o oratório foi demolido e foi iniciada a construção da Capela de Sant'Ana e a primeira missa ali celebrada ocorreu em 1766. Posteriormente, em 1852, por influência de padres italianos, fez-se uma permuta: Nossa Senhora Sant'Ana desceu o morro e ganhou uma capela no local onde hoje é a praça principal da cidade, sendo que a capelinha devotada a Nossa Senhora do Rosário, construção simples feita pelos escravos nas horas de folga, transformou-se na sacristia do novo templo. Nossa Senhora do Rosário, em um cortejo feito pelos negros, subiu o morro e ocupou a antiga capela devotada a Sant'Ana desde os primeiros tempos. O segundo cemitério construído pelos padres com a ajuda da população ocupou um terreno à parte, doado por Felizardo Gonçalves Cançado. Antes de partirem para a cidade de Carmo do Cajuru, em 1854, os capuchinhos recomendaram ainda a construção de mais duas capelas na cidade: uma dedicada a São Miguel, no interior do cemitério, e outra dedicada ao Senhor do Bonfim, no Morro de Santa Cruz. O pedido foi atendido.

Um novo templo foi projetado pelo arquiteto italiano Raffaello Barti e as obras chegaram a iniciar-se no terreno do cemitério. Tal obra, contudo, foi interdita, devido aos altos custos. Um novo projeto, mais modesto, foi feito por Luís Signorelli, de Belo Horizonte, e mantinha o templo no mesmo local, permutado com a capela do Rosário. A construção do templo foi abandonada e manteve-se o cemitério. Um terceiro cemitério, secularizado, foi construído em 1922 e, em 1933, o antigo demolido, dando lugar a uma praça. Mais tarde, sem que ocorresse nenhuma desapropriação, já que o terreno pertencia à Igreja, e por motivos políticos, construiu-se, no local da praça, um grupo escolar, a sede para um sindicato, uma agência dos correios e um clube de dança.

³⁵ Guaracy de Castro Nogueira é um historiador e genealogista itaunense, ex-reitor da Universidade de Itaúna e se dedica a pesquisas principalmente na região. É o fundador e curador da Fundação Maria de Castro, entidade que abriga um enorme acervo, inclusive sobre Itaúna.

A atual Matriz de Sant'Ana – paróquia à qual pertence a Gruta de Itaúna onde os Filhos de Maria se reúnem – que, após a permuta, foi ampliada e reformada, permanece em uma grande praça chamada Dr. Augusto Gonçalves. Essa praça, antes chamada de Benedito Valadares, só não foi transformada em um clube, em 1949, por insistência do Pe. José Ferreira Neto que, mobilizando a população, impediu a já iniciada construção. Quanto a Nossa Senhora do Rosário, transferida para a antiga capela de Sant'Ana, permanece no mesmo local. A capela, hoje tombada pelo patrimônio histórico do estado, foi reformada e é o local no qual acontece a Congada, festa criada pelos negros.

O sonhado ouro não foi encontrado, apesar de a região ser muito rica em minério de ferro. No entanto, a cidade se desenvolveu muito devido ao empreendedorismo dos primeiros habitantes. Houve um surto de progresso industrial, a partir de 1891, com a instalação da Cia. De Tecidos Santanense, seguida pela Cia. Industrial Itaunense em 1913 e, mais tarde, com a criação de diversos estabelecimentos industriais, principalmente no ramo da siderurgia.

Saltemos para os anos de 1950. De acordo com as notícias veiculadas pelo jornal local, Folha do Oeste, o destaque era o progresso da cidade: a construção de uma barragem maior do que a Lagoa da Pampulha em BH; a compra de tratores pela Cooperativa Agropecuária; a construção de pontes e rodovias; a possível construção de uma subestação das Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG); e a construção de um cinema. Noticiava-se também, por meio da rádio local, o movimento em torno às supostas aparições, a reza do terço bem como se chamava a atenção para os problemas que a cidade enfrentava com as crianças abandonadas que, por vezes, eram encontradas jogando sinuca, bebendo e cometendo pequenos furtos.

3.2 Contexto social, político e religioso da década de 1950

Esboça-se, agora, um quadro geral da conjuntura brasileira durante a década de 1950, marcada por grandes mudanças na sociedade, especialmente em termos comportamentais. Para Rubem Alves (1978), a sociedade passou a ter um novo ídolo: o desenvolvimento (ALVES, 1978, p.115). Com a televisão, recém-chegada, e o rádio levando as novidades a um grande número de pessoas, houve uma efervescência cultural originando intensa movimentação artística: na música, com a Bossa Nova; no cinema, com o chamado Cinema Novo; e no teatro, com o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC). 1950 foi o ano em que se

inaugurou o Maracanã, e também o ano em que, durante a Copa do Mundo, o Brasil perdeu a partida final para o Uruguai. Foi a década em que ocorreu a morte do presidente Getúlio Vargas (1954) e a eleição de Juscelino Kubitschek (1955) para a Presidência da República, com seu ambicioso Plano de Metas – o famoso slogan “50 anos em 5” – que incluía a construção da nova capital, Brasília, inaugurada em 1960.

O país, até então, caracterizava-se, em grande parte, por economia e população agrárias. Contudo, seguiu se modernizando, passando pela industrialização no governo de Getúlio Vargas. Houve um avanço na urbanização das capitais, que passaram a receber um grande número de pessoas que migravam do campo em busca de trabalho nas indústrias. Houve “um rápido processo de mudanças sociais, provocadas pela industrialização, com todas as conseqüências que se seguem: urbanização acelerada, migrações das zonas rurais “arcaicas” para a cidade, secularização” (ALVES, 1978, p.115).

Já no cenário político, o mundo pautava-se pelo tema central da Guerra Fria. Esquemáticamente, a Guerra Fria resumiu-se a um conflito de ordem política, social e ideológica no qual duas nações – de um lado, os Estados Unidos, representando o capitalismo, e do outro, a União Soviética, desde 1917 sob o comando do Partido Comunista, a propor outro modo de produção, o socialismo – jogavam xadrez tentando ganhar posições estratégicas no grande tabuleiro que a ordem mundial havia se tornado. Como conseqüências, dentre outras, iniciou-se a corrida para a exploração espacial e para o desenvolvimento da indústria bélica, com a fabricação de armas cada vez mais poderosas e intimidadoras.

Quanto à religião, de acordo com o IBGE, os católicos eram grande maioria na população brasileira. No recenseamento realizado em 1950, 93,5% da população declarava-se católica apostólica romana e 0,5 % sem religião. Entretanto,

o advento da secularização decretava o fim de uma série de manifestações religiosas pitorescas e exóticas, ligadas ao Brasil arcaico. (...) A Igreja católica, enquanto instituição clerical, continua a aceitar a divisão das esferas de influência: seus interesses são claramente institucionais, voltados para dentro, e suas energias são dirigidas no sentido de articular a sua própria sobrevivência neste novo mundo. (ALVES, 1978, p.116).

Ainda segundo Alves (1978), havia um confronto entre o catolicismo brasileiro e o protestantismo. Os protestantes, com grande influência americana, acusavam os católicos de manter relações com o autoritarismo, com o atraso econômico e com a superstição. Em contrapartida, aqueles eram acusados pelos católicos de atitudes modernizantes, de cultivar o individualismo que poderia ser o causador da ruptura da ordem social e cultural.

Esta é também a década em que a Igreja Católica, como resposta às novas configurações culturais e ideológicas, reestrutura-se em âmbito mundial, em um processo que culminaria com o Concílio Vaticano II; em 1952, por iniciativa de D. Hélder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, foi criada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); em maio de 1953, houve a grande peregrinação de uma réplica da imagem de Nossa Senhora de Fátima por várias cidades do Brasil; no período entre 17 e 24 de julho de 1955 foi realizado no Rio de Janeiro o Congresso Eucarístico Internacional³⁶; em 1958, morria o papa Pio XII, que em novembro de 1950 proclamara o dogma mariano da Imaculada Conceição; entra João XXIII, responsável pela convocação do Concílio Vaticano II, iniciado em 1962, o qual viria a trazer mudanças na instituição, dentre elas, a maior participação do leigo na Igreja e o ecumenismo.

No entanto, nas áreas de recente urbanização e de ampla imigração, de acordo com Valle (1977), começava a surgir, no espaço sócio-religioso, uma pluralidade de matrizes e matizes, possibilitando ao indivíduo a escolha, dentre as propostas religiosas, daquela que mais oferecesse coerência a sua nova identidade urbana.

Assim, nesse contexto marcado pelo desenvolvimento e crescimento do Brasil, pela guerra fria e também por mudanças no contexto religioso é que os itaunenses receberam a notícia que uma *santa* teria aparecido para três crianças em um bairro ainda pouco habitado.

3.3 Nossa Senhora de Itaúna

Para reconstruir a narrativa dos fatos ocorridos a partir de 1955 no bairro chamado Vila Mozart, em Itaúna, foram feitas pesquisas no município no período de 2009 a 2010. A parte empírica se constitui de fotos, entrevistas orais, escritas ou gravadas, de levantamento nos jornais locais da época das aparições e literatura sobre o assunto.

As entrevistas foram feitas com dois dos homens que, na infância, teriam presenciado as aparições, com a família do vidente que deixou por escrito o relato das aparições, com o padre cofundador do movimento Filhos de Maria, com outros representantes da Igreja Católica em Itaúna e também com pessoas que, de alguma forma, estão envolvidas com a reza do terço ou com a Gruta de Itaúna, local das aparições.

³⁶ Foi durante esse congresso que ocorreram os primeiros relatos de aparições de Maria em Itaúna.

Até hoje as aparições em Itaúna permanecem um assunto local, seja por questões particulares dos videntes, seja por (in)determinação da Igreja ou simplesmente pelo fenômeno não ter recebido nenhum estudo mais detalhado. Isto mostra a limitação em termos de fontes bibliográficas: em pesquisas feitas na cidade, tanto em jornais e bibliotecas, como por meio das entrevistas, encontrou-se quatro livros sobre o tema, citados mais abaixo, um texto deixado por um dos videntes e muitos relatos de lembranças daqueles acontecimentos, mas nenhum material com tratamento acadêmico. Em Subsídios Doutrinários, um documento da CNBB sobre aparições informa que “fora do Brasil, nota-se certa regularidade de casos, a partir de 1940 até hoje. No Brasil, eles começaram apenas a partir de 1960” (CNBB, 2005, p. 22).

Na bibliografia consultada não foram encontradas referências às aparições em Itaúna e nas buscas pela internet apenas um site não-católico – Portal do Santo Daime – relaciona a aparição de Itaúna entre as aparições ocorridas no Brasil que estão em estudo pela Igreja. Em resumo, o material encontrado sobre as aparições é escasso, além de estar disperso e não sistematizado. A versão mais considerada sobre as aparições está centralizada na pessoa e nos relatos escritos deixados pelo Sr. Ovídio Alves de Souza, um dos farmacêuticos da cidade, que faleceu em 2002. Esses relatos se encontram na Diocese de Divinópolis e são constituídos pelo diário do vidente somado a anotações esparsas de outras pessoas. Este diário foi inicialmente entregue ao pároco, após a morte do autor. Este o deixou sob a guarda do bispo, que, naquele período, era Dom José Belvino.

Algumas fotografias sobre o local e os protagonistas do movimento, ocorrido a partir de 1955, estão expostas na capela existente na entrada do terreno onde se situa a Gruta. Há uma pintura da aparição na parede da capela e os livros publicados entremeiam vivências pessoais a outros temas. Comparando-se as aparições de Itaúna a outras aparições, inclusive tradicionais como as mundialmente destacadas Lourdes e Fátima, e de outras ocorridas no Brasil, notam-se semelhanças e diferenças. Enquanto outros videntes e recebedores das mensagens eram ainda jovens, alguns analfabetos e às vezes nem sabiam rezar³⁷, em Itaúna apenas adultos receberam as mensagens da aparição. Três jovens humildes foram os primeiros videntes, mas dois deles disseram que ela nunca lhes revelou nada. Segundo Laurentin (1991),

as aparições atuais manifestam, em diversos graus, a preferência pelos pobres, já apontada em Lourdes, reafirmada pelo Concílio e sobre a qual insiste João Paulo II.

³⁷Lourdes (França): Bernadette (14 anos); Fátima (Portugal): Lúcia (10), Francisco (09) e Jacinta (07); Piedade dos Gerais (MG, Brasil): Marilda (12), Juliana (07), Íris (10); Taquari (RS, Brasil): Alex (12); Vila de Cimbres (PE, Brasil): Maria da Luz (14) e Maria da Conceição (15).

O que explica a preferência por pessoas mais simples, de meios agrícolas, cercados da natureza, é que lembram as passagens do Evangelho. (LAURENTIN, 1991, p. 216, *tradução minha*)³⁸.

No ano de 1955 os festejos dedicados a Nossa Senhora Sant’Ana, no dia 26 de julho, foram suspensos, pois os padres estavam participando do Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro. O representante da Igreja, responsável pela condução dos acontecimentos na Vila Mozart, foi informado sobre as aparições ao retornar do congresso. De acordo com as entrevistas orais e a bibliografia consultada, apenas três crianças presenciaram o fato fundante. Eram vizinhas, pessoas simples, que levavam uma vida normal como qualquer criança que vivesse por ali. Eram meninos, Antonio (11 anos), Eduardo (8 anos) e José³⁹, que freqüentavam o local para brincar e também para buscar os cavalos que eram criados ali pelo pai de Eduardo.

Desses videntes, conversei com Sr. Antonio e com Sr. Eduardo. Sobre José, o terceiro vidente, já falecido, quem me informou foi o Sr. Antonio:

As pessoas o chamam de José Rita. Era uma pessoa muito honesta e trabalhadora e recebeu esse apelido quando era jovem e trabalhava em uma padaria. Morreu novo, soterrado, quando trabalhava com a extração de minério. Não sei onde encontrar parentes, pois os pais e a irmã já faleceram. (*Entrevista por mim realizada em 18 fev. 2010*).

De acordo com o material pesquisado, outras pessoas presenciaram as aparições que se seguiram. Encontrei vários nomes, como Sr Queiroz, Sr. Osório, uma “Filha de Maria” cujo nome não é citado, o menino César, dona Juversina, Sr. Otaviano (Baiano taxista), etc, mas, o mais destacado é sempre o Sr. Ovídio, pois ele deixou anotado, de forma detalhada, todas as suas visões. A maioria das anotações ou depoimentos desses videntes foi guardada pelo Sr. Ovídio e estão hoje, como dito anteriormente, sob a guarda da diocese em Divinópolis. Dos outros videntes que aparecem nos relatos, alguns já faleceram e os familiares não foram entrevistados. Dentre os representantes da Igreja, foi entrevistado Pe. Amarildo de Melo, um pároco que teve relevante participação na construção do mito Nossa Senhora de Itaúna.

O Sr. Ovídio Alves de Souza era itaunense e farmacêutico formado. Nasceu em 07 de novembro de 1924 e faleceu em 11 de abril de 2002. Como alternativa, entrevistei sua viúva e

³⁸ No original: “Las apariciones actuales manifiestan, en diversos grados, la preferencia por los pobres, ya apuntada en Lourdes, redescubierta por el concilio, y sobre la que insiste Juan Pablo II. Es lo que explica la elección de los videntes, ordinariamente elegidos en medios sencillos, a menudo agrícolas, cercanos a la naturaleza, que inspiran las parábolas de Evangelio” (LAURENTIN, 1991, p. 216).

³⁹ Não obtive sua data de nascimento.

três das filhas e obteve delas um texto, por ele escrito, para ser lido no 46º aniversário da primeira aparição em 2001. Da entrevista, destaca-se a preocupação da esposa em relação à saúde do marido e a aflição do vidente e da família diante dos primeiros acontecimentos:

Ele sempre foi católico e ia à missa, mas teve dúvidas no início se realmente era Nossa Senhora que estava aparecendo ou se era algum movimento dos moradores na tentativa de construir ali uma igreja. Na primeira vez que presenciou a aparição chegou em casa muito assustado, deixando assim também toda a família. Pe. José Ferreira Neto não estava na cidade, pois era a época do Congresso Eucarístico e quando o pároco retornou, é que recebeu a notícia da aparição. Ele sempre teve um relacionamento muito bom com o clero e tinha o hábito de sempre escrever o que se passara e entregar ao padre. A orientação que recebia era para ter cautela. *(Entrevista por mim realizada em 20 fev. 2010).*

O relato a seguir foi extraído de um texto escrito por Sr. Ovídio. Ele trata da primeira visão presenciada pelas três crianças:

No dia 27 de julho de 1955, quando brincavam por aqui três crianças, Eduardo Vasconcelos, José Rita e Antônio Nunes – Nossa Senhora apareceu para elas, sobre um cupim (...). Estas crianças contaram para seus pais e vizinhos.

Na sequência do texto, o Sr. Ovídio descreve seus sentimentos em relação aos acontecimentos e narra em detalhes como se deu sua primeira visão:

Conversando com um viajante de farmácia ele me perguntou se eu já havia ido ver a Santa que estava aparecendo no bairro, onde morava o Dr. Lincoln. Duvidei da notícia e não dei importância ao que ele havia dito. Mais à tarde, veio em minha farmácia o Dr. Valeriano Rodrigues e me fez a mesma pergunta. Eu respondi a ele que duvidava muito que aqui estivesse aparecendo alguma Santa, e ainda disse a ele que o povo queria era construir uma Igreja aqui neste bairro. No dia seguinte, a notícia já tinha se espalhado. Mesmo assim, não tive curiosidade em vir ao local. (...) No dia 29 de julho de 1955, saí de motocicleta e vim até aqui no bairro para ver se havia algum movimento. De fato, o povo estava visitando este local onde diziam que a Santa estava aparecendo. Não fui ao local, contornei a vila e fui para minha casa. (...) No dia 30/07/1955, à noite, saí e vim até aqui pela primeira vez. Quando aqui cheguei, encontrei muitas pessoas rezando, e nada vi de sobrenatural; somente ouvi o povo dizer, de vez em quando, que estavam vendo a Santa. Achava que tudo aquilo não passava de fanatismo, mas acreditava que as crianças haviam visto. Aí continuei a vir todos os dias. Queria somente apreciar as crianças verem a Santa. Sr. Otaviano, (Baiano Taxista), um dos videntes, também já havia visto desde o começo. Cada dia que eu vinha aqui notava as modificações. O povo foi limpando a mata e alargando o caminho. [Observação do Sr. ovídio: assim como está na pintura no Salão Capela] (...) Todos os dias, quando aqui chegava, encontrava muitas pessoas, adultos e crianças que vinham para rezar ou até mesmo por curiosidade. (...) No dia 02/08/1955, quando aqui cheguei, encostei-me numa árvore, que ficava a uns 12 metros do cupim, e observava o povo rezar. Uns rezavam com muita fé, mas uma grande maioria dos que estavam presentes duvidava, dizendo que aqui não havia nada. Sobre o cupim, havia diversas velas acesas. Continuei observando. Neste momento, surgiram em meu pensamento as seguintes palavras: *Ó Virgem Maria Santíssima, em honra e glória ao Divino Espírito Santo, concedei-me uma graça. Fazei que eu note a Vossa Presença, não só para aumentar a minha Fé, mas*

também para a conversão dos que não crêem. Achei interessante este pensamento e tornei a repeti-lo por três vezes para não esquecer. Poucos segundos, depois, com muita emoção, eu vi surgir em minha frente, do lado direito do cupim, a Virgem Maria. Mudei de posição para ver se não era ilusão de ótica, mas a Santa permanecia no mesmo local. Mostrei à algumas pessoas que encontrava do meu lado e elas também viram. Nesta Aparição, não me foi confiada nenhuma mensagem. Depois continuei a vir aqui, até mais de uma vez por dia, por muitos meses e várias vezes vi a Virgem Maria.⁴⁰

Segundo a família, o Sr. Ovídio teve mais de oitenta visões, mas recebeu apenas duas mensagens, dado discordante do relato de Pe. Amarildo de Melo, que, em entrevista, relatou-me a existência de várias mensagens.

Quando a Virgem aparece, ela insiste sempre em um ou mais pontos relativos ao momento histórico e à formação do agraciado (a). As mensagens que ela parece entregar têm, a nosso ver, menos importância do que o significado da aparição numa perspectiva religiosa (GEBARA, 1987, p. 159).

A primeira mensagem, gravada em letras maiúsculas e douradas, estava sobre uma flâmula branca triangular, que a Virgem Maria segurava com a mão esquerda:

No dia 27.11.1955: Quando aqui cheguei, comecei a rezar o terço com as outras pessoas. Quase terminando de rezar, a Virgem Maria me apareceu, com uma beleza encantadora; semblante sério, pele morena clara, rosto comprido e cheio, cabelos pretos caídos sobre os ombros, sobrancelhas pretas, dedos compridos, vestida de branco. Sobre sua roupa, um manto azul também vestido, na mão direita, sobre o peito, um terço. Suas contas pareciam gotas de água; na cruz um resplendor muito brilhante e na mão esquerda uma flâmula transparente, no formato de um triângulo, muito branca e com a seguinte mensagem escrita com letras maiúsculas: “JESUS CHRISTO ETERNO DEUS O PAGANISMO AMEAÇA O MUNDO ERGUEI O ALTAR ORAI COM FÉ E VÓS VEREIS O MILAGRE DA CONVERSÃO”.

O Sr. Ovídio, segundo a família, visitava duas vezes ao dia o local das aparições, comportamento que se repetiu de 1955 até pouco tempo antes de sua morte em 2002. O diário do Sr. Ovídio, segundo a família e Pe. Amarildo, possui um caráter muito íntimo, pois nele estão entrelaçados aos relatos das visões a descrição dos acontecimentos e mudanças no terreno – cenário das aparições – e principalmente a história de sua vida, com detalhes particulares sobre ele e a família. Assim, está ali relatado, segundo a família, o fechamento do local pelo proprietário, a abertura e também a negociação e compra do terreno, o início da

⁴⁰ Relato extraído do texto escrito por Sr. Ovídio e lido por uma das filhas em 2001, na comemoração do 46º aniversário da 1ª aparição de Nossa Senhora de Itaúna.

construção da gruta no final de 1956, a terraplanagem e a primeira imagem, de Nossa Senhora de Lourdes, colocada no local pelo Pe. José Ferreira Neto⁴¹.

Pe. José Ferreira Neto foi o responsável pela condução dos fatos. Pároco de Sant’Ana durante 43 anos (de 1943 a 1986), era um padre mais pragmático do que teórico. Ao se pesquisar sobre os acontecimentos nota-se certa ambivalência no comportamento do vigário: ao passo que pedia cautela e mantinha os acontecimentos restritos ao município, resguardando a tradição, ele mesmo levou para o local uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes, para que o povo pudesse rezar, incentivando assim o culto. Celebrava missas e autorizou a construção de uma gruta no local. Ainda segundo os relatos de Sr. Ovídio, “em fevereiro de 1958, foi colocada a imagem de Nossa Senhora de Lourdes. Sempre eram celebradas missas por Pe. José Neto ou Pe. José Wetzels (do Colégio Sant’Ana)”.

Há outros relatos do Sr. Ovídio mencionados no texto já citado e que são relevantes para esta dissertação: (i) as várias aparições de Nossa Senhora, acompanhada de crianças, e por ele relatadas: “[e]m uma de suas aparições fiz a seguinte pergunta: – Vós sois Maria Virgem Imaculada? E ela me respondeu: – “Sim. Maria Virgem Imaculada”; (ii) as aparições em que Ela traz uma identificação: “[u]ma das vezes, ela apareceu com seu nome escrito em um formato de meio círculo sobre a cabeça e outra vez na sua frente”; (iii) suas falas:

No dia 10.05.1957, quando aqui estava, chegou perto de mim uma senhora e entregando-me dois terços, pediu-me que, quando eu visse a Virgem Maria, pedisse a ela para benzer aqueles terços e, na oportunidade, fiz o pedido: – Ó Maria, Virgem Imaculada, se for possível, peço a vós benzer estes dois terços. Neste momento, ela me respondeu com as seguintes palavras: – “Procurais o sacerdote de Deus. Tudo de sagrado que ele fizer será por vontade de meu Divino Filho”. E assim fiz, procurei Pe. José Neto e ele benzeu.

Em relação à mensagem considerada como a segunda, pouco divulgada ou mencionada apenas parcialmente, Sr. Ovídio relatou o seguinte:

Em todas as aparições, perguntava a ela o que desejava e quando foi na aparição do dia 31.03.1957 e 05.04.1957, Nossa Senhora me revelou uma outra mensagem e me pediu que entregasse ao sacerdote de Deus para que ele dissesse ao povo. E hoje ela ainda se encontra sob os cuidados da Igreja. (...) quero revelar a preocupação da Virgem Maria com as CRIANÇAS MALTRAPILHAS, DESAMPARADAS E FAMINTAS, COM A PAZ DO MUNDO, A CONVERSÃO DOS PECADORES, COM O CULTIVO DA TERRA PARA QUE NÃO FALTE ALIMENTO, COM AS MÃES PERDENDO O AMOR MATERNAL E PROVOCANDO HORRÍVEIS CRIMES. REZEM A JESUS EUCARÍSTICO PELO BRASIL, PROPAGAI A FÉ E A CARIDADE, ALIANÇA COM DEUS, PIEDADE, PACIÊNCIA E

⁴¹ Pe. José Ferreira Neto era o pároco local em 1955 e já faleceu. Pe. José Wetzels ainda dirige o Colégio Sant’Ana em Itaúna, mas não foi possível entrevistá-lo, devido a seu delicado estado de saúde.

PENITÊNCIA – estes são os pedidos da Virgem Maria. (Destaque conforme texto original)

De acordo com o texto utilizado para as citações feitas aqui, a última aparição da Virgem Maria para o Sr. Ovídio ocorreu em 15 de agosto de 1961, mas não há nenhum relato feito após a aparição de 05 de abril de 1957.

3.4 Outras narrativas

O Sr. Eduardo relatou que viu Nossa Senhora várias vezes, sendo a última em 1965, mas ela nunca lhe confiou nenhuma mensagem. Atribui tal fato a pouca idade que ele e os amigos tinham quando presenciaram as aparições⁴². Segue-se parte do relato de o Sr. Eduardo:

havia aqui na rua apenas umas três casinhas e era o local onde brincavam as crianças. Era uma gruta e nossa brincadeira era andar e correr por aí. Eu também saía à procura dos cavalos que meu pai criava no local... A primeira coisa que nós vimos não foi Nossa Senhora. Uns dois dias antes enquanto andávamos por ali, vimos um clarão. Eu e o José víamos um burrinho, puxado por um senhor, e que carregava uma criança muito magra e maltrapilha e uma senhora. O Antonio não via esta imagem, ele via um macaco bem grande, do tamanho de uma pessoa. Ele não via o que nós víamos e nem nós víamos o que ele via. Mais tarde o padre nos explicou que o que vimos, foi a Sagrada Família. Dois dias depois, estávamos lá e aí vimos um clarão muito grande. Era uma luz muito forte, não dá para explicar e apareceu Nossa Senhora. Estava a uma certa distância e se tentávamos chegar perto, aquela imagem se desfazia como uma nuvem. Ficamos apavorados e chamamos nossos pais... Ela nunca falou nada e nem nos mostrou nenhuma mensagem. Também, nós éramos pequenos e eu nem sabia ler ainda. A partir daquele dia passávamos quase que o tempo todo lá, com a esperança de ver novamente Nossa Senhora, mas a vimos poucas vezes... Tive uma última visão em 1965 (com 19 anos). Eu estava voltando para casa, à noite, e quando olhei para a mata onde fica a gruta, vi um imenso clarão. Aproximei-me mais e vi surgir Nossa Senhora. A visão durou pouco tempo e ela não me disse nada (*Entrevista por mim realizada em 20 fev. 2010*).

Mesmo considerado por algumas pessoas uma pessoa muito reservada, que não gosta de falar sobre o assunto, o Sr. Eduardo mencionou ainda mais dois acontecimentos que, apesar do tempo, permanecem nítidos em sua memória: dois momentos de sua vida em que se sentiu protegido por Ela. Disse, também, que sente saudades da época das aparições, pois era uma visão muito bonita. Segundo Laurentin (1991), “[p]ara os autênticos videntes, as aparições são

⁴² Tal justificativa não condiz com relatos de outras aparições mencionadas anteriormente, nas quais os recebedores das mensagens eram ainda jovens.

um encontro pessoal e uma evidência mais impressionante do que qualquer outra” (LAURENTIN, 1991, p. 55, *tradução minha*)⁴³:

1. Um dia eu fui buscar um cavalo para meu pai. Aqui tem muito morro e havia aqueles trilhos por onde os animais andavam. O cavalo errou o pé e caiu. Eu fui rolando na frente e ele atrás de mim. Um vizinho viu a cena e gritou por Nossa Senhora. O cavalo ficou preso em um cipó da grossura de um lápis. Foi a conta do vizinho me pegar – sem machucar nada – o cavalo se soltou do cipó e caiu, quebrando o pescoço. (...) 2. Outra vez foi quando eu estava viajando. Era uma estrada estreita, sem acostamento. Eu estava indo e de repente apareceram dois carros, um fusca e uma carreta, um cortando o outro. Fiquei apavorado, pois na estrada não caberia os três veículos. Fechei os olhos e pedi ajuda a Nossa Senhora. Fiquei só aguardando a colisão com o meu carro. Não sei como, não houve a batida. Os carros desapareceram e eu olhei pelo retrovisor e não vi nenhum dos carros. (*Entrevista por mim realizada em 20 fev. 2010*).

Outro vidente – Sr. Antonio – fez o seguinte relato: “Falo que eu vi, e os meninos viram também, mas quanto aos outros, se eles falaram, eu acredito, mas não afirmo nada” (*Entrevista por mim realizada em 19 fev. 2010*). Chamou a atenção para como as pessoas colocam “galhos” nas histórias que contam das aparições e que, para ele, a descrição mais fiel é a de *dona Constância*. Sr. Antonio fala com firmeza e convicção sobre o assunto e relata ainda que se sente um “privilegiado”: “[e]u realmente vi Nossa senhora, ela, a Mãe de Deus, mãe de Jesus Cristo. Rezo o terço todos os dias e até ando com um terço aqui” (*tirou o terço do bolso e mostrou*).

As aparições exprimem a força do desejo do divino no humano, um divino que homens, mulheres e crianças podem ver, tocar com os sentidos, comprovar sua existência e ação. Apesar de sua aparente ausência, de seu silêncio às vezes insuportável, o divino está aí. (GEBARA, 1987, p. 159).

Como informado no início da seção 3.3, a pesquisa bibliográfica sobre o tema revelou quatro livros, publicados em Itaúna, a mencionarem as aparições de Nossa Senhora. O primeiro deles é **Itaúna através dos tempos: 1901-1981**, de Iracema Fernandes de Souza. Foi lançado em 1984 e descreve algumas personalidades e fatos ocorridos em Itaúna, no período de 1901 a 1981. A página 31 do livro é sobre a *Gruta de Lourdes*, em cujo relato há uma divergência quanto ao número de crianças presentes na primeira aparição:

No dia 27 de julho de 1955, dois meninos entraram pela mata, (...). Antonio e Eduardo eram seus nomes. Em dado momento, surge-lhes pela frente um macaco mal encarado que os fez sentir atemorizados. Foram à sua casa, trouxeram um

⁴³ No original: “Para los videntes auténticos, las apariciones son un encuentro personal y una evidencia más impresionante que cualquier otra”. (LAURENTIN, 1991, p. 55, *tradução minha*).

quadro de são Jerônimo, um de Nossa Senhora e, na linguagem própria da idade, perguntaram ao macaco: -"Vamos ver se você pode mais do que esta?" O bicho desapareceu, aparecendo em seguida uma Santa, mais ou menos como Senhora Aparecida. Estava em cima de um cupim, entre duas árvores de grossura mediana (...). Os meninos deram o alarme, começando logo a chegar os curiosos, amassando os arbustos, destruindo galhos, rezando e pedindo a Deus para que vissem a Santa, até ali, somente avistada pelos meninos. (SOUZA, 1984, p. 31).

O segundo livro é **O Mistério da Nuvem Dourada: Aparições de Nossa Senhora em Itaúna**, de Maria Lúcia Mendes, lançado em 2005, cinquentenário das aparições. É um livro ilustrado, de 24 páginas, pontuado por frases pequenas, direcionadas às crianças. Tem um estilo mais doutrinário, prefaciado pelo Pe. José Raimundo B. Bechelaine e traz, inclusive, a oração a Nossa Senhora de Itaúna, escrita por Dom José Belvino, bispo emérito da diocese.

Já o terceiro livro, **Nossa Senhora de Itaúna**, de José Luiz Guimarães Filho, também foi lançado por ocasião do jubileu da aparição (2005) e é chamado pelo autor de **Informativo**. Fala sobre as aparições, a cidade de Itaúna e a biodiversidade da área verde na qual se localiza a gruta. Seu relato da primeira aparição foi retirado do mesmo texto do Sr. Ovídio Alves de Souza utilizado nesta pesquisa.

O quarto e mais recente livro é **Nossa Senhora de Itaúna: relatos vivenciados**. Foi lançado em 2006 por Constância Menezes Vilela Mourão e, nele, a autora tece a história das aparições entremeadas às histórias de sua família e dos vizinhos. Constância morava em uma "das quatro casinhas" que aparecem no relato de um dos videntes e contribuiu, muito, para a consolidação da devoção e da comunidade. Ela narra assim os primeiros acontecimentos:

Os meninos penetraram pelo matagal adentro em busca do cavalo desaparecido (...) O animal procurado foi encontrado. Não estava pastando como de costume (...). Os três meninos aos gritos tentaram tirar o cavalo daquele empacamento. Tocaram e atiraram pedras para tentar afugentar dali o animal teimoso (...). De repente se empalideceram de susto. No meio da mata se depararam com um quadro pavoroso. (...) No galho de uma árvore embranquecida, estava a figura assustadora e pavorosa de um macaco. Diante do medo, as crianças assustadas contaram que sua cauda atirava laçadas espertas chicoteando o ar, como se quisessem alcançá-las. (...) – Nossa Senhora, Mãe de Jesus! Socorro por nós! (...) Ao pé da árvore, no cupim bendito, estava a imagem viva da Virgem Santíssima. (...) A Mãe de Jesus ficou ali presente por alguns minutos. Derramou sobre eles um sinal de benção com as mãos e desapareceu em nuvens sem nada dizer a eles. (...) Antonio teve a idéia de correr em sua casa, ali perto, para buscar seu santo protetor, são Jerônimo, pensando em marcar este lugar tão misturado com plantas de várias espécies. (...) Esta imagem vai segui-lo sempre e até hoje ele a conserva. (MOURÃO, 2006, p. 42- 44).

Já no jornal local, a **Folha do Oeste**, a primeira notícia publicada sobre os relatos de visões falava de outros fenômenos estranhos anteriormente ocorridos no bairro, e delega às autoridades civis e eclesiásticas a conclusão sobre os acontecimentos:

A Vila Mozart, ou bairro Nossa Senhora de Lourdes, já é célebre em Itaúna pelos fenômenos estranhos ali ocorridos. Há tempos, atiravam pedras nas vidraças, caíam dentro das casas sem quebrar vidros, móveis, etc. Até hoje, cessado o fenômeno, não se sabe quem atirava as pedras! Agora volta à baila outro fenômeno. Inúmeras pessoas, inclusive crianças, alegam estar vendo uma figura, vestida de branco, com cinta e capa azul. É, nem mais nem menos, a figura da Virgem Maria. (...) Ao nosso lado uma mulher, presa de histerismo, sofreu um acesso dizendo estar vendo a Virgem Maria. Nós nada vimos. (...) Temos uma lista parcial de umas garotas que dizem ter visto a Santa. (...) Uma garotinha de apenas 4 anos também dizia que “viu a mamãe do Céu”. (...) A romaria continua e o lugar está cheio de curiosos e crentes. Cabe ao Vigário da Paróquia e as nossas autoridades dar a última palavra sobre o assunto. (1955, p. 1).

Em relação ao fato fundante, apesar de algumas variações nos relatos aqui mencionados, o tema central é que crianças, moradoras da região, presenciaram a aparição enquanto andavam pela mata. As crianças foram responsáveis pela divulgação do evento, mas o foco das aparições e detalhes sobre a Gruta, de modo geral, transferiu-se para o farmacêutico. Nas entrevistas e em conversas informais, os moradores da cidade que se lembram do evento ou ainda aqueles que ficaram “sabendo da história” têm mais viva em sua memória a figura ou narrativa do Sr. Ovídio. Nas entrevistas ou em conversas informais, o que se nota é que naquele período todos os sentidos foram aguçados: uns relatam que apenas viam a Virgem, outros a viam e ouviam, outros viam um clarão, outros sentiam o odor de rosas, outros uma sensação estranha. O que se nota de comum a todos os relatos é que em poucos dias a vegetação estava toda pisoteada, muitos arbustos quebrados e até pedaços do cupim, mencionado pelas crianças como lugar exato em que a aparição se manifestara, foram arrancados.

São duas as principais mensagens relatadas pelo Sr. Ovídio, apesar da primeira delas ter obtido maior relevância. A segunda mensagem, na íntegra, de acordo com a família, foi entregue para a Igreja e apenas parte dela está no relato que foi divulgado. Segundo Pe. Amarildo,

A mensagem principal é a que está na flâmula nas mãos de Maria. Primeiro, uma mensagem cristológica. Não é Maria, mas Jesus que está no centro (Jesus Cristo eterno Deus). Segundo, uma realidade que ainda está aí (o paganismo ameaça o mundo). Estava presente em todos os ambientes, pois era a época da Guerra Fria, após a segunda guerra e hoje, pode ser visto na ciência, na política, na economia. Os valores cristãos estão realmente sendo deixados de lado, não é? É também uma mensagem otimista e atual (erguei o altar, orai com fé e vereis o milagre da conversão). (*Entrevista por mim realizada em 01 maio 2010*).

Quanto à segunda mensagem, Pe. Amarildo relaciona-a ao trabalho social feito pelo Pe. José Ferreira Neto. Sobre outras mensagens, que segundo ele foram recebidas, relata que sr Ovídio não as divulgou,

pela sensibilidade dele como pai e avô. Tem uma que é mais apocalíptica. Tem mensagens particulares e principalmente ligadas ao contexto de medo que imperou em Itaúna na construção da Barragem do Benfica. Tinha ocorrido uma enchente muito forte e a parte mais baixa da cidade foi toda inundada pelo Rio São João. O Baiano, por exemplo, chega a falar explicitamente sobre isto. Os documentos, eu deixei todos com o bispo Dom Belvino⁴⁴. (*Entrevista por mim realizada em 01 maio 2010*).

Em Itaúna, assim como em outros relatos sobre as mensagens recebidas de Maria, inclusive nas aparições reconhecidas pela Igreja, os pedidos são geralmente relacionados ao inconsciente coletivo, aos acontecimentos recentes e aos pedidos de orações e conversões. Algumas vezes, as revelações são particulares, não podem ser divulgadas ao público em geral e devem ficar sob a guarda da igreja para a divulgação apenas quando esta julgar pertinente, como aconteceu em Fátima com os três pastorinhos. Outras vezes, as mensagens são apocalípticas, carregadas de previsões catastróficas, de futuros castigos. “Elas revelam uma visão apocalíptica da sociedade, do mundo e da Igreja. Pintam um quadro catastrófico de decadência religiosa, moral e social, semelhante às das épocas do dilúvio, da Torre de Babel, de Sodoma e Gomorra, de Nínive” (CNBB, 2005, p. 44)

De acordo com as recomendações da CNBB, conforme citação da página 35 o aval da Igreja é baseado em minucioso estudo do fato, das mensagens e do contexto. No caso de Itaúna, como já foi mencionado, não se obteve documentos que comprovassem estudos sobre a autenticidade dos relatos. Entretanto, como já foi dito anteriormente, as aparições fazem parte do catolicismo popular, um tipo de devoção na qual a validação do clero não é o principal, mas sim a confiança do devoto na aparição.

A julgar pelo pequeno número de aparições reconhecidas pela Igreja, pode-se compreender a cautela com que julgam cada caso. Entretanto, existem grandes santuários, com um enorme afluxo de peregrinos, que ainda não obtiveram a aprovação oficial da Igreja. Como dito logo acima, neste tipo de devoção o papel dos representantes da Igreja parece se restringir a evitar os abusos e a manter a situação sob controle, pois o mito das aparições tem dado muitos frutos para a Igreja, principalmente a partir do século XIX. Conforme dito na página 36, os procedimentos oficiais da Igreja, além de recomendar e agir com cautela, é

⁴⁴ Todos os documentos do Sr. Baiano foram guardados pelo Sr. Ovídio e depois entregues pela família ao Pe. Amarildo, juntamente com o diário do mesmo.

promover entrevistas com os videntes e buscar o apoio da ciência para verificar o estado físico, mental e psicológico dos mesmos. Em relação ao Sr. Ovídio, a família relatou que ele foi submetido a uma bateria de exames psiquiátricos e entrevistas com médicos, parapsicólogos e vários membros da igreja, entre eles Dom Cabral⁴⁵. O próprio Sr. Ovídio ficou muito intrigado com as visões e procurou, por conta própria, psiquiatras, fotógrafos, assim como investiu bastante tempo em estudos de teologia, da Bíblia e sobre aparições. Sobre o desenvolvimento dos fatos, o Sr. Eduardo disse que sempre teve apoio e que desde o começo Pe. José Neto celebrou missas no local. Não relata nenhum tipo de entrevista ou constrangimento vindo da Igreja, nem de autoridades e nunca lhe mandaram fazer nenhum exame específico (*Entrevista por mim realizada em 20 fev. 2010*). A única voz discordante é a do Sr. Antonio, que relata, inclusive, ter sofrido certa pressão para dizer que inventou a história. “Mas eu não fiz isto. Se ela apareceu para nós, eu, Eduardinho, Zé, Baiano, Pedro Queiróz e Sr. Ovídio!” (*Entrevista por mim realizada em 19 fev. 2010*).

Quanto a fenômenos recentes, houve alguns relatos, tanto em entrevistas formais quanto informais, que versam sobre o mesmo caso. Na versão do Sr. Eduardo: “apareceu por aí um senhor dizendo que as filhas tinham visto Nossa Senhora, mas não ouvi falar mais nisto. Acho que eram ligados ao grupo carismático” (*Entrevista por mim realizada em 20 fev. 2010*). Já a família do Sr. Ovídio relata assim o caso:

Um pedreiro, sr. Jurandir, que teve um câncer no olho foi curado e atribui a cura a um milagre. Isto aconteceu nos anos 1990 e ele tinha a comprovação com exames. Ele dizia que suas filhas viam Nossa Senhora, mas começou a haver muitas especulações e convites para as meninas irem a diversos locais. Como estava tomando um rumo que não era bom para as crianças, o movimento se enfraqueceu e não se ouviu falar mais nisto. (*Entrevista por mim realizada em 20 fev. 2010*).

O matagal descrito como local das aparições, isto é, a “gruta”, transformou-se em uma hierofania⁴⁶: refúgio para orações e local de celebrações oficiais, com contínuo fluxo de devotos em busca de água benta ou para pedir ou agradecer alguma graça (manifestados pela quantidade de ex-votos). A partir de 2006, passa também a ser o local no qual, semanalmente, os Filhos de Maria se reúnem para a reza do terço.

⁴⁵ Dom Antônio dos Santos Cabral foi o primeiro Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte e fundador da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

⁴⁶ Em **O sagrado e o profano**, Eliade (1992) propõe o termo hierofania para indicar o ato de manifestação do sagrado: "Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que *algo de sagrado se nos revela*" (ELIADE, 1992, p.12).

3.5 Uma gruta para Maria

As grutas ou cavernas sempre habitaram, das mais variadas formas, o imaginário do homem. Em diferentes partes do mundo, costumavam ser usadas para a execução de ritos de passagem. É uma imagem do feminino, ligada ao ventre, às deusas, à concepção e ao inconsciente. Simboliza o centro do mundo, local interior e oculto no qual se realiza a iniciação. A versão mais moderna do filme que mostra a batalha entre os persas e os gregos, o épico **300 de Esparta**, mostra, nas primeiras cenas, o rito iniciático de Leônidas, o rei de Esparta, enfrentando um lobo em uma gruta ou caverna. Eliade (1992) lembra que, para o homem religioso, a natureza nunca é exclusivamente natural. Determinados eventos do passado, ritualizados por meio de práticas religiosas do presente, contribuem para sacralização de morros, grutas, rochas, fontes, constituindo assim uma topografia do sagrado.

É comum encontrar nas estradas do Brasil pequenas grutas construídas, por exemplo, em locais onde ocorreram acidentes ou então como abrigo para o santo da devoção do fiel. Em Itaúna, para demarcar a fé dos devotos na aparição de Maria, foi iniciada, em 1957, a construção de uma gruta. Ela foi edificada sobre o cupim, que já se tornara um altar, e se encontrava deformado devido à depredação feita pelos próprios fiéis, que insistiam em levar para casa um pedaço ou um pouco de sua terra.

Devido ao empenho de um grupo formado, entre outras pessoas, pelo Sr. Ovídio e duas senhoras itaunenses (dona Nair Coutinho e dona Adalgiza), mais a ajuda da comunidade, foi adquirido o terreno que, posteriormente, foi doado à Igreja. O projeto da gruta foi elaborado por um arquiteto. O material escolhido para o revestimento do cupim, da gruta e da mureta que serve de arrimo para o barranco foi a pedra⁴⁷ de minério bruto, material abundante na região.

O local passou por seguidas melhorias, como iluminação, instalação de bancos, calçamento, jardins, sonorização, uma casa de apoio, uma capela, bebedouros e sanitários. No dia 27 de julho de 2002, na comemoração dos 47 anos da primeira aparição, com a autorização de Dom José Belvino, bispo da Diocese, e Pe. Amarildo de Melo, pároco de Sant'Ana, entronizou-se a imagem de *Nossa Senhora de Itaúna*.

⁴⁷ Segundo Eliade (1992), “[a]s pedras, como hierofanias, podem revelar aos homens: o poder, a firmeza, a permanência. (...) mantém-se sempre a[s] mesma[s], não muda[m] – impressiona[m] o homem pelo que tem de irredutível e absoluto, desvendando-lhe por analogia, a irredutibilidade e o absoluto do Ser (ELIADE, 1992, p.77).

Esta imagem foi desenhada por Antonio Avimar Menezes, um artista plástico local, de acordo com a descrição do Sr. Ovídio. Houve então, como no passado, uma permuta entre as imagens: *Nossa Senhora de Itaúna* foi entronizada na gruta e *Nossa Senhora de Lourdes*, que até essa data estava no local, sobre o cupim revestido, foi entronizada em uma capela construída na entrada do terreno. Sobre a permuta de imagens, Pe. Amarildo disse que

[a]li era o Bairro de Lourdes, era Gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Agora, (eu participei) para a comunidade aceitar, tirar essa imagem de Nossa Senhora de Lourdes, mundialmente conhecida e colocar uma imagem nova e aceitar de uma forma tranqüila, não foi um momento tranqüilo, mas a comunidade aceitou muito bem. (*Entrevista por mim realizada em 01 maio 2010*).

Segundo o relato do Sr. José Geraldo, conhecido como Branquinho, morador há muitos anos e atual sacristão do local,

[q]uando foi construída a gruta, Pe. José Ferreira Neto, pároco de Sant'Ana, levou uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes para as pessoas rezarem, pois o local já se chamava Bairro de Lourdes. Em 2002, perto do cinquentenário da aparição, foi feita a imagem do jeito que Sr. Ovídio descreveu. Tudo direitinho, lá em São Paulo. O padre foi preparando os fiéis e no dia da festa foi trocada a imagem. Nossa Senhora de Itaúna, com a autorização do bispo (na época Dom José Belvino) ficou na gruta e Nossa Senhora de Lourdes foi para a capela que foi construída. Ela fica lá, bem em cima do Santíssimo. As pessoas receberam a nova imagem com muita alegria e todos falam que é uma santa muito bonita. (*Entrevista por mim realizada em 17 fev. 2010*).

Os portões da Gruta de Itaúna ficam abertos, diariamente, de 06h00min as 21h00min. Todas as vezes em que estivemos no local, em dias alternados da semana, sempre havia devotos. O local está preservado: árvores, plantadas ainda em 1957, complementam a vegetação nativa, contornando o conjunto formado pela gruta, a capela, o altar, os jardins, os bancos e uma casa de apoio. No entanto, segundo Pe. Amarildo,

[h]á um tempo, com a autorização da Prefeitura, foi construído um loteamento ali perto. Isto colocou a perder quase toda a gruta, pois foi deixado um barranco imenso nos fundos da gruta. Tivemos que fazer uma verdadeira muralha de cimento para conter o terreno e proteger a gruta. Se não houvesse uma comunidade atuante ao redor com certeza iria cair tudo. Há um tombamento local, mas não cuidaram. O mesmo prefeito que tombou o local permitiu o loteamento que quase acabou com o local. Muitas árvores começaram a cair e hoje é uma faixa estreita de terra com a muralha de cimento, mas ficou frágil. O poder público às vezes tomba, mas não cuida. Daí a importância da comunidade, para cuidar e preservar. (*Entrevista por mim realizada em 01 maio 2010*).

O cupim revestido com pedras de minério bruto foi também equipado com uma tubulação de água da rede municipal, que goteja o tempo todo⁴⁸. Muitos devotos têm o hábito de visitar o local para fazer suas orações, molhar as mãos com essa água, benzer-se ou então massagear com as mãos molhadas uma determinada parte do corpo. É corriqueiro também o hábito de se levar para própria casa, ou para outra pessoa, um recipiente com a água.

O peregrino visita o local santo ou um santuário santo. Em muitas peregrinações, há abundâncias de crenças mágicas: fé em relíquias, imagens e a eficácia da água de fontes sagradas, mas que só beneficia o peregrino que se converteu de coração. (COYLE, 1999, p. 142).

O dia dedicado a *Nossa Senhora de Itaúna* é 27 de julho, um dia após a padroeira da cidade, *Sant'Ana*. Festejar é difícil, pois como já existe a novena da padroeira, e muitos eventos tradicionais, a data acabou por ser ofuscada. Segundo o Sr. José Geraldo,

[n]ão é possível fazer a novena aqui, pois se fizer vai dividir a atenção com a outra novena. Uma vai concorrer com a outra e vai ser ruim para as comunidades e para o povo que gosta de ir. Como tem festa a semana toda lá na matriz, de três anos para cá, ficou combinado entre os padres e a diocese que nos três dias (quarta, quinta e sexta) que antecede o dia das mães, aconteceria um Tríduo preparatório para o aniversário das aparições e no sábado celebrariam a missa festiva. Quando chega julho, no folheto da novena da padroeira, o padre já coloca o aviso que no dia 27 será celebrada a missa de aniversário da aparição de *Nossa Senhora de Itaúna*, na gruta, com o horário. (*Entrevista por mim realizada em 17 fev. 2010*).

Nas aparições, como em todo o catolicismo popular, não são as celebrações oficiais que fazem a diferença, inclusive, de modo geral “o magistério da Igreja parece ignorar a proliferação de aparições” (MURAD, 1997, p. 33). Em relação às aparições ocorridas em Itaúna, é comum ouvir dos devotos que frequentam a gruta que os padres não dão a devida atenção ao fato. As pessoas procuram o local muito mais nos momentos em que julgam ser oportuno para que possam ter uma privacidade maior com a sua devoção. Desse modo, o devoto pode pedir ou então agradecer, muitas vezes retribuindo uma graça e deixando ali um ex-voto. Os ex-votos são objetos que representam a comunicação entre o devoto e sua devoção, um apreço pela graça alcançada. São tabuletas com mensagens, partes do corpo esculpidas em cera, chumaços de cabelos, fotografias, fotocópias de exames, etc., ou qualquer objeto que simbolize o “voto feito” ao santo, a “expressão simbólica dos martírios e dores da humanidade” (GEBARA, 1987, p.157).

⁴⁸ Segundo Eliade (1992), “[e]m qualquer conjunto religioso que as encontremos, as águas conservam invariavelmente sua função: desintegram, abolem as formas, ‘lavam os pecados’, purificam e ao mesmo tempo regeneram”. (ELIADE, 1992, p. 66).

Em Itaúna, é dentro da Gruta de Nossa Senhora – na qual os ex-votos são dependurados ou acomodados entre as pedras – que os devotos expressam sua gratidão. Os ex-votos são mensagens variadas, velas, fotografias ou mesmo um vaso ou um ramo de flor em sinal de sua crença em Maria. Segundo Oliveira (1985), essas representações ritualísticas estabelecem um contato direto do fiel com o santo (imagem, estampa), existindo um modo contratual (a promessa) em que o fiel pede uma graça ao santo, obrigando-o a um ato de culto pelo qual o santo seja recompensado pela graça alcançada.

Um pormenor interessante é a variação na nomenclatura nas mensagens escritas. Na mesma gruta, que antes abrigava a imagem de *Nossa Senhora de Lourdes* e hoje abriga *Nossa Senhora de Itaúna*, os devotos deixam mensagens tanto para aquela, transferida para a capela desde 2002, tanto para esta e, ainda, como se houvesse outra denominação, *mais genérica*, para *Nossa Senhora da Gruta*.

Sobre os ex-votos, Sr. José Geraldo diz que

os padres não concordam em construir um local separado para isto, pois senão chegaria uma hora em que nenhum tamanho seria suficiente, devido ao grande número de graças alcançadas. Os devotos vão colocando ali os agradecimentos e ninguém mexe, mas com o tempo e a rega das plantas as coisas vão se estragando e aí é preciso tirar. Os objetos de cera que estão estragados, são doados, junto com as borras das velas, para uma instituição que fabrica velas. (*Entrevista por mim realizada em 17 fev. 2010*).

Inicialmente, o rumo dos acontecimentos foi definido principalmente pelo clero, mas o aspecto milagroso da aparição legitimou o culto popular na antiga Vila Mozart, hoje Bairro de Lourdes. Pressupondo que a escolha partiu da própria aparição, os crédulos se sentem privilegiados e mais livres para o culto. A sensação descrita por alguns dos frequentadores do local é de intimidade com *a santa*, de estar mais próximo e sem intermediação, pois, ao se manifestar no local, é como se ela o impregnasse com os seus poderes. Foram esses poderes, segundo alguns devotos, que no passado ajudaram a aglutinar tantas pessoas da comunidade em prol da construção e da manutenção da *Gruta de Nossa Senhora*, e seriam os mesmos poderes os responsáveis por agregar tantos homens no mesmo recinto para a reza do terço.

A reza entre as mulheres, segundo alguns frequentadores da gruta, é um acontecimento mais corriqueiro, mais natural, enquanto os homens, em geral, são mais tímidos para rezar em público. Apoiando-se principalmente pelo significativo número de participantes no Terço dos homens, muitos devotos atribuem este fato ao “milagre da conversão” contido na mensagem recebida pelo Sr. Ovídio. Independente dos relatos carregados de emoção, da paz e da beleza do local, dos ex-votos e até das críticas dos

descrentes, o tempo tem demonstrado que tal acontecimento trouxe benefícios para a Igreja: “[t]em pessoas que não vão à missa, mas à Gruta elas vão” (Pe. Amarildo, *entrevista por mim realizada em 01 maio 2010*).

Durante a reza do Terço dos Homens, Pe. Adilson Neres, cofundador do movimento, explica que aquela oração não substitui o compromisso da missa semanal, mas sabe que muitos daqueles homens “ainda só rezam terços; na gruta e em casa” (*entrevista por mim realizada em 18 fev. 2010*). Assim como vários devotos, a família do Sr. Ovídio concorda que o ritual da reza do terço é a concretização da primeira mensagem. O milagre da conversão, sugerido na mensagem, estaria acontecendo agora, trazendo para a gruta e para o caminho da oração um *exército de homens*, cuja arma, segundo o hino⁴⁹, é o terço.

No entanto, a mensagem mostrada por Nossa Senhora em uma flâmula triangular – JESUS CHRISTO ETERNO DEUS O PAGANISMO AMEAÇA O MUNDO ERGUEI O ALTAR ORAI COM FÉ E VÓS VEREIS O MILAGRE DA CONVERSÃO – e eternizada em placa de bronze plantada no jardim da gruta, não faz parte das orações, todas tradicionais, e nem das músicas, compostas no presente, cantadas no encontro dos homens.

Alguns desdobramentos chamam atenção. Os videntes tocaram a vida, seguiram sua rotina, calados pela autoridade eclesiástica que insistia nos pedidos de cautela. As três crianças responsáveis pelo fato fundante, com o tempo, e talvez por não serem recebedoras de nenhuma mensagem, saíram do foco, centralizado quase que exclusivamente na pessoa do Sr. Ovídio Alves de Souza. Itaúna também destoa de outras localidades onde ocorreram aparições ao manter o culto mais localizado. No dia 27 de julho, data considerada como o dia de *Nossa Senhora de Itaúna*, não há festejos com romarias ou mesmo com a presença de um número significativo de fiéis. O primeiro livro que menciona o assunto só foi publicado em 1984 e outros três foram publicados por volta do cinquentenário das aparições, como foi mencionado anteriormente. Não se estabeleceu na cidade nenhuma estrutura ou atrativo que serviria de pretexto para romarias ou um possível desenvolvimento do município a partir do fenômeno. O grupo que esteve à frente dos acontecimentos, por decisão própria ou do pároco, evitou que as aparições servissem de motivação para a exploração financeira. No entanto, o local é uma referência urbana para os itaunenses. É um importante centro de sociabilidade, símbolo de religiosidade e uma grande área verde na parte mais central do município.

⁴⁹ “(...) Pego a minha arma para a luta/ mas não precisam pensar mal de mim./ O terço eu vou rezar lá na gruta”. Trecho do hino composto e gravado em CD por Pe. Adilson Neres, cofundador do Movimento do Terço dos Homens de Itaúna.

3.6 Itaúna: católicos mais fervorosos?

Dando sequência à descrição do catolicismo durante a fundação da cidade e também durante o relato das aparições, podemos ilustrar a religiosidade dos católicos itaunenses na atualidade com alguns exemplos de devoção. Em Itaúna, cidade na qual se desenvolveu a presente pesquisa, há 50 igrejas católicas, considerando as igrejas da área urbana e as capelas da zona rural. De acordo com dados fornecidos por Pe Elisvaldo⁵⁰, dentre elas, 22 têm Nossa Senhora em suas diversas denominações como padroeira, 21 homenageiam outros diversos santos e as 7 restantes homenageiam o Divino Espírito Santo, a Sagrada Família, o Coração de Maria e de Jesus. Outro dado surpreendente é a quantidade de grutas particulares que vem sendo construídas após o fenômeno da reza do terço pelos Filhos de Maria, tema que será desenvolvido no quarto capítulo.

De acordo com as palavras do Sr. Marco Elísio, os católicos de Itaúna estão mais fervorosos. Além dos desdobramentos que ocorreram após o movimento Filhos de Maria – grande quantidade de grutas particulares e do hábito de se rezar terços com maior frequência – destaca-se outros movimentos que comprovam o fervor dos católicos de Itaúna. Durante os trabalhos de pesquisa empírica constatou-se que cresce em Itaúna o hábito de se rezar o terço em família ou com vizinhos e amigos em grutas particulares. É geralmente à sombra de Nossa Senhora que vicejam vários dos movimentos que compõem a paisagem católica do município.

À moda dos antigos oratórios, essas grutas vão sendo edificadas nos jardins, nos quintais, nos sítios e até mesmo em terrenos de empresas. Tal devoção ganhou grande impulso a partir do movimento terço dos homens na cidade. Essas grutas são de tamanhos variados, assim como a santa⁵¹ que a compõe, mas sempre construídas em local privilegiado e decoradas com esmero, pois ali são realizadas orações particulares ou em grupos. “Este culto doméstico merece muita atenção, pois constitui uma das notas características da religião popular no Brasil” (AZZI, 1978, p.27).

⁵⁰ Pe. Elisvaldo é o administrador da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, a paróquia com o maior número de comunidades, inclusive rurais, a única na qual o número de igrejas ou capelas que tem como padroeiros santos do sexo masculino (São Sebastião, São Francisco de Assis, etc.) superam aquelas dedicadas à Maria.

⁵¹ De acordo com o Prof. Marco Elísio Coutinho, 75 anos, professor da Universidade de Itaúna, responsável durante anos pela montagem de presépios na paróquia de Sant’Ana e “encarregado” da construção da maioria das grutas da cidade, a preferência dos fiéis é pela imagem de *Nossa Senhora das Graças*. Ele acredita que a pouca adesão à imagem de Nossa Senhora de Itaúna seja devido ao pouco tempo em que a imagem foi entronizada na Gruta de Itaúna.

Pouco importa o tamanho do espaço que o devoto dispõe – encontrou-se grutas construídas em grandes jardins ou sítios e outras bem pequenas – todas contam uma história de confiança e de esperança. De acordo com o levantamento, feito pelo Sr. Marco Elísio a nosso pedido, já foram construídas, apenas sob a sua orientação, quase 200 grutas e muitas pessoas estão aguardando a vez para ter sua gruta em casa. Há outras pessoas que fazem grutas, mas, pelo que foi constatado, nenhum com número tão significativo. O Prof. Marco Elísio orienta quanto ao material necessário e acompanha a execução dos trabalhos. Nas palavras dele, além do ajudante, a família faz questão de participar transportando e encaixando as pedras e ajustando o acabamento com massa de cimento. Nos locais visitados constatou-se que a pequena edificação feita com pedras escolhidas cuidadosamente, decorada com vegetação selecionada e, às vezes, complementada com boa iluminação e um laguinho ou um filete de água, não é só um detalhe a mais. É um local “sagrado”, de destaque e respeito, sempre bem cuidado e preservado das brincadeiras de crianças e de acidentes com animais domésticos.

Quando se tem mais espaço, escolhe-se geralmente um local no jardim de forma que a gruta possa receber um número maior de pessoas para rezar, mas se o espaço é bem pequeno, importa que esteja voltada para um dos cômodos da casa e que, de fato, possa abrigar quem queira fazer ali suas orações. Essas grutas, segundo depoimentos dos proprietários, têm trazido um grande alento para a família. Há relatos de curas, conversões e, principalmente, de grandes mudanças no seio da família. “Para os que crêem, Maria-mãe é aquela que protege e livra de todos os perigos; é a infalível intercessora” (LEMOS, 2006, p. 84).

O Terço Nossa Senhora de Fátima é outro grupo que se reúne há dois anos para rezar o terço, na igreja ou nas casas. Congrega semanalmente um número considerável de famílias e acontece em dois bairros distintos: Santanense e Várzea da Olaria. É bem estruturado, com um responsável em cada bairro. Possui um diário no qual, semanalmente, são anotadas as ações do grupo, como local no qual se rezou o terço, o nome dos participantes, as visitas a enfermos, enfim, qualquer acontecimento que tenha relação com o grupo.

Outro grupo com muita visibilidade é a devoção ao Precioso Sangue de Jesus. Trata-se de uma modalidade de reza do terço criado por Dom Cipriano Chagas, fundador da Comunidade Emanuel⁵², que se disseminou entre os católicos. Este ritual é um movimento

⁵² De acordo com Carranza (2000) Dom Cipriano Chagas é um monge beneditino, autor do primeiro estudo universitário sobre a RCC no Brasil e fundador da Comunidade Emanuel, uma comunidade de aliança fundada em 1974, cujo carisma é o dom de intercessão e libertação, ou seja, as orações de cura interior (p. 65).

leigo e acontece todas as segundas-feiras no bairro Garcias, desde julho de 2007. São conhecidos vários testemunhos de diversas graças alcançadas, dentre elas algumas curas.

A Paróquia de São José em Garcias é o endereço de um acontecimento que, assim como as aparições no passado, marcou muito a história do catolicismo em Itaúna: trata-se do *fato extraordinário* ocorrido em 19 de abril de 2004. De acordo com o relato de moradores da região, e também com notícias veiculadas nos jornais de Itaúna e até em emissoras de TV, teria havido ali um “Milagre Eucarístico”. Após as celebrações do dia do padroeiro, em 19 de março de 2004, foi encontrada na sacristia improvisada – a igreja estava em obras – uma âmbula (vaso usado para guardar e distribuir as hóstias consagradas) contendo várias hóstias. Como era um dia festivo e havia várias pessoas, inclusive de outras paróquias, participando da distribuição da comunhão, o padre não sabia se aquelas hóstias já haviam sido consagradas e, portanto, seguiu o procedimento recomendado pela igreja, ou seja, colocou as hóstias em um grande vidro com água e guardou-o em um armário da sacristia até que estas se dissolvessem e pudessem ser descartadas. O pote permaneceu no local até que no dia 09 de abril – sexta-feira da paixão – ao abrir o armário para guardar os objetos utilizados na celebração, a sacristã percebeu que a água do vidro estava avermelhada, com aspecto de sangue. A diocese de Divinópolis enviou parte do material para exames laboratoriais e divulgou que o material analisado era compatível com sangue humano. O acontecimento foi divulgado e até o Pe. Quevedo, conhecido por estudar fenômenos paranormais esteve no local. Em julho do mesmo ano o material foi exposto na igreja em um local construído, de acordo com a orientação da diocese, especialmente para esse fim. O material continua acessível à visitação e, apesar do silêncio da igreja sobre o assunto – assim como aconteceu no fenômeno das aparições na vila Mozart – a igreja do Bairro Garcias continua atraindo centenas de devotos, inclusive de outras localidades.

Outro movimento que vem despertando interesse na comunidade católica da cidade é o grupo do Terço da Divina Misericórdia. O ritual acontece aos domingos, às 15h00min, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima no Bairro Padre Eustáquio e a igreja fica completamente tomada. A reza do terço obedece a um horário já estabelecido por Irmã Faustina⁵³, assim como a festa da Divina Misericórdia, que se realiza no primeiro domingo após a Páscoa. Este grupo faz também um trabalho comunitário com dependentes químicos e moradores de rua.

⁵³ Esta devoção se baseia nos ensinamentos deixados por Irmã Faustina Kowalska, uma freira polonesa que deixou um diário no qual relata as visões que teve de Jesus e as instruções dadas por ele. As formas dessa devoção são: a Imagem, a Festa (1º domingo depois da Páscoa), a Novena, a reza do Terço, e a Hora da Misericórdia (às 15h00min).

Um novo desdobramento deste grupo é um terreno na área rural, onde já construíram um cruzeiro, as estações da via sacra e uma gruta, onde eles rezam terços diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Ao fazer uma rápida descrição de alguns movimentos que fazem parte do universo católico de Itaúna, busca-se ilustrar a distância entre esses cultos e a celebração mais formal, sisuda e paramentada, do catolicismo que é ditado, legitimado pela hierarquia da Igreja, o chamado catolicismo oficial. Os cultos mais despojados, arejados pelos ventos da modernidade, estão distantes da formalidade dos tempos em que a igreja católica cumpria a função social de integrar e ditar normas. Os participantes desses cultos demonstram maior interesse pela espiritualidade emocional, mais carregada de densidade existencial: sofrimento/alegria, doença/cura do que por conhecimentos teológicos; apesar de alguns membros se dedicarem ao estudo. Diante de situações inéditas e/ou urgentes e da exigência de soluções novas, mais objetivas, capazes de atender às questões suscitadas pela atual realidade, tais rituais funcionam como um elixir.

Em tempos de pluralismo religioso, ecumenismo e necessidade de diálogo, os cultos do catolicismo popular se revestem de ânimo e alegria, tecidos de gestos e cantorias, de ações mais práticas, estampando um pluralismo interno e levando à igreja oficial outro desafio: o acesso a Deus se faz de dentro para fora, pelo coração e pela emoção, pela vida que se leva, pela sintonia que o ritual desperta e não pelas normas ditadas pela instituição. Mesmo com a valorização de dogmas e normas da instituição, valorizados pelo Movimento Carismático Católico, muitos adeptos desses cultos simplesmente ignoram tais preceitos, por exemplo, ao fazer uso de métodos anticoncepcionais ou mesmo da fertilização *in vitro*.

4. OS FILHOS DE MARIA

A relevância do tema pode ser mensurada ao se considerar a importância e a visibilidade da devoção mariana, conferidas pelos católicos, bem como o alcance que vem atingindo a prática da reza do terço por grupos apenas do gênero masculino. Este fenômeno social e religioso desafia os estudiosos da área a compreender como a sociedade é alterada por essa realidade e como as instituições se tornam criativas no empreendimento de novas formas de se estabelecer ou se manter entre os fiéis, dando sentido à sua vida.

Deste modo, pergunta-se, o terço rezado pelos Filhos de Maria – como o grupo de homens que rezam o terço em Itaúna se autodenomina – seria um movimento fundado em uma antiga e forte devoção local a Maria, fruto da crença nas aparições ocorridas há mais de meio século? Seria uma devoção que reaparece na avalanche da Renovação Carismática e se insere em um amplo movimento de revitalização do catolicismo romano? No caso desse estudo, a hipótese escolhida para conduzir a pesquisa parte do pressuposto de que esta iniciativa – a de reunir semanalmente homens das mais variadas faixas etárias, classes sociais e profissões para rezar o terço – atenda tanto à demanda da própria Igreja Católica para se revitalizar quanto à comunidade local, já adepta ao culto mariano. O estilo de oração mais formal e estático, mais contido e esporádico, teria dado lugar a uma oração mais alegre e envolvente, nos moldes da animação da Renovação Carismática Católica.

Como visto no primeiro capítulo, Itaúna é um dos municípios formados no ciclo do ouro, recebendo, portanto, grande influência do catolicismo lusitano, muito devotado a Maria. De acordo com a pesquisa⁵⁴ realizada na cidade, nota-se que o ritual da reza do terço vem se consolidando, e que, inspirados pelo movimento *Terço dos Homens de Itaúna*, outros grupos masculinos e mistos estão se formando em Itaúna. Já existem grupos – como o terço *Nossa Senhora de Fátima* - que rezam o terço em capelas e residências, e agregam grande número de pessoas.

O que se nota ou se apresenta hoje no catolicismo “é a diversidade que se multiplica, até no interior da mesma complexa instituição” (SANCHIS, 1997, p.28). É notória a quantidade de movimentos e associações no interior do catolicismo e muitos deles se ocupam em irradiar

⁵⁴ As principais fontes para essa pesquisa constituem-se das entrevistas com homens que participam da reza do terço masculino, com pessoas que participam de grupos mistos em casa ou em paróquias, e com algumas pessoas envolvidas na história das aparições a partir de 27 de julho de 1955.

a devoção mariana. O Movimento Terço dos Homens vem apresentando grande vitalidade no contexto católico. É mais um movimento dentro da igreja católica que, junto a tantos outros, como o Apostolado de Oração, Legião de Maria, Movimento Carismático etc. ajuda a reforçar a devoção à Maria e a demarcar a identidade católica. Pelas características desse tema não será possível aprofundar a comparação entre os diversos tipos de terços rezados por grupos de homens no Brasil, nem contabilizar a quantidade de grupos existentes, pois novos grupos surgem a cada dia: a propagação é exponencial. Geralmente um homem que visita um desses grupos acaba achando interessante e articula a formação de um grupo em sua comunidade. A adesão ocorre de forma variada, sendo possível encontrar grupos com 20, 30 homens e outros que ultrapassam centenas e até milhares.

De acordo com o **Manual do Terço dos Homens** (2010), o objetivo de o grupo ser composto apenas pelo gênero masculino deve-se ao fato de homens e mulheres terem mentalidades diferentes, visto que

caracteriza o homem, possuir uma acentuada inclinação para o mando, para a autonomia e para a aventura. (...) Com raras exceções, quem manda é a mulher embora o marido seja o chefe da família. Na igreja a coisa é semelhante. Predomina a mentalidade feminina. Enquanto isso, o homem é tentado a procurar outros vínculos e outros lugares. (...) talvez porque ainda não tenham encontrado o verdadeiro ambiente onde possam mostrar o que valem e podem. (...) A Igreja de nossos dias tem muita necessidade de homens participantes. (p. 6).

Um grupo de homens se reunindo para rezar o terço não é um fato inédito, pois há registros de grupos que se reúnem desde 1936 na cidade de Itabi (SE) e em várias partes do Brasil, e até mesmo no exterior. Os grupos masculinos que rezam o terço são movimentos ligados, principalmente, a *Schoenstatt* e a *Mãe Rainha*. Dentre esses grupos destacou-se o de Itabi por ser o mais antigo e o *Terço dos Homens Mãe Rainha* pela visibilidade da devoção.

O terço em Itabi, de acordo com dados disponíveis online pelo site terço dos homens (vide referências), iniciou-se em 08 de setembro 1936, a convite do Frei Peregrino, e contou com a participação de 220 homens, tendo como padroeira *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*. O grupo permanece, e existe entre eles um senhor, de nome Antonio Menezes de Souza, conhecido como Sr. Tutu, que participa desde a fundação. O movimento *Terço dos Homens* possui em sua página virtual o manual de onde foi retirada a citação do parágrafo anterior, estatuto, cartilha, modelos de camisas, imagens para copiar, enfim, todas as orientações necessárias para se constituir um grupo para o ritual da reza do terço.

Já o *Terço dos Homens Mãe Rainha* surgiu com a iniciativa de um pequeno grupo de homens que rezava o terço na rua, enquanto suas esposas participavam de reuniões do

Movimento de *Schoenstatt*. Isto acontecia mensalmente, junto a Casa Santuário Mãe Rainha, em Maceió. Esta devoção durou pouco, mas, por sugestão de Oneida Araújo, coordenadora do movimento Mãe Rainha, em 05 de março de 1997, sob orientação de Pe. Américo Vasconcelos, salesiano, iniciou-se o movimento com um grupo formado por 15 homens. Mais tarde, Pe. José Pontes, um sacerdote de *Schoenstatt*, implantou o ritual em Olinda, e em maio de 1988, por inspiração do Sr. Carlos Alves, o terço passou a ser semanal ao invés de mensal. A partir daí, a iniciativa começou a se irradiar para outros locais⁵⁵.

Existem ainda outras manifestações exclusivamente masculinas como missas, procissões e romarias, muitas delas já praticadas há tempos. É o caso da missa em Pedro Leopoldo-MG e da tradicional Romaria dos Homens, que levou cerca de 50 mil pessoas no trajeto da Catedral de Vitória (ES) até o Parque da Prainha, em Vila Velha, em abril de 2010. Este ano a festa tem o tema "Maria, Sinal de Esperança para o Mundo" ⁵⁶.

Já o *Terço dos Homens* da cidade de Itaúna, apesar de um fenômeno mais localizado e recente, tem despertado interesse devido ao considerável número de participantes, à rapidez do crescimento, ao local do ritual e ao fortalecimento do hábito de se rezar o terço na cidade. A devoção vem ganhando corpo em várias paróquias da cidade e também nas residências com a construção de pequenas grutas e o costume de se rezar o terço em família ou entre amigos.

Segundo o Sr. Marco Elísio, em entrevista por mim realizada em 26 de julho de 2010, “a qualidade da devoção vem aumentando. Se o número de católicos diminuiu, hoje, pelo menos em Itaúna, estão mais fervorosos”. Disse ainda que na apreciação do seu geriatra, os idosos de Itaúna estão melhores, em termos de qualidade de vida, do que a média em geral da população de mesma faixa etária.

Nos três itens iniciais deste capítulo, a metodologia empregada será inspirada no modelo de pesquisa sobre os povos *ndembo* empregada por Victor Turner (1974). Seu método consiste em dividir as pesquisas em três partes: inicialmente, a partir do trabalho de campo, faz-se uma descrição minuciosa do rito; em seguida, analisam-se as razões, o cenário social e a posição dos participantes no ritual; finalmente, analisam-se os símbolos e o significado do ritual para os participantes. Logo, a primeira parte desse capítulo se constituirá de duas descrições do ritual, ocorridas em momentos diversos: a primeira delas em um dia que – segundo expectativa nossa – haveria poucos participantes, devido ao frio e a ser dia de jogo da seleção brasileira; a segunda descrição, ocorrida em uma data festiva: a comemoração dos quatro anos do ritual.

⁵⁵ Segundo dados disponíveis no site da organização (vide referências).

⁵⁶ Conforme site da gazeta online (vide referências)

4.1 O ritual

O presente relato é do ritual⁵⁷ da reza do terço realizado no dia 10 de junho de 2009. Fazia frio em Itaúna e o horário do terço, às 20h00min, estava próximo ao horário de um jogo da seleção brasileira. Suspeitou-se que o grupo, devido aos motivos citados, ficaria reduzido.

A movimentação começou por volta das 18h30min, quando alguns Filhos de Maria começaram a chegar. Uns chegam cedo para escolher um local melhor, outros para rezar ou pegar água benta. O local é muito bem iluminado e acolhedor e, por ser cercado de árvores, é também muito silencioso. Possui 400 assentos, entre bancos de alvenaria e cadeiras de plástico, e muitos participantes levam de casa bancos ou cadeiras dobráveis.

A chegada dos participantes é quase festiva, com o cumprimento oficial “Salve Maria”. A maioria usa uma camisa branca com alguma referência à oração e a *Nossa Senhora de Itaúna*. Dois voluntários aguardam no portão de entrada e entregam folhetos nos quais se encontram os hinos, as orações e a contemplação dos mistérios. No cabeçalho consta uma numeração, idealizada para a participação em sorteios e que acabou servindo, também, para se estabelecer a contagem dos participantes.

Às 19h15min o folheto entregue já é o de número 203. Os participantes vão se acomodando nos assentos e a conversa de alguns não chega a incomodar aqueles que querem rezar. Um dos voluntários, acomodado na lateral direita de quem entra no recinto, tem a tarefa de vender camisas e o DVD sobre o terço. A renda vai para a recém-criada *Associação Particular dos Filhos de Maria*. À medida que nos aproximamos das 20h00min, os passos dos que chegam se tornam mais rápidos. Os instrumentos que estavam sendo afinados ou testados já se encontram dispostos em seus lugares. São vários, dentre eles violão, craviola, cavaquinho, saxofone, gaita de boca, pandeiro, atabaque etc. O padre chega, ocupa seu lugar, pega seu violão e inicia o ritual com a saudação “Salve Maria!”. O local já se encontra lotado.

⁵⁷ Conforme Aldo Terrin (2004): “Quando se usa o termo ‘rito’, faz-se referência a uma ação realizada em determinado tempo e espaço. Assim, dizemos que o rito do Bar Mitzwah é o rito que faz com que o menino se torne homem, no judaísmo, assim como no cristianismo o rito do batismo faz da criança um cristão. Trata-se, pois, de ações rituais realizadas no seio de uma religião ou de uma cultura e reconhecidas como tais. Trata-se de ações que são diferentes das ações da vida ordinária e se distinguem do comportamento comum. Quando, ao invés, falamos de ‘ritual’, fazemos referência a uma idéia geral da qual o rito é uma instância específica. Assim, não existe o ‘ritual’, que é uma abstração. Fala-se, porém, de ‘ritual’, na Igreja romana, mas com outro significado, isto é, como texto exemplar para a execução dos ritos e das liturgias. Por isso, o ritual seria somente uma idéia que os estudiosos formulam como conceito de rito. Ele, em outras palavras, seria o que é definido de modo formal e mediante caracterizações, enquanto o rito é aquilo que se realiza e se vive em determinada religião e cultura.” (TERRIN, 2004a, p. 19-20).

De acordo com a numeração dos folhetos, aproximadamente 1.500 Filhos de Maria se encontram presentes.

Inicia-se pelos avisos, feitos pelo Padre Adilson, a respeito das datas em que o grupo irá a outras cidades (São João Del Rey, Itapecerica e Juiz de Fora) para participar da reza do terço e da entrevista a um programa de TV em Belo Horizonte: informa-se aos interessados em tomar parte que estes deverão se inscrever, mas que, caso haja mais interessados do que vagas, haverá sorteio; orienta-se a todos a estar com a camisa do movimento e, caso sejam entrevistados, a se comportarem com naturalidade diante do microfone. Informa-se também sobre as visitas que receberão e da gravação do CD e avisa-se sobre a ida à Aparecida do Norte (SP), para o Encontro Nacional dos homens que rezam o terço, bem como do lançamento do CD na Comunidade Canção Nova em Cachoeira Paulista. Em seguida, o padre pergunta se estão todos armados. O grupo, com vigor, levanta os braços e lhe mostra o terço⁵⁸.

O padre, então, anuncia as intenções e pede que cada um pense em sua intenção particular; do fundo surge uma faixa agradecendo por estar a um ano sem o vício do álcool. Alguns Filhos de Maria trazem, inclusive, os pedidos ou agradecimentos das mulheres da família, impedidas de participar do culto. Um dos organizadores anuncia o sorteio de dois oratórios: um deles de presente e o outro que, após uma semana sob a guarda do contemplado, deverá ser devolvido no próximo encontro. Durante a permanência com o oratório, o guardião estará encarregado de rezar o terço em casa, de preferência com a família, amigos e vizinhos.

E assim, todos de pé, com expressão serena e terço na mão, inicia-se a reza com um hino composto pelo Padre Adilson. O sinal da cruz é cantado, assim como as três Ave-Marias. O Pai Nosso e o Glória são rezados de forma convencional. Existe uma música específica para cada um dos mistérios e a de hoje, dos mistérios gozosos, é: *“Tá caindo fulô /Tá caindo fulô (2x). Lá do céu cá na terra / tá caindo fulô. Das mãos de Nossa Senhora / tá caindo fulô”*⁵⁹. Todos cantam, muitos levantam os braços, uns em gestos mais contidos, outros em gestos mais vigorosos, outros mais descontraídos.

Forma-se entre duas fileiras de bancos uma fila de bandeirinhas brancas. São os onze homens que irão rezar o Pai Nosso e as dez Ave-Marias. Crianças e adultos se oferecem para rezar. As bandeirinhas, coladas em um bastão de cerca de um metro de comprimento, são distribuídas de forma setorizada para facilitar a movimentação dos participantes. Cada mistério conta com bandeirinhas de uma determinada cor e em uma posição, de forma a dar

⁵⁸ Geralmente a coordenação tem alguns terços de reserva para fornecer ao Filho de Maria que esqueceu em casa sua “arma”.

⁵⁹ Extraído do folheto mencionado anteriormente.

oportunidade a todos, sem que haja movimentação desnecessária. Cada um dos participantes, após rezar, devolve a bandeirinha a um dos voluntários e retorna a seu lugar. Desse modo, cada mistério é rezado de forma organizada e democrática.

Transcorre assim a reza do terço, com grande participação, mas em ambiente tranquilo e respeitoso. Após o quinto mistério, um manto branco com a imagem de *Nossa Senhora de Itaúna*, de cerca de 30 m², similar às enormes bandeiras usadas em campo de futebol, é desenrolado a partir da frente. O manto vai passando para trás e todos os participantes fazem questão de tocá-lo, sem palavras, apenas tocar o objeto sagrado. O agradecimento e a **Salve Rainha** são declamados e, em seguida, mais três músicas curtas, parte do repertório católico tradicional, são cantadas. Encerra-se o encontro deste dia com um “reforço” aos avisos. Após a despedida, os Filhos de Maria vão saindo com passos firmes, mas discretos e com calma, ao som dos instrumentos e da voz do padre-cantor.

O próximo relato descreve uma data festiva, na qual se esperava um grande número de participantes. A comemoração foi anunciada, dentre outros meios, pela rádio local e eram esperados alguns visitantes, inclusive Dom Tarcísio, o Bispo Diocesano. Em 04 de agosto de 2010 o movimento Filhos de Maria completava quatro anos. Como dito, divulgou-se o fato, por meio da imprensa, já na semana anterior. O local ficou repleto: todos os 1.500 folhetos usados durante a reza foram distribuídos e, no entanto, um número maior de homens continuava a chegar. Levando-se em conta que o pátio da gruta estava superlotado, calculou-se que estavam presentes mais de dois mil homens.

Dentre outros, havia um grupo formado por 60 homens, acompanhados pelo Pe. Gislei Roberto Marques Teixeira, vindos de Baldin (MG). Eles haviam reservado lugares para se sentar, estavam uniformizados com camisa azul-claro, alusiva ao seu movimento. Este grupo retornaria no mesmo dia, com a previsão de, aproximadamente, quatro horas de viagem. Outros visitantes – grupos pequenos vindo de cidades próximas – também participaram da comemoração. Padre Nilo Caetano, que auxilia na Paróquia de Sant’Ana, participou ativamente do terço, juntamente com Pe. Adilson e o citado padre de Baldin. Segundo alguns Filhos de Maria, esperava-se a presença do bispo, que não compareceu. Não houve nenhuma explicação a esse respeito.

Como de costume, os homens foram chegando aos poucos. Chegamos ao local às 19h00min horas, uma hora antes do início da oração, e o folheto já era o de número 100. Encontramos vários dos homens entrevistados anteriormente e a expectativa deles era grande. A equipe que cuida da organização, como também os responsáveis pela música, estavam dando os retoques finais. Até às 19h30min o ritmo da chegada era lento. Mas, a partir deste

horário, o local rapidamente se encheu. Formou-se uma grande fila para pegar água benta. Uns a pegavam para levar embora ou simplesmente com ela se benziam. Este ritual foi interrompido com o início da reza do terço. No entanto, assim que acabou a reza, criou-se novamente uma grande fila.

As luzes, que aos poucos vão se apagando, preparam a platéia para o encontro. A data era especial e os organizadores capricharam nos detalhes. Distribuiu-se um cartão plastificado, contendo, de um lado, um pedaço do manto que fora usado até a semana anterior, e, do outro, uma imagem de *Nossa Senhora de Fátima* emoldurada por um terço, seguro por uma mão masculina, e inscrito com os dizeres “Filhos de Maria”; “Salve Maria” e a data “02/08/2010”. A este cartão deram o nome de “Relíquia do manto”. Pe. Adilson chegou às 20h00min horas e, diferentemente do ritual narrado anteriormente, presenciado em junho de 2009, trazia um ostensório.

Havia uma caminhonete com uma grande réplica do ostensório, para o qual ele pediu que todos estendessem o braço. Ele se paramentou e, segurando um ostensório convencional, proferiu uma benção. Os homens participavam ativamente por meio de cânticos, palmas e bênçãos. Cantou-se “parabéns” para homenagear os aniversariantes do dia, o aniversário do terço e também o dia de São João Maria Vianney, o Cura D’Ars, padroeiro dos padres. Em seguida, iniciou-se a reza do terço.

Assim como da outra vez, várias pessoas participaram da reza, sendo cada grupo definido previamente. A participação é voluntária e se percebia o orgulho dos que se voluntariavam. As bandeirinhas coloridas do relato anterior foram substituídas por estandartes. Estes traziam, na frente, a estampa de *Nossa Senhora de Itaúna* e, no verso, cores diferentes, identificando cada um dos cinco mistérios. Entremeados a músicas, os mistérios gozosos foram contemplados e os homens, a grande maioria segurando o terço, tanto cantavam quanto rezavam sem timidez. Alguns não dedilham o terço, mas o trazem pendurado no pescoço ou enrolado no braço, como se fosse um adereço.

Pe. Adilson se justificou: mentira sobre o manto na semana anterior. Mencionou que havia dito que o mesmo havia sido lavado e não secara, por isto não pudera ser levado ao último encontro, mas, de fato, explicou, estava preparando a surpresa. Disse que como todos gostam muito de tocar no manto, este foi transformado em relíquia e agora poderia ser colocado dentro da carteira e ficar o tempo todo com os Filhos de Maria. Estendeu-se, então, um novo manto, maior do que o anterior: bege, com a estampa de *Nossa Senhora de Itaúna* e o nome *Filhos de Maria*.

Após passar sobre as cabeças de todos os homens presentes, e ser por eles tocado, o manto ficou no centro do local, sendo bento pelos três padres presentes ao evento. Em seguida, elevou-se uma das pontas para se tocar em Nossa Senhora de Itaúna, lá em cima do cupim revestido. Todo o ritual foi marcado por muita música.

Prosseguindo, foram dados os avisos: viagem programada para Cachoeira do Campo no dia 06 de setembro e, ainda sem data marcada, um convite para participarem da reza do terço de Baldim. Avisou-se também que, na próxima semana, dia 11 de agosto de 2010, como acontece duas vezes ao ano, haveria um terço para as famílias, e os homens poderiam, então, levar suas mães, filhas, irmãs, namoradas, esposas etc. Um grupo de homens que estava ao nosso lado questionou tal permissão, justificando que o espaço já fica tomado apenas com os homens, que há falta de assentos e que, logo, tal atitude faria com que alguns Filhos de Maria não comparecessem na próxima semana.

Uma ave-maria foi rezada em libras, a linguagem dos surdos-mudos, em honra aos homens que estavam ali pela primeira vez e também daqueles Filhos de Maria que já faleceram. Pe. Adilson aproveitou para contar a história do Cura D’Ars, e homenagear Pe. Nilo em nome de todos os padres. Em seguida, convidou o grupo a transformar um gesto profano em sagrado. Sugeri que se fizesse uma “*ola*”. Os homens deveriam se agachar e começariam levantando lá na entrada até chegar à frente, próximo ao altar. A adesão foi total. O gesto se repetiu mais duas vezes e os homens participaram de forma animada e, no final, o comentário de vários é que o gesto ficara muito bonito.

Seria, então, feito o prometido sorteio do oratório, mas Pe. Adilson sugeriu que o mesmo fosse entregue aos homens de Baldim. A sugestão foi aprovada. Depois, sorteou-se outro oratório, que seria levado pelo ganhador para passar a semana em sua casa, de forma a rezar o terço com familiares, parentes e amigos e devolvê-lo na semana seguinte. Houve uma queima de fogos e muitos gritos de *Viva!* Em seguida, marcado por mais músicas, houve o encerramento. Os homens foram deixando o local com tranquilidade, ao som da gaita de boca tocada por Pe. Adilson.

4.2 Identidade dos Filhos de Maria

Seguindo a categoria de Victor Turner, o segundo passo é esclarecer quem são esses homens que participam do ritual da reza do terço e quais traços identitários foram marcantes na observação empírica do ritual.

O movimento iniciado há quatro anos vem se tornando bastante significativo na cidade e, hoje, é considerado, por vários itaunenses, como o maior movimento da igreja católica na região. Trata-se, como dito, de um grupo de homens cuja devoção praticada na Gruta de *Nossa Senhora de Itaúna* tem incentivado e difundido o hábito da reza do terço. Apesar de se tratar de uma oração tradicional da Igreja Católica, o fenômeno em Itaúna traz algumas inovações na forma de rezar e mesmo na maneira como se está firmando na comunidade. O grupo já possui uma identidade na cidade e sementes estão sendo lançadas devido à significativa participação de jovens e crianças. Dito de outro modo, este ritual vem contribuindo para o estabelecimento de uma identidade católica para esses homens, visto que rezar, até então, era tido como *coisa de mulher*. Na atualidade, o que se nota durante as celebrações, é uma grande vantagem numérica das mulheres, que tomam parte nos cultos, em relação ao número de homens.

Como dito, o diferencial desse grupo em relação a outros grupos masculinos que praticam o mesmo ritual está no número de participantes, no local no qual se realiza o evento e no efeito multiplicador que este tem demonstrado. Outros grupos apenas masculinos, mistos ou familiares, mencionados no capítulo anterior, que surgiram inspirados neste grupo, bem como a “moda” de se construir pequenas grutas nas residências de Itaúna, têm sido associados ao fenômeno Filhos de Maria e contribuído para a consolidação da identidade do grupo.

É preciso se deter, mesmo que de modo superficial, neste conceito. Identidade, em linhas gerais, apresenta-se como um recurso teórico – uma categoria – capaz de contribuir para a análise e compreensão de um determinado evento, particular ou social, sendo que seria até difícil estudar um grupo ou uma sociedade sem se falar em identidade. “Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia” (CIAMPA, 2007, p. 127). Ricoeur (1991) explica a identidade a partir de duas polaridades. De um lado, a identidade *idem* e, do outro, a identidade *ipse*. A identidade *idem* é aquela fixa, que permanece no tempo. É invariável, da infância à velhice, com gradativas e perceptíveis mudanças, sem, no entanto, afetar sua estrutura. O *idem* serve para manter e conservar os valores que consideramos importantes, dos quais não podemos abrir mão. A identidade *ipse*, por sua vez, refere-se à identidade como um

processo em construção. A identidade pessoal é constituída ao longo da vida, a partir da dialética *ipseidade* e *mesmidade*. Não se pode pensar no *idem* de uma pessoa sem o *ipse*, e, no cotidiano, ambas se entrelaçam, tendem a se recobrir e se confundir. Nesse processo, forma-se o caráter, ou seja, o conjunto de marcas, de signos distintivos ou hábitos adquiridos que nos permitem reconhecer uma pessoa. Nas palavras de Ricoeur (1991),

A identidade de uma pessoa, de uma comunidade, é feita, das “identificações – com valores, normas, idéias, modelos, heróis, nos quais a pessoa, a comunidade se reconhece. O reconhecer-se no contribui para o reconhecer-se com” (RICOEUR, 1991, p. 147).

Identidade, em sentido lato, é o conjunto de atributos que tornam uma pessoa ou categoria especial, única. Pessoas ou grupos podem compartilhar várias características em comum, mas o que os torna originais e exclusivos, ímpares, é, justamente, a maneira como essas características se combinam em sua formação. Identidade pode ser categorizada “como identidade pessoal (atributos específicos do indivíduo) e/ou identidade social (atributos que assinalam a pertença a grupos ou categorias)” (JACQUES, 1998, p. 161). A identidade pessoal é, na maioria das vezes, associada ao nome, número de documentos ou traços familiares – físicos e de personalidade. Já a identidade social demarca-se a partir do posicionamento da pessoa em relação à situação dos demais no interior da sociedade/comunidade a que pertencem. Logo, a identidade social está ligada à pertença a uma religião ou movimento religioso, um clube, um grupo específico, uma empresa ou categoria profissional. “O indivíduo não mais é algo: ele é o que faz” (CIAMPA, 2007, p. 135).

De todas as idades e classes sociais, os Filhos de Maria – é assim que os homens que participam do movimento se autodenominam – destacam-se nas celebrações católicas, pois assim como os membros de algumas associações religiosas – como do apostolado de oração, que usam uma fita vermelha em missas ou outras celebrações – ostentam uma camisa branca alusiva ao movimento. Existem vários modelos de camisas, mas a estampa não varia muito. Nas costas, sempre a imagem de *Nossa Senhora de Itaúna* e a identificação do movimento. Na frente, uma estampa com o rosto de *Nossa Senhora de Fátima* envolvido por um terço pendendo de uma mão masculina e dizeres reafirmando o poder da oração masculina para a união da família: *Homens em oração, família em união!* Assim “uniformizado”, o Filho de Maria, mesmo tomando parte/circulando em vários contextos, será primeira e seguramente classificado e rotulado em função do seu grupo de pertença religiosa: ele é um Filho de

Maria! Segundo Libânio (1984), a identidade de um grupo consta de diversos elementos, mas, em linhas gerais, é definida pelo “corpo da doutrina”, o guardião das verdades, normas, objetivos e ensinamentos; pelas práticas – ou seja, as ações dos membros; e pelas estruturas institucionais ou o aspecto jurídico, formal.

Um dos segredos da identidade é que ela se revela tanto na igualdade quanto na diferença. A estabilidade ou coesão do grupo se estabelece não somente por meio de características exclusivas, mas também pela negação daquilo que o grupo não é. De acordo com Ciampa (2007), identidade é histórica, construída através do tempo pelos seus personagens e também metamorfose, pois é a representação do estar–sendo, de algo sempre em mudança, da ação do momento. Seja por meio da camiseta, do adesivo no carro, da medalhinha presa com um alfinete ou simplesmente por meio da saudação de “Salve Maria!”: os Filhos de Maria, “caracterizados” como tal, são vistos com frequência em vários locais, como nas celebrações oficiais, nos velórios, no comércio e, segundo Maurício Caetano, um dos organizadores do movimento, até no trabalho e em alguns eventos sociais. Tais atitudes revelam que o processo de construção de uma identidade é, segundo Libânio (1984), “um fazer, por assim dizer, espontâneo, que, depois mais tarde, o historiador desvela na complexidade de seus elementos” (LIBÂNIO, 1984, p. 25).

A formação de uma identidade, usando as categorias propostas por Libânio (1984), constitui-se a partir de quatro elementos:

o primeiro é a inserção no movimento renovador anterior, de onde o grupo vai buscar sinais positivos e incorporá-los. Afinal, uma nova identidade não parte do nada. Ora, a devoção mariana já tivera um grande impulso na cidade no período das aparições. Junte-se a isso o entusiasmo de um padre recém-ordenado – com dotes musicais e adepto de um culto mais festivo – ao desejo do gênero masculino de encontrar um novo significado na moderna sociedade, e encontramos um contexto propício.

O segundo elemento é a crítica às próprias fraquezas, ou seja, a negação dos limites, das falhas, dos pontos negativos do contexto histórico para subsidiar uma nova síntese supostamente mais plena. O hábito de rezar o terço na gruta – sozinho ou em pequenos grupos – já era usual. A “eficácia” da oração é uma crença arraigada no catolicismo popular. Mas, diante da pouca presença masculina nas celebrações oficiais, e do crescimento dos evangélicos, a maior “força” para fazer frente a eles tem sido a Renovação Carismática Católica. Dentre “suas armas” estão o culto a Maria, o desempenho dos padres cantores e a utilização de recursos midiáticos. O ritual praticado na Gruta de Itaúna demonstra uma afinidade eletiva com estas características – muita música, gravação de CD e DVD e,

principalmente, a devoção a Maria – ou seja, os dois movimentos trazem algumas semelhanças, apesar de cada um manter sua identidade. Segundo Oliveira (2007), afinidade eletiva é uma categoria própria da metodologia weberiana, que, por meio da construção de tipos ideais, busca compreender a ação humana a partir do sentido que lhe é culturalmente atribuído. Ela tem por finalidade explicitar a natureza interna da relação entre as atitudes ou concepções pertinentes a diferentes campos (v.g. religioso, político, artístico, econômico). (OLIVEIRA, 2007, p.17).

O terceiro elemento é o uso de recursos e fatores históricos na busca de soluções inéditas para se estabelecer uma nova estrutura. Este elemento se constitui dos pilares que darão estrutura à nova identidade, após a demolição da antiga. Em outras palavras, aquela sociedade, acostumada ao jeito mais contido dos homens durante as celebrações, viu naquele grupo um jeito diferente de rezar, ao mesmo tempo em que reconheceu sua força considerando a relevância da devoção a Maria. Por ser um grupo exclusivamente masculino, os homens se sentem mais à vontade para se expressar. Some-se a isso o fato de ainda vivermos em uma sociedade pautada por valores eminentemente machistas: o homem que participa do grupo tem a oportunidade de usar uma camisa apregoando o poder masculino, ou seja, o seu poder de também unir a família.

O último elemento é o contraste com outras identidades. Aqui, o encontro com outra(s) identidade(s) se transforma em alteridade, em diferença. Uma identidade se tornará mais vistosa pela insistência em mostrar sua diversidade, independentemente de quantos pontos convergentes possua em relação à(s) identidade(s) construída(s) como oposta(s). Em suma, ser Filho de Maria é possuir uma bandeira, uma marca. Ao ostentar uma camisa representando o movimento ou carregar um terço pendendo das mãos ou do pescoço, o participante reafirma sua adesão e devoção. Assim como os evangélicos ostentam sua bíblia, os Filhos de Maria traduzem sua devoção a Maria estampada por meio de símbolos alusivos ao movimento.

Logo, o termo identidade pode ser utilizado para expressar, por exemplo, tanto a singularidade dos Filhos de Maria, quanto a forma de relação deste grupo com outras pessoas ou grupos. Em outras palavras, o uso da camisa, o jeito de rezar e até a saudação *Salve Maria*, e, principalmente o reconhecimento da sociedade, ao mesmo tempo em que garantem sua identidade como grupo, também demarcam sua diferença em relação a outros grupos, católicos ou não.

Donde se conclui que a Igreja Católica, segundo a categorização de Libânio (1984), reconstruiu sua identidade⁶⁰ – que, apoia-se principalmente no respeito à autoridade do Papa, na devoção a Maria e na prática sacramental – por meio da sua inserção na sede espiritual e no zelo apostólico, pela luta tanto contra um universo carente e supersticioso, principalmente no campo, quanto contra uma estrutura eclesial combatida. Tal fenômeno se iniciou ao estabelecer uma nova estrutura, apoiada no Concílio de Trento, elegendo como pilar central o reforço no imaginário social-religioso de seus integrantes bem como o enquadramento do clero e dos fiéis. Como consequência, reafirmou-se e reforçou-se essa identidade ao vigorosamente contrapô-la a duas outras: a protestante e a moderna. No caso da identidade dos Filhos de Maria, podemos dizer que, em linhas gerais, ela se apoia em dois pilares centrais: na devoção a Maria, em contraste com o crescimento de igrejas evangélicas, e na sua formação exclusivamente masculina, que se contrapõe ao dito “rezar é coisa de mulher”.

4.3 Gênese e estrutura

Ainda usando o modelo de Turner, narra-se a gênese do movimento e se analisa tanto os símbolos eleitos quanto o significado do ritual para os Filhos de Maria. Apesar de seu pouco tempo de vida, o grupo perpassa temas interessantes, com fôlego para influenciar o comportamento religioso de um razoável número de católicos itaunenses e suscitar a questão de gênero, motivo pelo qual se tornou um recorte interessante para a pesquisa sócio-religiosa.

A fundação do Terço dos Homens de Itaúna deu-se em 02 de agosto de 2006. Pe Adilson Neres Vieira, um padre recém-ordenado (junho de 2005) convidou alguns homens da paróquia, oriundos de vários segmentos e movimentos, para juntos rezarem o terço, semanalmente, na Gruta de Itaúna. Combinaram, então, dia e horário mais propícios. Essa gênese do grupo foi narrada pelo Sr. Xerife da Silva, um dos Filhos de Maria e membro da paróquia de Sant’Ana, em entrevista a mim concedida, gravada no dia 27 de julho de 2010:

Após um Encontro de casais com Cristo (ECC), do qual eu e minha esposa participamos do grupo de vigília, resolvemos fazer uma confraternização. O local era o meu sítio e lá estavam oito casais mais o Pe. Adilson que fora o conselheiro

⁶⁰ Segundo Libânio era o período da era piana - os pontificados dos Pios IX, X, XI e XII -, que durara cronologicamente de 1846 a 1958, reforçara ao extremo a centralidade pontifícia. Disponível em www.cebsuai.org/content/view/242/36/, acesso em 17 fev. 2011.

espiritual daquele encontro. Após o almoço, enquanto as mulheres cuidaram dos afazeres da casa, os homens se reuniram sob uma mangueira. Ali nos sentamos e ficamos em oração. Pe. Adilson, iluminado pelo Espírito Santo, nos disse que há tempos desejava fazer um terço diferente, um terço só com a participação dos homens. Falou de sua idéia e perguntou se o apoiaríamos. Isto foi em um domingo e foi proposta a quarta-feira, às 20h00min. Fomos. Dos oito homens, sete foram naquele dia. Começamos o terço dos homens. Com muita humildade e dificuldade, pois não tínhamos nenhum material. Era uma coisa muito espontânea, de acordo com o momento. O padre pediu-nos que propagássemos o terço para a próxima semana e na outra semana já foram 40 homens e foi aumentando assim, assustadoramente. Além dos homens que eram aconselhados durante a reza a convidarem outros, o padre avisava nas missas em que celebrava.

O movimento que se iniciou naquela quarta feira, dia 02 de agosto de 2006, aumentava a cada semana, tomando proporções surpreendentes: logo já eram 1000 homens. Segundo Christian Moura, um dos organizadores do Terço, o ritual iniciou com 17 homens e a maior propaganda foi o boca a boca. O grupo e o formato do ritual foram se estruturando aos poucos, à medida que o número de homens ia aumentando. De acordo com as iniciativas do idealizador e também a partir das sugestões dos participantes, as músicas e o jeito de rezar foram se modificando. Uma das sugestões foi a criação de um nome para o grupo: a denominação “Filhos de Maria” foi decidida por meio de uma eleição.

Ainda segundo Christian, depois de cerca de dois meses da fundação do grupo é que os participantes decidiram criar um nome para o movimento (Filhos de Maria) e também mandar fazer a camisa. O nome *Filhos de Maria* há tempos vem sendo utilizado por movimentos católicos, inclusive outros grupos de homens que rezam o terço, várias ordens religiosas femininas e também uma associação tradicional, chamada Pia União das Filhas de Maria, uma irmandade religiosa formada exclusivamente por mulheres católicas solteiras comprometidas a se portar com recato, isto é, dentro das boas normas sociais e cristãs. Segundo Oliveira (1985), após a romanização, o culto aos antigos santos foi sendo substituído por outras devoções, como Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Imaculada Conceição, Sagrado Coração de Jesus etc. Com essas novas devoções surgiram novas associações devocionais, que eram constituídas por leigos, mas fundadas e dirigidas por padres. Os fiéis, desejosos de promover a devoção ao santo, entravam para as associações e participavam da organização do culto e das festas. Cada santo tinha sua associação pia, a saber: Apostolado de oração para o Sagrado Coração de Jesus, Pia Associação Filhas de Maria e Congregação Mariana para a Imaculada Conceição etc.

Assim como no presente os Filhos de Maria declaram em suas camisas o valor da oração masculina para a união da família, no passado as Filhas de Maria exibiam com orgulho a fita de cetim azul-clara, da qual pendia uma medalha, símbolo da pureza, da castidade e da

devoção a Virgem Maria. Este paralelo nos mostra que ser um “Filho de Maria” implica receber proteção e amparo, mas também compromisso.

Para Maurício Caetano, o nome escolhido é muito apropriado, pois ele se sente como filho verdadeiro d’Ela. Ainda segundo ele, para ser um Filho de Maria é preciso ser fiel ao compromisso com o terço todas as quartas-feiras e rezar com bastante fé (*Entrevista por mim realizada em 31 mar. 2010*). Já Rinaldo, Filho de Maria e ex-coordenador da Renovação Carismática Católica em Itaúna, em relação ao nome, diz o seguinte:

no meu coração eu vejo que veio do Magnificat : todas as gerações me proclamarão de bem aventurada e eu faço parte desta geração. Faz parte da Igreja e todos nós somos filhos de Maria. Quem batizou esse movimento como Filhos de Maria deve ter sido Pe Adilson. Creio que devido ao Magnificat e dos dogmas da Igreja, do próprio Evangelho. Está aí uma geração que tá proclamando Maria como bem aventurada. (*Entrevista por mim realizada em 24 jul. 2010*).

O movimento estava se delineando e era preciso demarcá-lo, construir símbolos que identificassem seus integrantes na cidade. A adesão à camisa foi rápida. Seu uso durante o ritual como também em outras ocasiões contribuiu, e muito, para a divulgação do movimento. Ao usá-la em outras celebrações, ou mesmo em viagens, o Filho de Maria reafirma sua identidade. Não por acaso, durante o ritual, ao dar os avisos sobre alguma viagem, Pe. Adilson constantemente lembra ao grupo que é preciso estar com a camisa. Segundo Maurício Caetano, é comum ver os Filhos de Maria usando a camisa do movimento em diversas ocasiões. A cor branca, segundo ele, é a cor de pureza, cor de Nossa Senhora e serve para identificar os Filhos tanto na gruta quanto na rua, tanto nas missas quanto no trabalho. “Hoje, por exemplo, passei na porta de uma loteria e vi lá um Filho de Maria fazendo jogo. Mesmo sem o conhecer pessoalmente, identifiquei-o pela camisa”.

O movimento – iniciado de forma simples, sem planejamento, apenas com aquele grupo que resolveu atender a um convite do padre – teve grande apelo e, em poucos meses, já era considerável o número de homens que se dirigia à Gruta de Itaúna todas as semanas, atestando o crescimento do grupo. A influência da devoção alcançou até a Federação Mineira de Futebol (FMF), que mudou o calendário dos jogos da equipe local quando a partida fosse disputada em Itaúna. É preciso dizer que o time local não chega a empolgar os moradores, talvez por disputar os jogos do Módulo II do campeonato mineiro. Tendo isso em vista, o presidente do Esporte Clube de Itaúna se viu obrigado a enviar um ofício à FMF pedindo que os jogos realizados na cidade fossem transferidos para as quintas-feiras: alegou que os torcedores não abriam mão do ritual da reza do terço para assistirem às partidas e que, sem a

participação dos torcedores, a situação do time ficaria ainda mais delicada. Como o número de Filhos de Maria estava em ascensão – já havia chegado a 3.000 homens em alguns dias – a entidade acabou considerando o pedido, e os jogos em Itaúna passaram a acontecer nas noites de quinta-feira (MOREIRA, 2009, p. 44).

O local escolhido para o encontro, a Gruta de Nossa Senhora de Itaúna, deu-se, segundo Pe. Adilson, pelo fato de este sempre encontrar homens rezando o terço, individualmente, quando visitava o local. Pensou então que, se eles estavam habituados a rezar sozinhos, concordariam em rezar em grupo. Segundo Rinaldo, as razões para a escolha da gruta seriam: primeiramente, por ter sido o local da aparição de Nossa Senhora e, em segundo lugar, pelo fato de, retornar ao lugar da aparição após 55 anos, afigurar-se como levar a profecia/pedido da santa a se realizar. Nas palavras de Sandro, outro Filho de Maria, “na gruta algo acontece e atrai os homens” (*Entrevista por mim realizada em 26 jun. 2010*). Esse apelo, identificado pelos participantes entrevistados, parece proceder: um fato curioso, narrado por Christian, um dos organizadores do movimento, é que em certa época chuvosa cogitou-se rezar o terço, até que as condições melhorassem, na Igreja de *Nossa Senhora das Graças*. O padre colocou o assunto em votação: a decisão da maioria "esmagadora" foi continuar rezando na gruta, mesmo debaixo de chuva.

Outro hábito que aos poucos surgiu foi o do sorteio *das santas*. Durante os encontros, passou-se também a sortear duas imagens de *Nossa Senhora de Itaúna*: uma seria presente para o participante sortido e outra, em um oratório, que seria levado para a casa de um guardião, também escolhido via sorteio. Este “guardião” ficaria encarregado de rezar o terço todos os dias, de preferência em companhia de parentes, vizinhos e amigos. O oratório com a santa deveria ser devolvido na semana seguinte para ser novamente sorteado. Como modo de facilitar o sorteio, surgiu, então, a idéia de se numerar os folhetos. Tais números acabaram exercendo, também, outra função: quantificar o número de homens presentes no local. No início, relatou Christian, “dava pra contar os homens visualmente, mas, com o passar do tempo decidimos fazer os folhetos numerados e eram distribuídos em ordem para no final sabermos a quantidade de Filhos de Maria estiveram no ritual”. (*Entrevista por mim realizada em 17 ago. 2010*).

Obviamente, algumas dificuldades surgiram e adaptações necessárias foram feitas para que um grupo tão numeroso pudesse rezar em conjunto. O local, por exemplo, não dispunha de assentos, iluminação e nem de equipamento de som que atendessem a tantas pessoas. Aos poucos, com doações dos próprios Filhos de Maria, as condições do local melhoraram. O jeito de rezar foi mudando para que mais pessoas pudessem participar diretamente da oração e

foram surgindo novas idéias como a criação das bandeirinhas para identificar quem rezaria cada oração.

Várias reportagens foram feitas tanto por jornais locais quanto por outros órgãos da imprensa, e o próprio idealizador se surpreendeu com o sucesso do movimento. Gustavo Werneck, em reportagem para o Estado de Minas, escreveu sobre a extensão que tal fenômeno tomara em Itaúna:

Nas mãos fortes, o terço. No olhar seguro, a esperança. E no coração tranqüilo, a fé. Homens de diferentes idades e níveis de instrução se reúnem todas as quartas-feiras à noite, em Itaúna, na Região Centro-Oeste do estado, a 85 km de Belo Horizonte, para uma única missão: rezar. Deixando de lado o futebol na tevê e a cerveja do meio da semana, o grupo que anteontem chegou a 1, 3 mil pessoas, preenche por completo o espaço arborizado diante da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, conhecida na cidade, como Nossa Senhora de Itaúna. Músicas e orações pontuam o encontro, emocionante em todos os sentidos e programa obrigatório do público masculino da região. (**Estado de Minas**, 2007, p. 26).

Pode-se considerar o alcance deste fenômeno também em outras dimensões, dentre elas o aquecimento do comércio religioso com a venda de camisas, imagens e terços; o interesse de devotos de outras cidades para que o grupo de Itaúna ajude a implantar ali o terço dos homens; e a presença de membros de comunidades ligadas ao movimento carismático católico como a Canção Nova. Segundo Rinaldo,

A ligação com a Canção Nova é mínima. Fomos convidados para irmos lá rezar um terço através do Pe. Adilson que tem uma ligação com alguns membros de lá. Pe. Adilson acompanhou alguns membros da comunidade lá como diretor espiritual, portanto já é uma pessoa conhecida por algumas pessoas, inclusive o Eris Biondini, que teve a oportunidade de vir aqui e veio com muito carinho. Foi uma noite maravilhosa e ele se sentiu perplexo com o que viu, a ponto de convidar o pessoal para ir ao programa dele (...) Temos até um diretor espiritual que é o Dom Gil Antônio Moreira, Arcebispo na Arquidiocese de Juiz de Fora (MG), que é o representante do movimento junto à CNBB. Ele acompanha o terço e é um grande presente para nós. (*Entrevista a mim concedida em 24 jul. 2010*).

Dos padres da cidade, apenas o Pe. Nilo Caetano costuma frequentar o terço, mas o Bispo diocesano atual, assim como seu predecessor, já estiveram no evento e o apoiam. Sendo assim, o Terço de Itaúna pode ser considerado um acontecimento relevante tanto na vida da igreja quanto da comunidade: tanto por ser um jeito desse participante se sentir o provedor espiritual da família, como por talvez apontar mais uma nova forma de catolicismo popular, na qual Nossa Senhora de Itaúna exerceria a função de intermediária entre aqueles homens e Deus, ou ainda como uma “forma nova de lidar com a tradição no interior da própria Igreja Católica” (CARRANZA, 2000, p. 103).

Em abril de 2008 foi criado um site com o objetivo de divulgar o grande número de relatos de mudanças de vida. Não é um site atualizado com frequência, mas lá o padre recebe, diariamente, pedidos de orações bem como testemunhos diversos. Nesse site encontram-se as músicas cantadas no terço, textos variados e uma galeria de fotos. “Estão reformulando o site para uma melhor coleta de dados e, quem sabe, um dia, lançarem um livro com alguns testemunhos e contando essa bela história de uma maneira mais completa”, relata Christian.

Com o desenvolvimento do movimento foi também criada, em 29 de abril de 2009, uma associação beneficente: a Associação Filhos de Maria de Itaúna, idealizada pelo fundador do grupo, Padre Adilson. Sua intenção era tanto ampliar a atuação do grupo na sociedade quanto direcionar as arrecadações provenientes das vendas de camisas, DVDs, CDs, adesivos e de doações espontâneas. O propósito maior da associação é a fundação de uma casa para cuidar de dependentes químicos do sexo feminino. Segundo Pe. Adilson, “existem várias associações masculinas, mas femininas não”. De acordo com a Ata da reunião de abertura e posse da Associação Filhos De Maria De Itaúna a “mantenedora da casa de recuperação será a Associação *Filhos de Maria de Itaúna*, que também terá outros recursos como doação, pagamento de mensalidades pelas internas e outras formas de arrecadação”. Outras equipes foram criadas, dentre elas a equipe de consolação, cuja função é atuar nos velórios e visitar doentes, e as equipes de apoio para que as tarefas do terço sejam realizadas da melhor maneira possível e a oração transcorra de forma organizada, já que a reza, apesar de realizada somente às quartas-feiras, exige trabalho permanente.

A gravação de um DVD com o terço na íntegra também impulsionou o movimento. Além de o comprarem para levar para suas casas, os Filhos de Maria o compravam para presentear amigos e familiares de outras localidades. Com isto, o terço se espalhou com mais rapidez e a cada convite para levar o movimento para outras cidades o grupo ganhava mais visibilidade. Sandro acredita que o grande número de participantes se deve a vários fatores: à música que empolga, aos gestos que deixam a oração mais alegre e ao fato da oração ser rezada em conjunto e de forma muito fervorosa. Disse ainda, que, como estão apenas entre homens, não se importam de desafinar. Outro atrativo é o formato mais descontraído e a possibilidade de ir de bermudas e chinelos de dedos.

Protegidos pelas árvores que compõem o local, os Filhos de Maria se sentem totalmente à vontade seja para soltar a voz, seja para rezar, seja para cantar ou saudar e até para falar ao microfone no caso de alguma participação durante a recitação dos mistérios. Para Durkheim (1989), a Religião tem uma função social e sua essência é a divisão do mundo em fenômenos sagrados ou profanos. O sagrado se compõe de um conjunto de coisas, de crenças e de ritos e

o conjunto dessas crenças e ritos constitui uma religião. Logo, os interesses religiosos não passam da forma simbólica dos interesses sociais e morais e, por meio da adoração do totem ou Deus, os homens sempre adoraram a realidade coletiva. “Ninguém pode envolver-se em cerimônia religiosa de alguma importância sem se submeter a uma espécie de iniciação prévia que o introduza progressivamente no mundo do sagrado” (DURKHEIM, 1989, p. 374).

Ali na gruta, homens de todas as idades podem se candidatar a pegar o microfone e recitar uma Ave-Maria ou um Pai-Nosso. Mesmo que as palavras não sejam bem pronunciadas, devido a pouca idade ou a alguma limitação, a oração segue seu ritmo sem nenhuma dificuldade ou censura, afinal, “a oração se apresenta como a expressão normal da religião” (CINTRA, 1993, p. XV).

As músicas cantadas inicialmente eram as tradicionais como “Louvando a Maria” ou “Com minha mãe estarei”, todas bem conhecidas pelos católicos. Com o tempo, surgiram os folhetos com as músicas tradicionais e algumas especialmente compostas por Pe. Adilson para o movimento. Tanto as músicas tradicionais e bem conhecidas pelos católicos, e outras exclusivas, compostas pelo padre fundador do movimento, são cantadas com vigor e emoção e às vezes acompanhadas de gestos. São tocadas por membros do grupo, pessoas já acostumadas a participar de celebrações oficiais. A variedade de instrumentos e o entusiasmo do grupo, acompanhado por Pe. Adilson – ao som da gaita ou do violão – dá um tom sempre festivo à oração, exibindo uma tendência de “deslizamento” das celebrações mais formais para celebrações e ritos mais impetuosos e com gestos mais próximos de eventos profanos. No entanto, segundo Pe. Adilson, o grupo mais frequente não barra um Filho de Maria que deseje levar seu instrumento e participar. O local demarcado para eles, à esquerda do altar, foi provido de várias tomadas para a instalação dos equipamentos e o grupo chega cedo para fazer os últimos ajustes.

Curiosamente, nenhuma das músicas se refere a *Nossa Senhora de Itaúna* de forma específica. Dentre os hinos executados, vários ressaltam a intercessão de Maria, outras proclamam o amor filial a ela, outras a importância de Jesus e ainda a grandiosidade de Maria. Chama à atenção a valorização da alegria e disposição dos homens para rezar.

Hoje a noite é toda especial/ pois vou rever amigos e irmãos. /Nem cansaço me segura no sofá/ e nenhum programa de televisão... Coberto pelo manto de Maria/ as lágrimas não posso evitar. O homem também chora de alegria/ e ora para Deus abençoar.

Nos trechos grifados, é possível perceber que a música foi feita para os Filhos de Maria, para o homem que ora em prol da união da família, que sabe de sua responsabilidade, o homem que não tem vergonha de ir para o local do culto com o terço nas mãos, o homem que não se importa em expressar seus sentimentos. As músicas exclusivas retratam um estilo mais moderno de masculinidade, o homem que se permite chorar, o homem que pede e confia na proteção, que valoriza e se compromete com a pertença a um grupo.

Um dos momentos mais marcantes do ritual ocorre quando a enorme bandeira circula pelo grupo. “O manto”, como eles a chamam, substituiu o oratório que, no início do movimento, circulava entre os Filhos de Maria. Devido ao crescimento do movimento, tornou-se inviável que todos conseguissem tocá-lo e, por isso, criou-se o manto. Segundo Christian,

enquanto éramos poucos homens, o próprio Pe. Adilson passava entre nós com o oratório erguido para que os homens pudessem contemplá-lo e tocá-lo. Quando o número foi aumentando, não dava mais para fazer isso. Aí ele teve a ideia de confeccionar o manto. Foi uma alusão aos grandes "bandeirões" que as torcidas de futebol usam nos estádios. Foi uma das coisas mais emocionantes que já vi no terço. A primeira vez que o manto passou, foi uma surpresa para todos. Nunca vi tanto homem junto chorar! (Entrevista feita por mim em 04 out. 2010)

A importância de tal objeto pode ser mensurada pelo comportamento do próprio padre: ao substituir o manto por um maior, o padre cortou o primeiro em pedaços de modo a transformá-lo no que ele batizou de “Relíquia do manto”, que nada mais é que um cartão plastificado contendo uma pequena parte do manto. A justificativa para o ato é que, deste modo, os Filhos de Maria poderiam ter o manto sempre perto de si.

O manto, espécie de capa, desde a antiguidade representa um recurso simbólico para expressar o alcance de quem o usa. No imaginário das pessoas em geral, apresenta-se impregnado de poderes mágicos ou sobrenaturais. No aspecto profano, ajuda a compor várias identidades: de nobres, de autoridades, da *miss* ao ser coroada, do campeão em algumas modalidades esportivas como a luta livre, e de diversos heróis como o Super Homem, Batman e mesmo Harry Potter. Em suma, é a veste da divindade, do soberano, do vencedor. E, não podemos nos esquecer, é um símbolo presente nas diversas iconografias de Maria desde os primeiros tempos do catolicismo: Maria é frequentemente representada, em imagens de glorificação, ascensão e coroação, coberta por um manto azul decorado com estrelas.

Um filme de grande sucesso na década de 1950, *O manto Sagrado*, tem como tema, como o próprio título revela, um manto, na verdade o manto que colocaram sobre Jesus a

caminho da crucificação. Não por coincidência, o tecido no qual se enrolam os bebês também recebe o nome de manto. Para Boff (1983), “o tema da Virgem mãe que protege com seu manto os filhos cala profundamente na psique e vem ao encontro da experiência de desamparo e de busca de aconchego, tão ausentes na vida humana” (BOFF, 1983, p. 226). Em Belo Horizonte um fato polêmico envolveu o manto da imagem de Nossa Senhora que se encontra na sede do Clube Atlético Mineiro. De acordo com Fabíola Andrade, repórter do programa Globo Esporte⁶¹, depois de perder várias partidas, um torcedor acusava aos dirigentes de ter atraído o azar para o clube por ter pintado o manto da santa de preto – a cor do time. Pressionados pela torcida, os dirigentes mandaram restaurar a cor original – azul, a cor do maior rival, Cruzeiro – e convidaram Dom Serafim, o arcebispo atleticano, para benzer novamente a imagem.

Conforme mencionado no capítulo em que se descreve o ritual, o grupo vem recebendo vários convites para participar da reza do terço e até mesmo para ajudar na implantação do movimento em outras cidades. Essa deferência consolida seu lugar de multiplicador da devoção ao rosário. Em setembro de 2009, cerca de 2.000 homens de Itaúna, com a presença de Dom Antônio Gil Moreira, Arcebispo de Juiz de Fora (MG), rezaram o terço no Centro de Evangelização Dom Hipólito de Moraes, na sede da Comunidade Canção Nova. Houve também o lançamento do CD **Filhos de Maria** e, nessa mesma viagem, os integrantes participaram do 1º Encontro Nacional do Terço dos Homens em Aparecida do Norte (SP).

O entusiasmo se mantém, apesar do número de participantes ter tão rapidamente ascendido e, depois, como é natural, ter diminuído, mantendo-se estável com o número aproximado de 1500 homens. Mesmo assim, de acordo com o próprio Pe. Adilson, “existem muitos grupos masculinos que se reúnem para rezar, mas nenhum com número tão avantajado como o grupo de Itaúna”. Os frutos são a “exportação” do formato do terço para outras localidades, a criação de uma Associação Beneficente, o costume de se rezar o terço em família ou em pequenos grupos, a contínua divulgação por meio dos fiéis e o sentimento de pertença que promove a motivação semanal do grupo.

Em Itaúna, o movimento, ao sugerir uma forma de institucionalizar a devoção mariana, oferece também aos seus Filhos uma oportunidade para excursões a outras cidades, para participar de programas de rádio e televisão e até da gravação de um DVD e de um CD. Quanto ao grupo, é provável que, mesmo que arrefeça, ainda assim deixará suas marcas como o movimento que fortaleceu a devoção da reza do terço entre os católicos e mostrou um jeito

⁶¹ Esta informação está disponível no site do programa mencionado (vide referências).

mais descontraído de dedilhar o rosário, a saber, com muita cantoria entoada apenas por vozes masculinas. O simples fato de se reunirem em um mesmo ambiente com a finalidade de rezar, de compartilhar gestos e palavras, de reafirmar sua pertença, já faz com que estes homens se sintam mais fortes e mais confiantes na proteção de Maria.

Pe. Adilson, ao fundar e permanecer à frente dos Filhos de Maria, usa um dos recursos mais tradicionais do catolicismo. Nas palavras do papa João Paulo II (2002), “o Rosário conserva toda a força e permanece um recurso não descurável na bagagem pastoral de todo o bom evangelizador” (2002, p. 24). Levando-se em conta o número considerável de homens que constitui o grupo, bem como a quantidade de grutas particulares já construídas e associadas ao hábito mais frequente de se rezar o terço, pode-se dizer que tal movimento tem sido um elemento revitalizador da fé católica em Itaúna.

4.4 Considerações sobre a questão de gênero

Não caberia concluir este capítulo sem uma breve consideração pela marca masculina do ritual acima descrito, por isso, inicio esta sessão com a abordagem de duas formas de masculinidade. A primeira está na capa da revista Veja, n. 2190, de 10 nov. 2010: O primeiro super-herói brasileiro. O ator Wagner Moura, estampado ali como o “Capitão Nascimento” do filme Tropa de Elite, é retratado como o atual herói dos brasileiros. Mas será este o modelo de homem que está se delineando na contemporaneidade? Um homem estressado, que não se dá bem com a família e com a sociedade e que usa de extrema violência para resolver problemas que parecem muito mais pessoais do que coletivos? A segunda reportagem é do jornal O Liberal de Belém (PA) e aborda ainda a masculinidade no sentido mais corrente:

O terço enrolado nas mãos lembra o gesto das antigas beatas, mas estamos falando de homens. Um grupo cada vez maior atraído pelo movimento do 'Terço dos Homens', iniciativa que tem arrastado uma multidão de homens para a Igreja Católica. 'O homem é naturalmente machista, tem menos sensibilidade e por isso mesmo mais dificuldade para aceitar o que não é racional. Como o terço sempre esteve associado às mulheres, a relação com os homens é um marco muito significativo para a fé católica', acredita o economista Antônio Fiock, 64 anos, coordenador do 'Terço dos Homens' na comunidade São José, braço da Paróquia de Nazaré no bairro do Umarizal, em Belém (PERES, 2010).

Não cabe aqui algum comentário sobre a capa da revista e nem sobre a reportagem, mas apenas (i) apresentar um olhar sobre a masculinidade e a questão de gênero, ilustrar, primeiro,

que o velho modelo dos nossos pais e avós já não serve mais, mas que, também, não está sepultado; (ii) segundo, destacar que a discussão sobre gênero e a religião aos poucos salta os muros das universidades e se estende por áreas da imprensa em geral. Nunes (2005) nos chama a atenção quanto à necessidade do avanço na discussão do tema, ao afirmar que “apesar de os estudos de gênero e religião terem aumentado em número e qualidade, ainda temos menos estudos críticos do que seria necessário e desejável”. (NUNES, 2005, s/p.)

Em geral usa-se gênero, que é um termo indicativo de uma construção cultural a respeito de um papel, como se este fosse sinônimo de sexo, termo que traz consigo a ideia de uma determinação biológica. Segundo Nunes (2005) “nos deparamos com o uso ambíguo do conceito de gênero, às vezes significando relações sociais, às vezes utilizado como sinônimo de sexo”. Entretanto, os dois termos não significam a mesma coisa.

Gênero é um conceito criado na década de 1970 no bojo dos movimentos feministas e procura explicitar que o sexo na esfera social não é determinado pelo sexo biológico. Dito de outra maneira, a sociedade é que constrói a diferença cultural entre homem e mulher, e esta diferença não depende somente de determinações físicas ou biológicas. O conceito de *gênero* é importante, pois procura mostrar que certos modelos de conduta e expectativas para homens e mulheres foram constituídos socialmente através dos tempos e que, na realidade, existem vários modelos de condutas, os quais variam de acordo com a época e o local, por exemplo, e, sendo assim, tais modelos podem ser mudados, diferentemente do que se apreende pelo conceito determinista expresso em sexo biológico.

A historiadora inglesa Joan Scott (1995) conceitua gênero como uma categoria útil à história e não apenas às mulheres ou às teorias feministas. Segundo esta autora, gênero é uma categoria de análise que se refere à construção e organização social da relação entre os sexos e que confere papéis sociais adequados aos homens e às mulheres. Opõe-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhe um caráter fundamentalmente social, definindo homens e mulheres em termos recíprocos e não separadamente, permitindo assim estudar e criticar a dominação masculina, cuja maior expressão histórico-cultural é o sistema do patriarcado.

A autora esclarece que a discussão de gênero inicia-se na perspectiva histórica, no modelo que vem sendo forjado há milênios, no qual, segundo Bourdieu (2007), nas divisões da ordem e das relações sociais de dominação e exploração instituídas sobre os gêneros,

cabe aos homens, situados do lado exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura a colheita, sem falar do

homicídio e da guerra, que marcam rupturas do curso ordinário da vida. As mulheres pelo contrário, estando situadas do lado úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêm ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos ou até menos invisíveis e vergonhosos (BOURDIEU, p.41, 2007).

Na sociedade ocidental, o estereótipo do homem forte, viril e poderoso e da mulher invisível, frágil, delicada e submissa perpassou a história e permaneceu no imaginário e nas relações sociais. Esse estereótipo de virilidade pura, que aguenta qualquer tranco, que não adoce e não chora, faz com que muitos homens se identifiquem como “o super”, o forte e racional, ao mesmo tempo em que lutam para se diferenciar de características atribuídas à mulher como a sensibilidade e o desamparo. Nesse tipo de masculinidade, o medo de não ser mais percebido como o sexo forte dá lugar à insegurança, geradora da angústia que o homem carrega nas costas e que continua o assombrando.

Na perspectiva de Pierre Bourdieu (2007), o trabalho de “diferenciação” a que homens e mulheres estão submetidos foi, até época recente, garantido por: Família, Igreja, Escola e o Estado: (i) à Família cabe o papel principal, pois é nela que precocemente se apresenta tal divisão; (ii) à Igreja, por sua estruturação completamente marcada por valores patriarcais e, principalmente, pelo dogma da inata inferioridade das mulheres; (iii) à Escola que, mesmo secularizada, mantém os pressupostos da representação patriarcal; (iv) ao Estado que regulamenta o patriarcado (p.103-105).

Alguns estudos que tratam a crise de identidade masculina apontam a solução a partir da desconstrução dos mitos patriarcais e da supremacia do masculino, modelo arraigado no imaginário tanto dos homens quanto das mulheres. Apesar das mudanças ocorridas no comportamento feminino e o conseqüente aparecimento da nova mulher, o descolamento do modelo imposto não tem sido fácil para os dois lados. Se o modelo antigo vem sendo questionado e desalinhado com a modernidade, também não está sendo fácil definir padrões que deixem tanto homens quanto mulheres mais à vontade e seguros. A questão não começa no modelo (ou falta) atual, mas sim no modelo desfeito pautado pela dominação/passividade. O caminho para se desvendar as questões poderá passar também pelos encontros em grupo, onde o clima de liberdade e descontração poderão favorecer os debates e as novas posturas mais adequadas à nova masculinidade. De acordo com Connell (1995), todas as sociedades contam com registros culturais de gênero, mas nem todas possuem o conceito de masculinidade (CONNELL, 1995, p. 67).

Com o avanço da inserção das mulheres no mercado de trabalho e sua maior visibilidade na família e na sociedade, cada vez mais se reconhece que a sociedade é pautada pelo padrão masculino e que inclusive, ou principalmente, as religiões, no sentido geral, e a católica, em

particular, são um campo de investimento masculino: o lugar do feminino restringe-se ao campo da prática religiosa, nos rituais e na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso, enquanto o lugar do homem permanece como o de definir normas e doutrinas. Apesar de muitas mulheres terem assumido o papel de provedoras e até de protetoras da família, esta circunstância veio apenas reiterar a supremacia masculina, e não elevar a mulher a um patamar de maior prestígio. As leis, as normas, as doutrinas ainda são criadas para as mulheres, mas considerando-as como o oposto dos homens. Segundo Nunes (1996),

quer se trate de estudos teológicos ou das ciências sociais, a população das comunidades aparece dividida segundo o corte clássico da sociologia das religiões, em clérigos e leigos. Nenhuma referência há ao fato de que esse clero é, na sua totalidade, masculino, o que implica a exclusão das mulheres e, portanto, uma clara relação de poder entre os sexos (NUNES, 1996, p.100).

Acreditamos que um dos projetos de estabelecimento de divisão das relações sociais a partir da perspectiva de gênero, pautado em movimentos exclusivos do masculino ou feminino, possam acelerar a edificação de um novo modelo de sociedade, mais justa e heterogênea. Deste modo, esses grupos exclusivamente masculinos e com um grande alcance na sociedade poderão trazer à luz a discussão tanto do atual lugar do homem quanto da mulher na igreja católica no Brasil, mudando a secular configuração que ainda prevalece.

5. CONCLUSÃO

Embora seja um movimento recente, o terço dos homens de Itaúna vem imprimindo uma grande marca no aspecto devocional dos católicos da cidade. Tanto o ritual quanto os desdobramentos como a construção de grutas particulares e a adesão de mais pessoas à reza do terço, demonstra o contato com as múltiplas formas de pertencimento ou adesão ao universo religioso na atualidade. As hipóteses iniciais que desencadearam esta pesquisa revelaram as relações existentes entre as aparições ocorridas a partir de 1955 e o ritual semanal da reza do terço. Ao mesmo tempo, os desdobramentos do fenômeno Filhos de Maria mostram a importância do movimento para a revitalização da fé católica em Itaúna.

O tema devoção mariana e aparições de Maria em Itaúna foi destacado para servir de cenário para o ritual da reza do terço por um grupo formado apenas por homens, um fenômeno significativo devido ao grande número de participantes, à revitalização do local das aparições há mais de cinquenta anos e também por ser considerado, hoje, por vários católicos da cidade, o maior movimento da igreja católica de Itaúna. Contudo, é importante salientar que a reza do terço apenas por homens vem se constituindo como uma nova força dentro da igreja católica, uma estratégia/recurso para tentar manter os fiéis diante da pluralidade de crenças que caracteriza a modernidade. Isto porque, como foi demonstrado, o terço, além de ser uma oração tradicional, conhecida e praticada pela maioria dos católicos, demarca firmemente a identidade dos fiéis católicos. Tal identidade, reafirmada pela reza do terço, reforça a comunhão desse grupo em relação a um dos três elementos explicitamente católicos – a figura do Papa, a eucaristia e a devoção mariana – bem como a pertença à Igreja Católica como um todo, em oposição às demais religiões/denominações.

Com o objetivo de analisar se tal ritual seria uma atualização dos acontecimentos da década de 1950 – aparições de Maria em Itaúna – ou se seria mais um movimento surgido a partir dos moldes de oração da Renovação Carismática Católica com o objetivo de revitalizar o catolicismo, a pesquisa se concentrou no grupo de Itaúna, denominado Filhos de Maria, sem se estender para outros grupos masculinos que também praticam a reza do terço. Ao analisar o ritual e, a partir de um estudo sociográfico dos participantes, a dimensão que se procurou destacar foi referente apenas ao ritual, à identidade do grupo como Filhos de Maria, enfim, às experiências vividas pelos participantes como integrantes deste grupo.

A pesquisa revelou que o movimento, ainda recente (iniciado em 2006), vem apresentando resultados significativos tanto em relação à revitalização do local quanto à

construção de uma identidade católica na comunidade: devido ao grande alcance do movimento na cidade, outros grupos se formaram – masculinos e mistos – e várias famílias estão construindo grutas em seus domicílios e reunindo familiares e amigos para a reza do terço. Uma das hipóteses que se levantou para explicar a força de tal devoção na região refere-se ao fato de o mito das aparições permanecer vivo no imaginário dos itaunenses, notadamente dos mais idosos: o hábito de ir à gruta do Bairro de Lourdes para fazer orações de agradecimento ou de petição, pegar da água que goteja sob a imagem de Maria ou até mesmo buscar um pouco de paz, há muito faz parte do cotidiano de homens e mulheres de todas as idades. Para muitos devotos itaunenses, aquele recanto foi o local escolhido por Maria para estar junto àqueles que nela acreditam e a ela confiam suas aflições e necessidades.

Esta dissertação mostrou que durante a reza do terço – na realidade o terço se constitui de um conjunto de rituais – os homens se comportam de forma bastante peculiar e ritualizada: a chegada em grupos uniformizados e *armados* com o terço; a saudação *Salve Maria*; os cânticos animados e a voz desinibida durante as orações; o esforço de todos, ao final, para tocar o manto gigantesco, símbolo de confiança no amor, na força, na proteção de Maria a todos os homens ali presentes. Este grupo, que se iniciou com 17 homens, chegou a 2000 participantes por semana – em dias comemorativos, a um número ainda maior – está por ora estabilizado, segundo os organizadores, em torno de 1500 homens. Como mostrou a entrevista do Pe. Amarildo (vide capítulo 3), muitos vão à missa regularmente, mas outros têm a reza do terço na gruta como única forma de expressar sua religiosidade. Em outras palavras, alguns integrantes seguem o adágio citado no segundo capítulo: “muita reza, pouca missa,/ muito santo, pouco padre”. Além de Padre Adilson Neres, fundador do movimento que permanece à frente do grupo, apenas Pe. Nilo Caetano habitualmente frequenta o culto. Curiosamente, o clero local parece respeitar a característica “não-oficial” e popular que tal devoção pede: os outros padres da cidade não frequentam o ritual, apesar do movimento congrega homens de todas as paróquias, até mesmo aqueles que usualmente não participam de suas celebrações ou qualquer acontecimento da igreja. Segundo dados informais, fornecidos pelo Pe. Adilson e também pelo Sr. Rinaldo, após o início da reza do terço pelos Filhos de Maria houve muitas conversões, mas houve, principalmente, o retorno ao *hábito de rezar*, mesmo que apenas uma vez por semana na gruta.

Não é raro ver pai e filho juntos. Uns levam os filhos pequenos, outros vão acompanhados do filho jovem e é muito comum ver também homens jovens levando idosos. Na gruta, o devoto homem se torna o representante de sua família: ele se encarrega não

apenas de orar pela união da família, mas também de trazer os pedidos e os agradecimentos, inclusive das mulheres – fato relatado na descrição do ritual – que não podem participar dos encontros dos Filhos de Maria. Como se pode ver nas faixas exibidas e nas declarações de intenções durante a oração, o devoto recorre à santa para proteção nos conflitos familiares, nas atribulações afetivas, sociais e profissionais e nas angústias geradas por transtornos na saúde. Por motivos práticos, foi decidido entre os organizadores que não haveria relatos orais durante o terço, mas há um livro no qual as intenções são anotadas por um voluntário e lidas no início do ritual. O devoto, ao deixar por escrito suas intenções naquela noite, deixa gravada sua crença na força do ritual. Ele não somente conta com o poder da oração do grupo, como também se emociona no momento em que alguém relata, ou coloca nas intenções, o agradecimento a uma graça alcançada. As noites de quarta-feira passaram a ser, para esses homens, além de momento de socialização, momento de reflexão, de proximidade com Maria, de vestir a camisa branca para anunciar sua afiliação ao movimento e também de recorrer à força da oração para superar ou amenizar as dificuldades enfrentadas pela família.

Em suma, a dissertação (i) partiu da devoção à Maria, da expressividade do culto entre os católicos e da força que a sacralidade da mulher exerceu sobre a sociedade desde a antiguidade; (ii) mostrou algumas formas de culto a Maria e como as aparições contribuem para reforçar a fé católica; por meio de transcrições parciais de relatos dos devotos referentes à aparição (iii) mostrou a crença dos fiéis de que Maria escolhera o local no qual os devotos poderiam estar mais perto dela, a maneira como a gruta se transformou em um local para cultos pessoais e oficiais; (iv) revelou também a força que a reza do terço exerce na prática do catolicismo, procurando-se compreender como o culto vem se mantendo e quais crenças, nem sempre explicitadas, convergem para agregar os Filhos de Maria.

Deste modo, a partir da observação do ritual e também de pesquisas e entrevistas realizadas durante os anos de 2009 e 2010, foi possível compreender que esses homens não estão ali apenas recitando as tradicionais orações que, em conjunto, formam o terço: para além do significado religioso, ser um Filho de Maria representa ter uma identidade, assumir um papel determinado na sociedade da qual se faz parte. O distintivo identitário – alcançado por meio de vários passos, como a frequência semanal, a saudação *Salve Maria*, o jeito descontraído de rezar e cantar e também pelo uso de símbolos concretos como a camisa do movimento e o terço – de imediato norteia a possibilidade do participante se destacar na sociedade e de reafirmar sua pertença à religião católica. Outro ponto relevante é a possibilidade do Filho de Maria participar de eventos em outras cidades, de entrevistas dos líderes para jornais escritos, a participação em programas de TV e a gravação de um DVD.

Dito de outro modo, fora do movimento, muitos daqueles homens não teriam a chance de tais participações. Logo, o movimento propicia ao Filho de Maria uma espécie de inclusão social masculina: a participação ativa no ritual, a oportunidade de atuar em diversas atividades do grupo, como visitas a enfermos – dentro do contexto da Associação Filhos de Maria de Itaúna – bem como diversas atividades sociais mencionadas acima, redefine o lugar ocupado pelo homem na família e na igreja católica.

A sequência de orações que forma o terço é entremeada a cantos variados, movimentos do corpo e, às vezes, a gestos mais usuais, por exemplo, em estádios de futebol – como o caso da “ola” feita no dia do aniversário de quatro anos do ritual e a grande bandeira por eles denominada de manto – elementos que deixam o culto mais alegre e descontraído. O terço dos homens de Itaúna é um culto mais carregado de emoção, mais alegre e descontraído, prega valores caros ao catolicismo, principalmente uma grande devoção a Maria.

A recitação do rosário, mesmo sendo uma oração considerada cristocêntrica pelo Papa João Paulo II, evoca nos devotos em geral a figura de Maria, a mãe de Jesus, integrando assim uma perspectiva materna menos racional ou formal, como a adotada nas celebrações litúrgicas, mais objetivas. Dito de outro modo, o culto oficial é definido pela instituição, ao contrário dos cultos populares nos quais o devoto estabelece um contato direto com o santo, sem a necessidade de nenhuma intervenção do representante da instituição. Por exemplo: nas festas litúrgicas “oficiais”, como Imaculada Conceição, destinadas a homenagear Maria, são feitas leituras específicas para o momento e os hinos são destinados a louvar e reforçar o dogma ou a iconografia.

A pesquisa mostrou que o ritual da reza do terço pelos homens de Itaúna não se pauta por uma sequência rígida e precisa, excetuando-se, obviamente, o encadeamento das orações. Ao contrário, o ritual foi se transformando ao longo do tempo de modo a se adaptar ao número de participantes e aos acontecimentos: foi o ritmo do crescimento que ditou a cadência do ritual e não as normas da instituição ou o desejo dos organizadores.

Trajado com sua camisa branca estampada com a imagem de Maria e reafirmando sua fé na oração para unir a família, o Filho de Maria adquire uma identidade católica e passa a pertencer a um grupo protegido, envolvido, tocado pelo manto de Maria. Um grupo que se consolidou na cidade e que expressa sua devoção principalmente por meio de cânticos e orações acompanhadas de gestos descontraídos, pouco usuais nas celebrações oficiais. Um fragmento do manto usado no ritual por quatro anos – e substituído por um novo, bem maior – foi transformado em “reliquia” pelo padre fundador que sugeriu aos devotos colocarem-no dentro da carteira, de modo que Maria pudesse estar o tempo todo com eles. O poder do

manto, tão explorado em vários contextos, foi usado para simbolizar a constante proteção de Maria a esse grupo de homens que semanalmente frequentam o ritual, proteção de que necessitam para enfrentar as dificuldades que a contemporaneidade lhes apresenta.

A conversão sugerida na mensagem que se encontra na placa instalada no local não faz parte do *ritual da reza do terço. Nossa Senhora de Itaúna* empresta sua imagem e o local, que, segundo a fé dos devotos, ela mesma escolheu para com eles estar. Nas músicas compostas pelo padre, especialmente para serem cantadas durante o rito, não se menciona o nome da aparição e nem a mensagem que se tornou o símbolo da Gruta de Itaúna. A iconografia ainda recente parece não ter sido totalmente incorporada ao imaginário dos devotos locais e outras denominações, como a imagem de *Nossa Senhora de Fátima*, estampada na camisa ou nos objetos alusivos ao movimento pelos organizadores, não suscita questionamentos entre os participantes: são Filhos de Maria, independente da denominação que ela assuma! A iconografia, entronizada apenas em 2002 e mais divulgada agora com o terço dos homens, com certeza alcançará um novo patamar no imaginário de seus devotos. Logo, os Filhos de Maria, mesmo utilizando de outras iconografias, são os maiores divulgadores do local e do culto direcionado especificamente a *Nossa Senhora de Itaúna*.

Quanto à crença de que o movimento Filhos de Maria seria o cumprimento da mensagem dita por Maria ao Sr. Ovídio – ... *Erguei o altar, orai com fé e vereis o milagre da conversão* – há ressalvas: de acordo com dados empíricos, os Filhos de Maria não podem ser considerados um grupo de convertidos, pois eles não eram homens sem religião ou pertencentes à outra denominação religiosa. Parte desse grupo, inclusive, participa de cultos oficiais regularmente, mas existem ali alguns homens que, por terem sido criados dentro da tradição católica, conservam a fé em Maria, mesmo que não institucionalizada, e mantém alguns hábitos como o de rezar. Na explicação do padre Adilson, houve algumas conversões, mas muitos participantes do ritual ainda não frequentam as celebrações oficiais.

Ser um Filho de Maria afigura-se, então, como a possibilidade de (i) mostrar a “grandeza de Maria” para a cidade; (ii) participar de cultos mais emotivos e descontraídos segundo o modelo do movimento carismático; e (iii) contribuir para a revitalização do catolicismo na região. Mas seriam esses os motivos centrais para a adesão tão pronunciada? Em outras palavras, o movimento, obviamente, faz-se em torno da crença e devoção à Maria, mas, por meio de suas práticas rituais não possibilita, acima de tudo, a busca de uma nova maneira, um novo lugar para os integrantes desse grupo se inserir na família, na igreja e na sociedade? Ou, ainda, não seria o fator motivador e agregador, que torna a noite de quarta-feira um dia especial para tantos devotos, a possibilidade da afirmação de uma (outra)

identidade masculina? Não se descarta que a participação no grupo seja uma forma carinhosa de zelar pela família ou em favor dos deserdados como um todo. Mas, por outro lado, não se pode deixar de lado que tal militância traz à visibilidade o poder masculino e, a tentativa destes devotos para preservar uma característica tão arraigada e inequivocamente propagada por meio das religiões cristãs – afinal, Deus é, em termos iconográficos e conceituais, masculino – poderia ser o atrativo que mantém o número tão elevado de participantes no movimento?

Entendemos, portanto, que o primeiro passo para relacionar gênero e modernidade é desconstruir o modelo hegemônico de masculinidade, revestido pela religião como lei divina. Quando a instituição religiosa supervaloriza os atributos da masculinidade, ela não está apenas dando instruções sobre como ser homem, ela está afirmando que, em oposição a estas questões, está “o outro lado da moeda” – a mulher, ainda culturalmente construída como o oposto a tudo aquilo que o homem (deve) representa(r).

Logo, essa dissertação traz a discussão de um tema pouco explorado: a presença do devoto masculino nos rituais da igreja católica, uma instituição que ainda mantém a masculinidade como categoria sacralizada. Acostumados ao lugar de comando na instituição, os homens, a partir do movimento terço, trazem a proposta de comprometimento com a oração, com a evangelização, com a mudança de vida e com a transformação do ambiente em que vivem e trabalham. Talvez seja mesmo o momento do homem mudar, indo em busca de novas realizações, buscando novas formas de se envolver com outros assuntos, dentre eles a religião, ao procurar desenvolver mais a sua sensibilidade, interessar-se mais pelo cotidiano da família e exibir, sem medo, suas emoções.

Independente da perda da hegemonia da religião católica no Brasil, ela está culturalmente inserida na sociedade e, dado o expressivo número de fiéis bem como à visibilidade dos grupos exclusivamente masculinos a integrar o novo cenário do catolicismo, poderemos suspeitar que novas discussões e novas janelas se abram para o tema. Deixa-se a expectativa de vida longa ao movimento e que ele possa ser mais uma possibilidade de se discutir as questões de gênero e o lugar do homem e da mulher no interior da instituição católica, assim como em outras instituições, para que ambos possam alcançar pleno reconhecimento como atores sociais do século que se inicia.

REFERÊNCIAS

- A TRIBUNA DE MATO GROSSO. **Homens criam grupo para rezar o terço**. Disponível em: <<http://www.atribunamt.com.br/geral/homens-criam-grupo-para-rezar-o-terco/>>. Acesso em: 10 out. 2008.
- ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003. 176 p.
- ALVES, Rubem A. A volta do sagrado: os caminhos da sociologia religiosa no Brasil. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 109-141, out 1978.
- AMARAL, Leila. **Carnaval da alma**: comunidade, essência e sincretismo da Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**: aspectos históricos. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BALTHAZAR, Hans Urs Von *et al.* **O culto a Maria hoje**: subsídio teológico pastoral elaborado sob a direção de Wolfgang Beinert. São Paulo: Paulinas, 1979.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. A devoção a nossa Senhora e as transformações sociais. **Revista Vida Pastoral**, São Paulo, n. 122, p. 29-35, maio/jun. 1985.
- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOFF, Clodovis. Visão social da figura de Maria: uma síntese. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 63, n. 250, p. 354-372, abril/jun. 2003.
- BOFF, Clodovis. Re-partir da realidade ou da experiência de fé? Propostas para a CELAM de Aparecida. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 67, n. 265, p. 5-35, 2007.
- BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOFF, Leonardo. **Igreja**: carisma e poder. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Crença e identidade. *In*: **Catolicismo**: unidade religiosa e pluralismo cultural. São Paulo: Loyola, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Juanito de Souza. Mito, rito e religião. *In: Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A sociologia da religião de Daniele Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. *In* TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 249-270.

CANÇÃO NOVA. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com>. Acesso em: 10 dez. 2010.

CARRANZA, Brenda Maribel Dávila. **Renovação Carismática católica: origens, mudanças e tendências**. Aparecida: Santuário, 2000.

CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (orgs.). **Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Aparecida: Idéias e Letras, 2009.

CESCA, Olívio. **Medjugorje urgente: As aparições de Nossa Senhora na ex-Iugoslávia**. Porto Alegre: Ed. Sec. Rainha da Paz, 1994. 15ª. ed.

CHAGAS, Cipriano. **Pentecostes é hoje!** Um estudo sobre a Renovação Carismática Católica. São Paulo: Paulinas, 1977.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história de Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. *In: Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 58-75.

CINTRA, Raimundo; MURARO, Rose Marie. **As mais belas orações de todos os tempos**. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 1993. 7ª. ed.

CIPOLINI, Pedro Carlos. A devoção mariana no Brasil. **Revista Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 36-43, jan/abr 2010.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **A mensagem de Fátima**. São Paulo: Paulinas, 2000.

CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

COX, Harvey Gallagher. **A cidade do homem**. Tradução de Jovelino Pereira Ramos e Myra Ramos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. 2 ed.

COYLE, Kathleen. **Maria na tradição cristã: a partir de uma visão contemporânea**. São Paulo: Paulus, 1999.

DOUGHERTY, Pe. Eduardo. O louvor pela meditação do Rosário. **Boletim mensal da Associação do Senhor Jesus**, Campinas, n. 91, p.1, out 1996.

DURKHEIM, È. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ELIÁDE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR. Rosário. Disponível em: <<http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>>. Acesso em: 15 out. 2010.

ENGEL, Jean Marie. PALANQUE, Jean-Rémy. **O Império Romano**. Tradução de Niko Zuzek. São Paulo: Atlas, 1978.

FAZENDA DA ESPERANÇA. Disponível em: <<http://www.fazenda.org.br>>. Acesso em: 05 dez. 2010.

FERREIRA, Amauri Carlos. A vila: vozes antigas em tempos modernos. **Caderno de Ciências Sociais**, Belo Horizonte, v.5, n.8, p. 19-28, dez 1997.

FILHOS DE MARIA. Disponível em: <<http://filhosdemariaitauna.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

GAZETAONLINE.GLOBO.COM. Disponível em: <gazetaonline.globo.com/_.../624020-acompanhe+online+a+romaria+dos+homens.html>. Acesso em: 07 mar. 2011.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. **Maria, mãe de Deus e dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMIDE, Sebastião Nogueira. **Estranhos acontecimentos na Vila Mozart**. Folha do Oeste, Minas Gerais, Itaúna, 27 jul. 1955, p. 1.

GUIMARÃES Filho, José Luiz. **Nossa Senhora de Itaúna**. Itaúna: Gráfica São Lucas, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/comentarios.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2010.

ITAÚNA EM DADOS. Disponível em: <www.viafanzine.jor.br/site.../itauna_dados_ap.htm>. Acesso em: 05 jul. 2010.

JACQUES, M. G. C. Identidade. In: M. N. Strey *et al.* **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 159-167.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Rosarium Virginis Mariae**. São Paulo: Paulinas, 2002.

JORNAL NACIONAL. Edição de 07 mar. 2008: <video.globo.com/.../0,,GIM799827-7823-QUANDO+MISSA+E+COISA+PRA+HOMEM,00.html>. Acesso em 07 mar. 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LARRAÑAGA, Inácio. **O silêncio de Maria**. Tradução de José Carlos Correa Pedroso. São Paulo, Paulinas, 1987.

LAURENTIN, René. **Apariciones actuales de La Virgen María**. Madrid: Ediciones Rialp, 1991.

LAURENTIN, René. **Breve tratado de Teologia Mariana**. Tradução de Rose Maria Muraro. Petrópolis: Vozes, 1965. 4. ed.

LAURENTIN, René. **Prolongamento das aparições em Medjugorje: Misericórdia por um mundo em perigo?** Tradução de Napoleão Lopes Filho. São Paulo: Secretariado de Nossa Senhora Rainha da Paz, 1987-1988.

LEGIÃO DE MARIA. Disponível em: <www.legiomariae.kit.net/>. Acesso em: 25 abr. 2010.

LEMOS, Carolina Teles. Maternidade e devoções marianas: âncora na manutenção das desigualdades de gênero. *In*: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). **Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 81-112

LEMOS, Fernanda. A representação social da masculinidade na religiosidade contemporânea. **Revista do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL**. Disponível em: <www.metodista.br/.../a-representacao-social-da-masculinidade-na-religiosidade-contemporanea/>. Acesso em: 05 jan. 2011.

LIBÂNIO, Pe. João Batista. **A volta à grande disciplina**. São Paulo: Loyola, 1984.

LIBÂNIO, Pe. João Batista. Identidade na Pós-modernidade. **Revista Interlocução**, v.1, n.1, p.2-12, Ago./Set./Out. 2009.

LIBÂNIO, Pe. João Batista. Hora do Ângelus. Disponível em: <www.jbllibanio.com.br/modules/.../article.php?...157>. Acesso em: 04 fev. 2011.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **História de Nossa Senhora em Minas Gerais: origens e principais invocações**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2008.

MARIZ, Cecília Loreto. Aparições da virgem e o fim do milênio. **Ciências sociais e religião**, Porto Alegre, Ano 4, n 4, p. 35-53, 2002.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização**. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.

MAUSS, Marcel. A prece. *In*: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 229 - 324

MENDES, Maria Lúcia. **O mistério da nuvem dourada** (aparições de Nossa Senhora de Itaúna - MG). Divinópolis: Express, 2005.

MENEZES, Renata de Castro. Marcel Mauss e a sociologia da religião. *In*: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 94-124.

MOHANA, João. **Descubra o valor do terço**. São Paulo: Loyola, 1977.

MOREIRA, Eugênio. **Devoções que não se misturam**. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, 19 mar. 2009, p.44.

MOURÃO, Constância Menezes Vilela. **Nossa Senhora de Itaúna** – Relatos vivenciados. Itaúna: Gráfica Marimelo, 2006.

MUHLEN, Heribert. **Fé cristã renovada**: carisma, espírito, libertação. São Paulo: Loyola, 1980.

MURAD, Afonso Tadeu. **Quem é esta mulher?** Maria na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1996.

MURAD, Afonso Tadeu. **Religiosidade Popular**: devoção do povo a serviço da fé. Entrevista ao *Jornal Interagindo com Fátima*, n. 10, out. 2010. Disponível em: <www.paroquiadefatima.com.br>. Acesso em: 05 dez. 2010

MURAD, Afonso Tadeu. **Toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas, 2004.

MURAD, Afonso Tadeu. Visões e aparições. Por que e para que? **Revista Vida Pastoral**, São Paulo, ano 37, n. 191, p. 15 - 23, nov./dez. 1996.

MURAD, Afonso Tadeu. **Visões e aparições**: Deus continua falando? Petrópolis: Vozes, 1997.

NERES, Padre Adilson. **Filhos de Maria**. Belo Horizonte: Studio Dominus, 2009. 1 CD

NOGUEIRA, Guaracy de Castro. Uma história para se chegar ao Padre José Neto. *In*: **Pe. José Neto**: sua vida e sua obra. Itaúna: Ville, 1997.

NUNES, Maria Jose Rosado. Gênero, saber, poder e religião. *In*: ANJOS, Márcio Fabri dos. **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Loyola, 1996.

NUNES, Maria José Rosado. **Gênero e Religião**. 2005. Disponível em: <<http://www.scieio.br/pdf/ref/v13n2/26888.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2010

OLIVEIRA, Paola Lins de. Circulação, usos sociais e sentidos sagrados do terço católico. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 29, p. 82 - 115, 2009.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. O Catolicismo do povo. *In*: AZZI, Riolando *et al.* **A Religião do Povo**. São Paulo: Paulinas, 1978. p.72 - 80.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Religiosidade popular na América Latina. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 32, fasc. 126, jun. 1972.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Catolicismo popular e mudança social**. CEI Suplemento. Religiosidade Popular, n. 12, p 3-11, set. 1975.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 36, fasc. 41, p.131-141, mar. 1976.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. CEBs, carismáticos católicos e transformação social. *In*: Sociedade de teologia e ciências da religião (Org.). **Religião e transformação social no Brasil hoje**. São Paulo: Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro; VALLE, J. Edênio; ANTONIAZZI, Alberto. **Evangelização e comportamento popular**. Petrópolis: Vozes, 1978.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

PERES, Anna: Movimento leva de volta às igrejas multidões de fiéis em busca de paz. **Jornal O liberal**. Belém (PA) 12 dez 2010. Disponível em: <www.orm.com.br/oliberal/interna/default.asp?modulo=247&codigo...>. Acesso em: 03 fev. 2011.

PIERUCCI, A. F. “Bye bye, Brasil”. O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados USP** (Dossiê Religiões no Brasil), São Paulo, v. 18, n.52, p. 17-28.

PINKUS, Lúcio. **O mito de Maria**: uma abordagem simbólica. São Paulo: Paulinas, 1991.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de Bibliotecas. **Padrão PUC Minas de normalização**: normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/biblioteca>>. Acesso em: 22 jan. 2011.

PORTAL DO SANTO DAIME. Disponível em:< juramidam.jor.br/verdade/01_cap4_frame.html>. Acesso em: 21 abr. 2010.

RAHM, Haroldo J.; LAMEGO Maria J. R. **Sereis Batizados no Espírito**. São Paulo: Loyola, 1972.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA (RCC). Disponível em:< www.rccbrasil.org.br/> . Acesso em: 05 jul. 2010.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papyrus, 1991.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Novos movimentos religiosos na igreja e na sociedade**. São Paulo: Ave Maria, 1996.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v.1, n. 2, p. 28-43, 1997.

SANCHIS, Pierre (org). **Fiéis e cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

SANCHIS, Pierre. No mapa das religiões há lugar para a religiosidade? **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 30 p.11-26, out. 2001.

SANTO DAIME. Disponível em: <juramidam.jor.br/verdade/01_cap4_frame.html> Acesso em: 21 abr. 2010.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre: ED. UFRGS, v.20, n.2, jul/dez, p.71-99, 1995.

SILVA, Rui Alberto. **O tempo dos tempos de Maria**. Hipóteses sobre o "Paradoxo Mariano". 2006. Disponível em: <br.monografias.com/...mariano/paradoxo-mariano.shtml> Acesso em: 23 jul. 2009.

SOUZA, Iracema Fernandes de. **Itaúna através dos tempos: 1901 – 1981**. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1984.

SOUZA, Miguel Augusto Gonçalves. **Capítulos da história itaunense**. Itaúna: Universidade de Itaúna, 2001.

SOUZA, Miguel Augusto Gonçalves. **Histórias de Itaúna**. Belo Horizonte: Littera Maciel, 1986. 2 v.

SOUZA, Ovídio Alves. Relato sobre as aparições de Nossa Senhora de Itaúna “Maria Virgem Imaculada”. Itaúna, 2001.

STEIL, C. A. Aparições de Nossa Senhora, Tradição e Atualidade. **Revista Grande Sinal**, Petrópolis, v. XLIX, p. 545-555, set/out 1995.

STEIL, C. A. Aparições marianas contemporâneas e carismático católico. In: **Fiéis e Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

STEIL, Carlos Alberto; LORETO, Cecília Mariz; REESINK Mísia Lins (orgs). **Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SUBSÍDIOS DOUTRINAIS DA CNBB. **Aparições e revelações particulares**. São Paulo: Paulinas, 2005.

TERÇO DOS HOMENS. **Manual do Terço dos Homens**. Disponível em: < <http://www.tercodoshomens.com.br>>. Acesso em: 05 nov. 2010.

TERÇO DOS HOMENS MÃE RAINHA (THMR). Disponível em: < <http://www.tercodoshomensmaerainhace.org.br/artigos/livro.html>>. Acesso em: 05 nov. 2010.

TERRIN, A. N. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004a.

TERRIN, A. N. **Antropologia e horizontes do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2004b.

TURNER, Victor Witer. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VALLE, Edênio. Aspecto psico-grupais do comportamento religioso-popular. *In*: **Religião e Catolicismo do Povo**. Curitiba: Studium Theologicum, 1977. p. 73-96.

VALLE, Edênio. Psicologia social e catolicismo popular. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 36, fasc. 141, p. 171-188, mar. 1976.

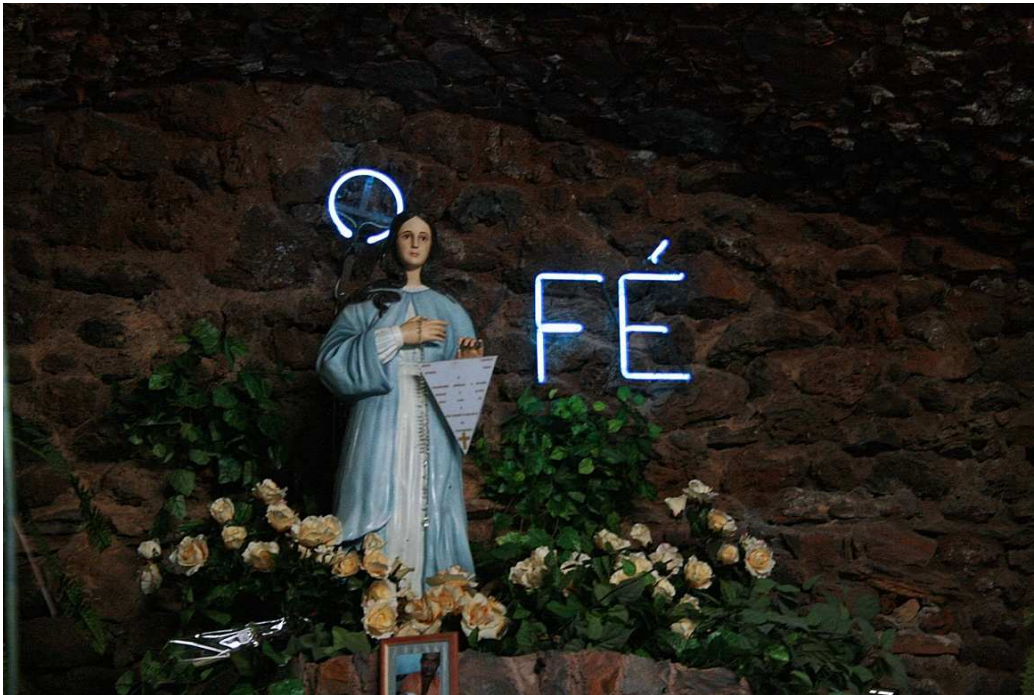
WERNECK, Gustavo. **Homens de Fé**: Veneração a Nossa Senhora reúne multidão masculina em gruta de Itaúna, no Centro-Oeste do estado, todas as quartas-feiras à noite. Estado de Minas, Belo Horizonte, 04 mai. 2007, p. 26.

APÊNDICES

APÊNCIDE A – Mapa de Itaúna



Figura 1: Itaúna, localizada a 79 km de Belo Horizonte e a 41 km de Divinópolis. Mapa saindo de Belo Horizonte .

APÊNDICE B – Fotos de arquivo pessoal**Foto 1:** Nossa Senhora de Itaúna**Foto 2:** Dom Tarcísio, Bispo da Diocese de Divinópolis

APÊNDICE C – Fotos de arquivo pessoal: reza do terço em Itaúna, no dia 04 ago. 2010, conforme descrição no cap. IV.





APÊNDICE D – Fotos de arquivo pessoal: Gruta de Nossa Senhora de Itaúna

